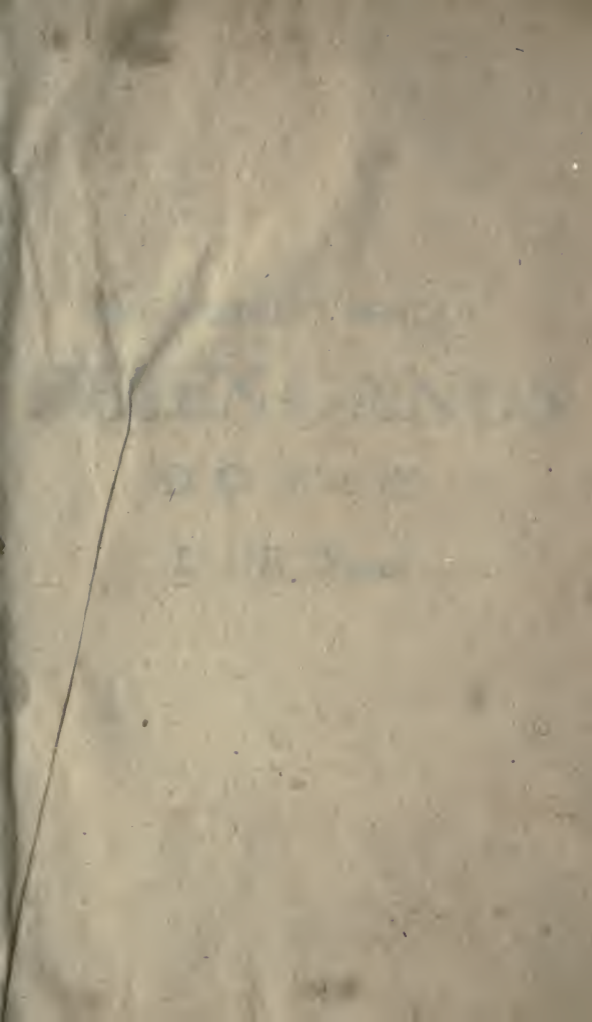


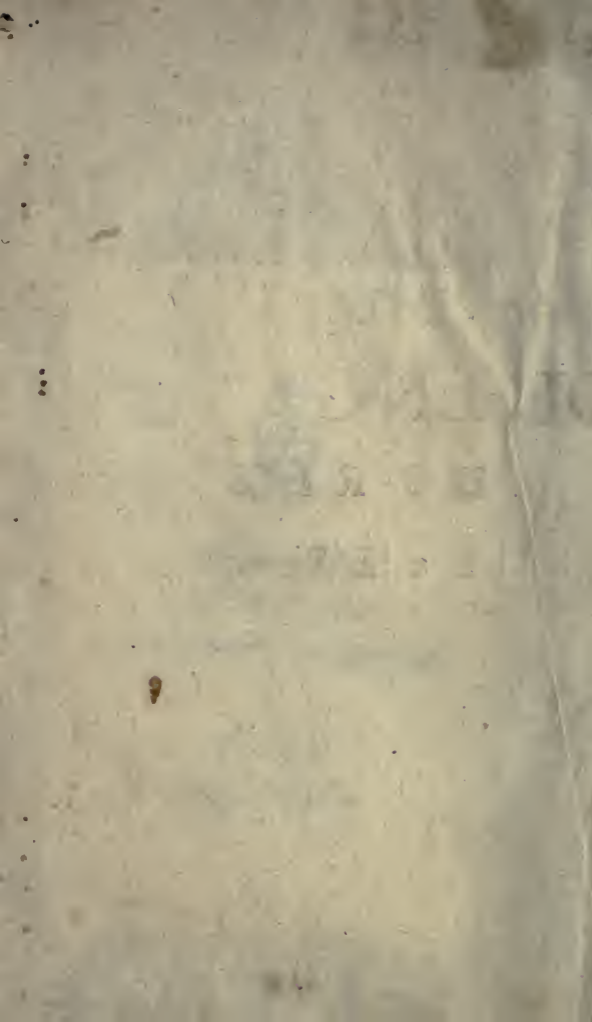


RB186,000



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton





ENGANOS DO BOSQUE,

DESENGANOS

D O R I O.

I. e II. Parte

DESENGANOS DO RIO

Primeira e segunda Parte

AUTORIA A M. R. MADRE

MARIA DO CÉO

DESENGANOS DO RIO
PRIMEIRA E SEGUNDA PARTE

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

DESENGANOS DO RIO

ENGANOS DO BOSQUE,
DESENGANOS DO RIO

Primeira, e Segunda Parte.

AUTORA A M. R. MADRE

MARIA DO CÉO

RELIGIOSA, E DUAS VEZES ABBADESSA DO

*Religiosissimo Mosteiro das Senhoras da Esperan-
ça da Provincia de Portugal.*

JOITAVO TOMO.

AO M. R. PADRE MESTRE

Fr. LOURENÇO,
De Lancastrô, &c.

Pela costumada diligencia, e grande zelo do
P. FRANCISCO DA COSTA
Do Habito de S. Pedro, o qual ja tem dado ao
Prelo varios Tomos das obras da mesma
Autora, e todos à sua custa.



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

Com todas as Licenças necessarias.

Anno 1741.

ESTADOS DO BRASIL

DESENHOS TO RIO

DESENHOS TO RIO

DESENHOS TO RIO

MARIA DO CÉU

MARIA DO CÉU

MARIA DO CÉU

MARIA DO CÉU

MARIA DO CÉU

MARIA DO CÉU

F. LOURENÇO

Del. Augusto

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

F. LOURENÇO

AO M. R. PADRE MESTRE

Fr. LOURENCO, O
DE LANCASTRO,

Monje de Cister na Real Congregação
de Alcobaça, Abbade do Mosteiro do
Desterro, e agora Definidor de toda a
Familia Cisterciense.

M. R. P. MESTRE.

N A protecção do gran-
de, e Illustrissimo Nome de
V.P.M.R. dou este livro á
* ii luz

luz do mundo. Para hum
engenho tão elevado, como
o da Madre Maria do Ceo,
conhecida, e celebrada em to-
do este Reyno pela sua piissi-
ma discricão sô se devia de
procurar para as suas obras
hum Mecenas, que lhe cor-
respondesse na grandezza do
sangue, e na da prudencia.
Tudo achei na pessoa de V.
P. M. R. porque todos sabem
que pela nobreza do san-
gue hê sexto neto do Senhor
Rey D. Joaõ o II. de Por-
tugal, como filho do Senhor
D. Joaõ de Lancastro, que
por huma continuada serie
de

de Excellentissimos Avòs e-
ra ramo daquelle soberano
tronco. Pela delicadeza do
juizo não menos , como se
tem visto nos lugares que
tem occupado na sua Reli-
gião , e no que actualmente
exercita de Definidor , para
que sempre se elegem as pes-
soas de mayor prudencia ,
pois do seu conselho , e voto
depende a felicidade do go-
verno , cuja melhor admi-
nistração està muitas vezes
nas observações com que se
dispoem os successos futuros,
o que só póde fazer hum
entendimento claro , agudo,
e pers-

e perspicaz. Aceite Vossa
Paternidade muito Reve-
renda este devido obsequio
da minha veneraçãõ, para
que amparado este livro com
o seu patrocínio, se não a-
trevaõ os Criticos a fazer-
lhe aquellas Censuras, que
mais são effeitos da enve-
ja, que da razãõ. Deos
guarde a Vossa Paternida-
de muito Reverenda.

Criado de V. P. M. R.

Antonio Isidoro da Fonseca.

PRO:

PROLOGO.

LEitor amigo, ou inimigo. Temos chegado ao Oitavo Tomo das incomparaveis obras da M. R. Madre Maria do Ceo Religiofa, e duas vezes Abbadessa do Religiofissimo Mosteiro das Senhoras da Esperança, da Provincia de Portugal. No Tomo Sexto destas obras acharàs no fim da primeira parte dos Enganos do Bosque, e Dezenganos do Rio a folhas 120. que esta singular Escriptora diz não tivera tempo para compor a segunda Parte; porèm
o feu

o seu Prelado vendo a grande falta que esta fazia à primeira, lhe ordenou que a fizesse; não obstante acharse adiantada em annos, e também val vez por entender, que não houvesse quem a imitasse, e ella entendêdo que o mesmo era obediencia, que insinuação, a compoz com tão singular espirito, que não só fahio em tudo semelhante à primeira, mas com excesso a todas as mais obras; donde se segue, que a idade que nos mais enfraquece as potencias da alma, nesta admiravel compositora lhas avivou de forte, que parece se excede a si mesma; e bem
posso

posso dizer, que este foy o
primeiro milagre da sua grã-
de obediencia, pois desta fe
seguio: ou fazer publicos to-
dos os seus escritos; sendo
que ate agora forão necessarias
tantas industrias, e diligen-
cias para sahirem a publico
os mais Tomos, que se achão
impressos; porque humas ve-
zes era precizo pedir a algu-
mas Senhoras Religiosas, e
amigas zelosas do bem com-
mum, me emprestassem al-
guns traslados que tinhaõ das
suas obras, e outras não ha-
via mais remedio que furtar-
lhe os originaes, sem que
fosse nccessario confessarem-
se do furto, além de que lo-
go

go o tornavaõ a restituir, mas
ainda assim, recatava-se tan-
to que cada vez os escondia
mais, e tudo procedia da sua
rara humildade, e do pouco
conceito, que fazia das suas
obras; pois dizia em outras
ocasiõens, que não escrevia
nas horas que lhe ficavaõ do
Coro, mais que para occupar
o tempo sem offensa de De-
os, e para devirtimento das
suas Religiosas, e para se a-
proveitarem daquella liçaõ:
em outra parte diz a Auto-
ra, encomendo muito, que
antes de se imprimir a segun-
da parte da Peregrina, se
lhe ponha o traslado da ad-
vertencia que para isso o faço

com as mesmas palavras com
que a escreveo, e he a seguin-
te. ,, A todos os que nascem,
,, se lhes mostraõ dous ca-
,, minhos , hum dos vicios ,
,, outro das virtudes , assim o
,, representa esta Peregrina ,
,, e passa à segunda via , não
,, só com as illuminações da
,, alma , mas com os senti-
,, mentos , e grossarias do
,, corpo. Esta advertencia
faço , para que se ponha no
primeiro Capitulo , porque
he precisa aos lances que lhe
succederem , e tambem não
se mude nada dos versos, por-
que assim mesmo os quero,
huns Castelhanos , outros
Portuguezes , por dar mais
graça

graça à obra, e se algum differ o contrario, não importa, que eu quero o que fiz como o fiz, e assim em tudo fica satisfeita a vontade da Autora, mostrando que se houver quem lhe não pareçaõ bem algumas palavras, he a sua tençaõ que todos os erros cayaõ nella; e sem embargo disso, actualmente està escrevendo sobre varios assumptos, todos encaminhadados ao espirito; mas ja não prometo fazer diligencia pare que se imprimaõ, porque ha bastantes annos que tenho este trabalho, e porque conheço saõ muitos os ambiciosos destas obras, e os the-
souros

fouros estão abertos, em
quanto Deos concede vida à
Autora, para depois lhe dar
o premio, pondolhe a coroa
de sua querida esposa no
Ceo.

V A L E .

1875
The first of these is the
fact that the glass contains
a small amount of lead
oxide, which gives it a
slight yellowish tint.

EXPERIMENTAL

The first experiment was
made with a piece of
glass of the above
composition. It was
found that the glass
was not attacked by
hydrofluoric acid, but
was attacked by
nitric acid. The
attack was more
rapid when the
acid was concentrated.
The attack was
more rapid when
the acid was
concentrated.

LICENÇAS.

3

DO SANTO OFFICIO:

Vistas as informações, pôde-se imprimir o Oitavo livro das obras da Madre Maria do Ceo, menos o Seraõ Religioso, ou mudada a figura do Padre Oliveira, em outra que não seja Ecclesiastica conhecida, e tirados tambem os termos de Auto da Fé, e Inquisição, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 25. de Agosto de 1740.

Fr. Rodrigo de Lancastre.

Antonio Teixeira Alvares.

Nuno da Sylva Telles.

João Alvares Soares.

Antonio Ribeiro de A breu.

DO ORDINARIO.

Vista a informaçõ póde-se imprimir o Oitavo Tomo das obras da Madre Maria do Ceo, de que se trata, com a moderaçõ, e excepçãõ propõsta na licençã do Tribunal do Santo Officio, e depois de assim impresso tornarã para se conferir, e dar licençã para que corra. Lisboa Occidental, 30. de Agosto de 1740.

Convea?

DO P A C, O.

CENSURANDO M. R. P. Fr.

Domingos do Rozario, &c.

S E N H O R.

P Or mandado de V. Magestade
vi o Oitavo Tomo das obras
da M. R. Madre Maria do Ceo Re-
ligiosa do Convento da Esperança
desta Cidade de Lisboa Occiden-
tal: cujo titulo he *Enganos do Bos-
que, e Desenganos do Rio*: o meu
parecer he que este naõ só se deixe
correr; mas imprimir; assim por
fahir de humimar de eloquencia:
Congregationesque aquarum appellavit *Genes. 1.*
maria, como tambem em o ter por
artificio Divino do Ceo toda esta
eloquencia para onde corre como
rio para seu centro, regando com
seus desenganos, e altos conceitos
os cultos bosques dos entendimen-
tos dos homens mais doutos, e sa-
bios,

Apoc al.
cap. 2.

bios. Em fim: he esta Autora no profundo de seu juizo, e nos altos do seu discurso expresso geroglyfico daquela mulher, e prodigioso retrato que vio o Evangelista com azas de Aguia: *Et datae sunt ale duae aquila magna*: voar pelo Ceo, pois só estes voos são para huma mulher, para huma solidaõ: *Et fugit in solitudinem*, para admiracão dos homens, e muito mais sendo Maria donde participem suas influencias. São Francisco de Lisboa Occidental, em 31. de Agosto de 1740.

Fr. Domingos do Rosario.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental, 22. de Setembro de 1740.

Pereira. Teixeira. Cardeal.

Váz de Carvalho. Costa

INDICE

INDICE

DOS CAPITULOS DA primeira Parte.

CAP. I. *Mostrã-se à alma signi-
cada na Peregrina dous cami-
nhos, o do Ceo, e o do mundo; as Vir-
tudes a chamaõ para o Paraiso Ver-
gel do Pastor; os vicios para o mun-
do do Caçador Bosque. pag. 1.*

CAP. II. *Resoluta a alma a seguir
o conselho de Christo significado no
Pastor, dà os primeiros passos pelo
caminho das Virtudes, porem logo
o mimo do seu amor proprio lho re-
presenta impossivel de vencer, e se
destina ao Bosque do Caçador, a-
onde bebendo das suas agoas lhe
rouba o mundo o coração: alli he
cortejada de suas lizonjas simboli-
sadas nas Ninfas. pag. 12.*

CAP. III. *Descreve às condiçoens
do mundo significado no Bosque;
neste he mostrado a Peregrina o pri-
meiro idolo Nobreza, e na morada
da*

I N D I C E.

- da sua soberania, corre o Desengano significado no rio a desenganalla pag. 26.*
- C A P. IV.** *Em que a alma he levado ao següdo idolo do mundo Fermo-
sura, e hindo a cegar-se com suas lu-
zes, a soccorre o Desengano com as
suas vozes. pag. 42.*
- C A P. V.** *Passa a alma ao terceiro
idolo Discriçaõ humana, torna a en-
ganar-se, e o Desengano a dissua-
dilla. pag. 59.*
- C A P. VI.** *A Esperança do mundo,
idolo quarto, chega à alma, primei-
ra a olha reverente, e logo a deixa
desenganada. pag. 71.*
- C A P. VII.** *Em que a Peregrina pas-
sa ao idolo da Riqueza, leva-se pri-
meiro de suas vozes, e logo piza
seus poderes. pag. 81.*
- C A P. VIII.** *Em que a alma he le-
vada ao culto do amor proprio, ul-
timo idolo. pag. 92.*
- C A P. IX.** *Em que desenganada a
alma*

INDICE.

alma resolve a deixar o Bosque, symbolo do mundo: procuraõ detel-la as suas lizonjas na voz do Caçador; vence seus enganos com o favor das inspiraçoens significadas nos avizos das Pastoras. pag. 103.

CAP. X. Em que vacillante a alma nas sombras do mundo penetra ao Ceo com sua oraçaõ; e alumada com hum rayo de luz em suas escuridades sae do Bosque seguindo a Christo. pag. 108.

SEGUNDA PARTE.

CAP. I. Em que a Peregrina começa o caminho das asperzas, em que a mandaõ despir as sedas, e deixar o calçado. pag. 114.

*CAP. II. A donde seguindo a Peregrina seu caminho, a mandaõ mortificar o gosto, e vencer as
diffi-*

I N D I C E . I

- difficuldades.* pag. 129.
- C A P. III. *Em que a alma figurada na Peregrina sofre as injurias, e entra no lago das tribulaçoens.* pag. 141.
- C A P. IV. *Em que a Peregrina entra no Vergel do Pastor, dando fim à sua peregrinação.* pag. 158.
- Representacion de Santo Alexo intitulada Mayor fineza de amor.* pag. 171.
- Alegoria poetica a S. Alexo intitulada Las lagrimas de Roma.* pagina 231.
- Novena de S. Alexo.* pag. 334.
- Elogio a S. Aleixo.* pag. 344.
- Coplas ao Menino Jesu.* pag. 349.
- Coplas a S. Antonio.* pag. 351.
- A morte da Senhora Infanta D. Izabel.* pag. 353.
- A morte do Senhor D. Miguel.* *ibid.*
- A morte de Dona Angela de Borbon* pag. 354.
- A morte da Veneravel Madre Elena*

I N D I C E.

- da Cruz. ibidem.*
- A morte da Marqueza de Marialva
Dona Catherina. pag. 355.*
- A morte do Conde de Monsanto Dom
Fernando. ibidem.*
- Sonhando a Autora com a Madre Ele-
na da Cruz. pag. 356.*
- Pedindo-se à Autora que contasse hu-
ma historia em huma recreação,
ibid.*
- Villancico ao Amor divino. pag. 357.*
- Ao mesmo assumpto. pag. 359.*
- Ao mesmo assumpto. pag. 361.*
- Villancico à Misericordia. pag. 363.*
- Adagios. pag. 366.*

ERRATAS.

Pag. 162. os Jacintos padeciaõ ciu-
mes.

pag. 167. y siendo su Raquel querida.

pag. 173. aqui retirado quieres

pag. 184. perdadas.

pag. 195. oy foy fuego.

pag. 198. pearseguirlos.

pag. 200. segun las señas que oy.

pag. 210. muera por fiel.

pag. 221. con las finezas que hizieren.

pag. 236. si aqui acabara el papel.

pag. 249. mas oy.

pag. 253. Alevo.

pag. 255. han tus iras constantes.

pag. 262. quando tu tema, e impuesta.

pag. 278. tu propria Corte.

pag. 280. sin estrellas.

pag. 282. en su llama misma

pag. 284. y tantos riesgos.

ibidem. tu fama.

pag. 286. quedese la gloria.

pag. 287. su cobardia.

nestas duas paginas, e na seguinte.

Falanges.

pag. 289. te tresguarda Señor.

ibidem, nõ quieres.

ibidem

EMENDAS.

Facintos não tinhaõ ciumes,

siendo su Raquel querida.

aqui retirado quiero.

pedradas.

yo soy fuego.

perseguirlos.

segun las señas que oyd.

muerdo por fiel-

con las finezas que hizieron.

acabara el papel.

mas ay.

Alexo.

en tus iras constantes.

quando su tema impuesta.

su propria Corte.

sin estrella.

en su llama mesma.

en tantos riesgos.

su fama.

y quedese la gloria.

en cobardia.

nestas duas paginas, e na seguinte

Remolo.

te resguarda Señor.

nò quiere.

ERRATAS.

- ibidem. Guion obediente nasci. 5
ibidem. Remolo.
pag. 291. su hado sea.
pag. 293. feneço.
pag. 297. feneço.
pag. 300. vuestra fortuna.
ibidem. en ce desvio.
pag. 302. tres recogieron.
ibidem. siempre te lo dirá.
pag. 304. y porque una empresa.
ibidem. queda.
pag. 305. os aguardo.
ibidem. es Alexo.
pag. 306. y incluidos.
pag. 308. jardines.
pag. 309. nõ quiero.
pag. 310. quiziera ver.
pag. 313. que mi rara beldad.
pag. 314. en buscaros hecho.
ibidem. en encanto.
ibidem. la desencanto.
pag. 319. tu rara beldad.
pag. 320. levantaos.

EMENDAS.

Remolo obediente nasci.

Guion.

tu hado sea.

fenesco.

fenesco.

nuestra fortuna.

en su desvio.

nos recogieron.

Chipre te lo dirà.

y porque una empresa tengo.

quando.

nò os aguardo.

os alexo.

excluidos.

Jardinos.

nò quizo.

quiziesse ver.

que su rara beldad.

en buscaros lucho.

un encanto.

la desencanta.

su rara beldad.

levantad.

INDEX

The following is a list of the names of the persons mentioned in the text, arranged in alphabetical order. The names are: [Illegible text]

UNIVERSITATIS REGIAE
DE ARAGONOS DE PRA
PRIMEIRA PARTE
DE LAS CIENCIAS MATEMATICAS

CAPITULO I

De la division de las ciencias en naturales y artificiales
y de la division de las naturales en físicas y metafísicas
y de la division de las artificiales en liberales y mecánicas
y de la division de las físicas en matemáticas y naturales
y de la division de las metafísicas en ética y política
y de la division de las liberales en gramática y retórica
y de la division de las mecánicas en medicina y jurisprudencia

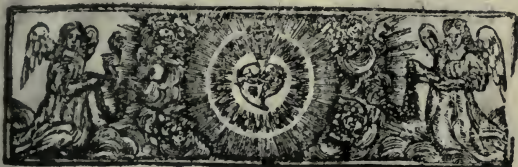
De la division de las matemáticas en aritmética y geometría
y de la division de la aritmética en aritmética elemental y aritmética superior
y de la division de la geometría en geometría elemental y geometría superior
y de la division de la aritmética elemental en aritmética elemental propiamente dicha
y de la division de la aritmética elemental en aritmética elemental propiamente dicha
y de la division de la aritmética elemental en aritmética elemental propiamente dicha



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY OF THE DIVISION OF THE PHYSICAL SCIENCES
PHYSICS DEPARTMENT
5734 S. UNIVERSITY AVE.
CHICAGO, ILL. 60637

U.S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE
BUREAU OF PLANT INDUSTRY
WASHINGTON, D. C.

U.S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE
BUREAU OF PLANT INDUSTRY
WASHINGTON, D. C.



ENGANOS DO BOSQUE, DEZENGANOS DO RIO.

PRIMEIRA PARTE

*Em que a alma entra perdida, e sabe
desenganada.*

CAPITULO I.

*Mostrão-se à alma significada na Peregrina-
dous caminhos, o do Ceo, e o do Mundo, as
Virtudes a chamaõ para o Paraíso, e o
do Pastor, os vicijs para o mundo do Ca-
çador Bosque.*



Raõ da manhã as Auroras
despedidas do dia, crecidas as
luzes, da tarde não entradas,
as sombras, quando às pri-
meiras jornadas do seu caminho se achou
humã Peregrina sequiosã: buscava com
a vista o cristalino objecto em que satis-
fazet

2 *Enganos do Bosque,*

fazer sua sede, mas nem os olhos encontravaõ as agoas, nem o ouvido alcançava o murmurio, e ja eraõ duas as sedes, huma de achar a fonte, outra de gostala: apressava o passo a descobrila, quando se lhe offereceraõ dous caminhos ambos iguaes à esperança do remedio, mas encontrados ao agrado dos olhos, hum parecia Corte da Primavera, o outro esquecimento do Abril, este todo espinhos, todo sylvas, todo abrolhos, aquelle todo flores, todo rozas, todo galla, hum era capella de aves musicas, ao outro se arrojavaõ voos tristes, em hum se ouvia o canto, de outro se podia fazer o lamento, de hum só se viaõ verdes manfoens, de outro se avistavaõ asperas subidas, este offerencia tudo tropeços, aquelle mostrava tudo seguros, hum convidava a fadigas, o outro chamava a lizonjas, hum era horror à planta delicada, o outro alegria aos olhos descuidados; tais os caminhos, nelles vacilava a Peregrina duvidosa, sem determinar a qual arrojarse apressada, sua sede não lhe dava vagares, sua irresolução pedia-lhe esperas, a que senda (dizia ella) alentarey meus passos, que ache mais apressado o

remedio a seus disignios? Aqui me convidaõ conformes dous caminhos oppostos, se me arrojao aos rigores de hum, sepulto as esperanças que em tanto verde me promete o outro, que não crecem nos desvios da agoa os favores de Flora, se me levo deste às lizonjas; fujo daquelle aos possiveis, pois ha fonte que rompe na dureza de huma pedra, não a criar o mimo das flores, mas a abater a dureza dos penhascos. Adonde pois me chamarà o cristal escondido com mais brevidade, se na disimulação destes espinhos, se na ostentaçaõ daquellas rozas? Haja luz que me guie, estrela que me conduza, voz que me responda, adonde hirey?

*Aqui foy suave melodia, oraculo pronto, que
diz assim*

Al Vergel, al vergel,
q̄ en sus flores se aviva el incendio,
y en sus agoas se aplaca la sed.

Passeou a Peregrina os olhos pela capacidade daquelle sitio a avistar quẽ nelle respondia às suas ancias, e encontrou olhando huma companhia de Pastoras,

4 *Engaños do Bosque* ;
que do caminho , cuja aspereza retrata-
mos , se conduziaõ ao lugar em que ella
se suspendia , taõ leves no passeio , taõ
seguras no passo , taõ alegres na musica,
como se fora o caminho outro , e conti-
nuavaõ sua cantiga dizendo.

Al vergel las aldeanas
Se conduzan esta vez ,
Porque assi miren las rozas
Las finezas del Clavel.

*Amor
Divino.*

Cupidillo de las flores
Entre las flores se vè ,
Que el hizo rey a cupido ,
Y cupido amor a el.

Estuvo por el partido
Gustoso el Clavel, porque
Entre el arder , y el luzir
Mas que luzir quizo arder.

Viste purpura abrazada
De tan fino rosicler
Por el incendio de amante
Nò por la color de rey,
Y entanto fuego Pastoras
Si es que lo quereis saber
Ay cristal contra el incendio
Que queda calor por el.

Al vergel pues aldeanas
Porque

Porque en su fuente vereis
Estrellas como a parar,
Y perlas como a correr.

Al vergel, al vergel

Que en sus flores si aviva

El incendio,

Y en sus agoas se aplaca

La sed.

Acabaraõ as Pastoras a musica che-
gando a Peregrina, que reparando em
suas perfeiçoens se admirou dellas : eraõ
todas bellissimas, na cor retratavaõ ao
cristal das fontes, nas faces às rozas do
campo, nos cabelos aos rayos do Sol,
nos olhos às luzes do firmamento, vestiaõ
a pureza dos arminhos, toucavaõ a gra-
ciosidade das flores, admitiaõ, a fineza dos
corais. Alegre a Peregrina em taõ agrada-
veis objectos lhes disse: Pastoras por quem
melhor que por Climene podia o Sol tor-
nar a ser Pastor. Ja que vossa belleza sa-
tisfez a meus olhos, satisfaza vossa noti-
cia a minha lede, conduzime a esse Ver-
gel florido, adonde està a fonte dezejada,
que eu agradecerey à vossa belleza quan-
to dever a seus cristaes, achome neste
paiz peregrina, sô, e sequiosa, e virey a
morrer

*Belleza
das Vir-
tudes.*

6 *Enganos do Bosque,*

morret de minha sede, se me não valer
vossa compaixão Peregrina, responderão
as Pastoras: se quereis seguirmos alentay-
vos a pizar deste caminho as asperezas,
porque vencido o seu trabalho, entrareis
no Vergel do Pastor, adonde achareis
huma fonte pura, perene, saudavel, cu-
jas agoas não só satisfazem a sede, mas
tambem seguraõ a vida ao sequioso, po-
rèm se vosso melindre fizer espanto do
que nõs conveniencia, e tomares por
esta senda, adonde as rozas vos convidão
com lizonjas, sabey que a poucos passos
encontrareis outra fonte cristalina aos o-
lhõs, mortifera ao coração, clara à vista,
enganosa à experiència; prata advertida,
veneno provada; em suas perolas desi-
mula tofigo; em suas flores acautella ser-
pentes, em suas sombras esconde espan-
tos; esta tende-la a passos de rozas, mas
como a tendes? aquella achareis a rigores
de espinhos, mas como a achaes? Duas
são, e só duas, de ambas vos avizamos
as condiçoens, huma està em o Vergel
do Pastor, que encontrareis sem mais
guiá que a de seguires o caminho aspe-
ro, a outra em o bosque do Caçador,
que descobrireis sem mais luz, que a de
vos

*As virtu-
des faci-
litaõ a
alma ao
caminho
do Cco.*

*Engano
dos bens
do mun-
do.*

vos cegares na beleza das flores, à nossa nobreza esteve o avizo, ao vosso alvedrio està a escolha, e pois não tendes o perigo da ignorancia, valeyvos ao seguro do desengano.

Differaõ as Pastoras, e seguirãõ seu caminho, sem que as vozes de Peregrina bastassem a detelas, mas como em sua advertencia lhe deixassem a melhor guia para seus passos, dava os primeiros à escabrosa senda adonde a convidava a fonte benigna, mas atrazou sua resolução pronta voz, que do opposto caminho cantava benigna.

Al Bosque, al bosque
que en su fuente las ninfas se paran
a mirarse en las perlas que corren.

Al bosque que en sus cristales
Venus su aliño compone
Siendo olvido para Marte
El cuidado para Adonis
Al oro de sus cabellos
Fragante tocado pone
Donde el uno toca espinos
Quando el otro coje flores
Jove que vê su fatiga
De su cuidado sintiose

*Os Vícios
persuadē
a alma a
q̃ siga o
mundo:*

Que

Enganos do Bosque ,

Que al mirarla como Dios
Tuvo zelos como hombre
Al día arroja una sombra
Que lus disignios estorbe
Que para cegar al Sol
Empeño toda la noche.
Al bosque, al bosque
Que en su fuente las ninfas se paran
a mirar se en las perlas que corren.

Voltou a Peregrina o rosto, e vio de-
cer pela florida estancia huma esquadra
de Caçadores, que ao depois de canta-
rem a suspendella, chegando a ella, e
reparando em seu traje, lhe admirou a
gala. Vestiaõ à ligeira para o desembara-
ço que pedia seu officio, de varias pri-
mâveras, roupas curtas, o calçado guar-
necido com perolas, os cabellos tomados
em laços, os chapeos coroados com plu-
mas, arcos nas mãos, flexas nos olhos,
gala no andar, liberdade no ver, effica-
cia no persuadir, e confiadas nesta, disse-
raõ à Peregrina, adonde innocente bel-
leza te despenha tua ignorancia, a ferir
nas plantas, o que naõ podes curar em
o Vergel, pois primeiro que a elle che-
gues, seràs sacrificio ao trabalho, victima

*Assim
persuade
quem en-
gana.*

Desenganos do Rio. 9

ao tormento , e as pedras que pizas para o remedio , te daraõ sepultura para o cadaver , teu delicado pè magoada flor naquelles espinhos quando te conduzirà àquellas agoas que te não deixe em o caminho a beber sò por ellas os ventos , e sò dellas o desengano! Torna, muda o passo a buscar as perolas , que no bosque te convida a fonte com hum já , e tua sede não està para hum logo , no bosque do Caçador , ò Peregrina , acharàs agoa taõ clara como teu rosto , taõ lizonjeira como teus olhos , taõ rizonha como tua boca , taõ de perolas como teus dentes, taõ aprazivel como teu semblante , taõ de neve como tua garganta, taõ de prata como tuas mãos , taõ peregrina como teu nome , e taõ salutifera como toda tũ. Esta he a verdade, as outras informaçoens sãó bachelarias, nossa fidalguia te tem avizado generosa , tua reolução farà o que quizer determinada. Difieraõ, e seguirãõ seu caminho, sem que as vozes da Peregrina bastassem a detelas , e parada em sua duvida dizia , que dano me podem fazer as agoas do bosque que ao depois não possa curar em as do Vergel? Beberey dellas huma vez, tempo

tempo me fica para gostar das outras muitas, buscandoas sem as ancias da sede, e com os comodos do vagar : a Singeleza pastoril sim he verdadeira, mas tambem he cobarde, e lo nas sombras daquelle malquistaraõ a pureza dos cristaes, tanto sera seu medo! Vamos pois a pizar nas flores os receyos, e pode ser que sejaõ fantasticos os perigos. Resoluta a Peregrina começou o caminho pela deliciosa estancia, adonde a festejavaõ as Aves com o canto, as rozas com alegria, as flores com a fragancia, e ja a fonte com o murmurio; poucos passos tinha dado sua mal tomada resoluçaõ, quando clara voz lhe penetrou o ouvido, dizendo : *Adonde corres ovelha que vas perdida?* Levantou os olhos, e avistou ao longe hum Pastor pastoreando hum rebanho de ovelhas, taõ brancas, que podiaõ ser opposiçaõ ao arminho, todas com capellas de rozas nas cabeças, fazendo o naçar com a neve huma graciosa mistura: ja mais ao perto reparou em o Pastor naõ que lhe podesse ver o rosto, porque a este fez sua cautela sombra com a maõ, e tambem dissimulo com os cabelos, podendo a maõ ser vidrassa

pelo

pelo cristalino, e os cabellos vista pelo luzentes, vestia hum pelico de pelle cor doirada, e ainda sem ter esta a cor, elle fizera lustroso ao pelico, porque era seu passio ayrosissimo, seu corpo delicado, e animadissima sua acção. Pastor, lhe disse a Peregrina, fallais comigo perdida, ou com a óvelha desgarrada? Respondeo elle? Que? Sois vòs perdida? ja Pastor que me fazeis o avizo, tornou ella, dayme o parecer que tenho de fazer para ganhar-me? Trocar os caminhos, respondeo o Pastor, que nem sempre he melhor o que melhor parece: advertis bem, disse a Peregrina, mas descobri o rosto, que de quem me deixa o contelho, quero ver o semblante: caminhay, respondeo elle, para o Vergel do Pastor, que ahi matando a fede, me vereis a face. Disse, e tomando o caminho para o Vergel se apressou taõ ligeiro, que a poucos passos se fez desaparecido, deixando a Peregrina confusa; se serà dizia ella, este Pastor o do Vergel, de cuja fonte me contaõ as Aldeanas taes maravilhas? Elle he sem duvida, pois para o Vergel me chama, que ainda que em sua capacidade assistaõ mais o brio de sua pessoa, o ar de seu

12 *Enganõs do Bosque,*

*Inclina-
da a al-
ma a
Christo,
resol-ve
seguilo.*

seu passêyo , o magestoso de sua voz,naõ
pode conhecer superioridade a outro :
desandemos pois cobardes plantas os er-
rados passos a vencer a via que nos af-
sombra , caminemos com fadiga ao
Vergel adonde ja me levaõ duas sedes. ,
huma a de provar suas agoas, a outra de
ver seu Pastor.

C A P I T U L O II

*Resoluta a alma a seguir o conselho de Chris-
to significado no Pastor , dà os primeiros
passos pelo caminho das Virtudes , porém lo-
go o mimio do seu amor proprio lhe repre-
zenta impossivel de vencer , e se destina ao
bosque do Caçador, adonde bebendo de suas
agoas lhe rouba o mundo o coração , alli he
cortejada de suas lizonjas simbolizadas nas
Ninfas.*

O Bedecendo à imperiosa voz do
Pastor desandou a Peregrina os er-
rados passos, que da belleza das rozas a
levava a serpente do perigo , começou a
seguir animosa pela segura, se desabrida,
estancia, duas vezes chamada ao Vergel,
huma a ver suas perolas nas agoas da
fonte,

fonte , outra a ver suas flores no rosto do Pastor , de quem a memoria lhe facilitava o trabalho : caminhou primeiro enganada a fadiga no desejo , mas logo entibiando o desejo na fadiga , o coração pulsava ao compasso , sem que bastasse a esperança para adoçar-lhe a queixa , a seda do vestido padecia ultrajes nos carrascos , o ouro dos cabelos prizoens em os espinhos , a perola do pé magoa em os penedos , sem que a concha do calçado bastasse a resguardala do punçante das sylvas, os pencaicos se alguma vez arrimo, hiaõ muitas a ser despenho , e ja a ser arrependimento. A Peregrina que tendo aos olhos o rigor desta via, e nos ouvidos a murmuração daquelle fonte , o que deixou com a execução, tornava a abraçar com o desejo. Adonde vou dizia ella, adonde me leva a saudade de hum Pastor, que não vi , e a saude de humas agoas , que não vejo? Primeiro que chegue ao anciado paraizo perdercy a memoria nos trabalhos , e a vida na sede : que caminho he este tão desabrido , ao ver , tão pavoroso ao intentar , tão cruel ao leguir , adonde se contaõ pelos passos os desalentos , perdendo.

dendo-te nos desmayos as esperanças? a meu vestido despedação as asperezas, a meus cabellos quebraõ as esquivanças, a meus olhos cegaõ as sombras, a minha voz prendem os astombros, a meus pès ferem as crueldades, e sente mais minha vaidade os desalinhos, que os desconfortos, mais se doe, que das penalidades, dos desmanchos: eu entregar meu adorno à grosseria dos espinheiros, meus cabellos à inconstancia dos ventos, meu caraõ às envejas do Sol, e ficar a huns olhos lastimã, a outros zombaria, quando hontem tudo era zombaria a meus olhos! Eu quebrar na delicada planta por conculcar atè na clara pedra! Eu penetrar arrastada as asperezas por fugir ligeira às lizonjas! eu deixar as rosas que pizava, por ser pizada dos espinhos que busquey? Naõ, naõ he possivel, perdoayme Pastor que algum dia tornarey a buscarvos com mais comodo para o caminho, e com menos pressa para a sede, que ainda que vos repudío na inconstancia, vos immortalizo na memoria: tive-ra vosso Vergel outra via que eu só bebera as agoas da sua fonte, mas ja a do bosque murmura minha ingraticidã, pois

quando

quando me convidava com lizonjas , vê que a deixava com porfias , vamos pois laborozas ainda que mal prognosticadas agoas a provar vossos cristaes , não me pagueis com o desengano a confiança.

Disse, e dezandando os seguros passos se tornou a arrojarse aos praticados perigos , q̄ disimulados aspides na lizonja das flores contra a noticia dos ouvidos, enganaraõ os olhos: trocou os caminhos, pizou as rosas , medio a distancia , chegou ao bosque , em cuja entrada corria a maliciosa fonte a crescer a ancia , não a matar a sede , às floridas margens sahio a receber a Peregrina hum tropel de Ninfas, de quem podendo o nome ser credito da belleza, foy alli a belleza credito do nome , tudo de fermosura, nada de ser: pareciaõ as Ninfas deidades , pelo claro feitas do cristal da fonte , ou que dellas tomava a fonte tanto cristal , de muitas eraõ os cabellos luz de rayos , de outras olhos , e cabellos cor de Ceo , de algumas cabellos , e olhos cor de campo , e nesta differença, em que a natureza as particularizou mais , não as agradeceu menos , era sua gala ló de ouro , menos braços , e peito , que estes só vel-

tiaõ

*Lizonjas
do mundo.*

tiaõ de perolas , os cabellos borrifados
de aljofar , os pès calçados de flores , as
mãos occupadas de conchas , e buzios,
em cuja madre perola traziaõ à Peregrina
a detejada agoa , sendo offerta de todas,
a que havia de ser aceitação de huma,
entoavaõ suavissima Musica, calmando
os ventos , e desatando os montes
nestas coplas.

Parabien estas agoas

O' soberana Dea

Alcancen de tu boca

Rubies, corales, marfines, y perlas.

Reciban te las Ninfas

En su orilla serena

Siendo imbidia, y festejo

Sirenas, Nayades, Effiglas, Napeyas.

Para bezar tus plantas

De sus margenes bellas

Corran a suspenderse

Guilgeros, fabonios, cristales, arenas.

En tu pie se trasformen

Quando a pizarlas llega

En su punto de ambar

Hazares , amores , jasmynes , violetas.

Veas en sus espejos

Quando en ellos te veas

Narcizo de tu Cielo

Candores, luzeros, faroles, estrellas.

Por este verde bosque

En venatoria guerra

Rindes de amor, y imbidia

Cupidos, Dianas, Apolos, Minervas.

Sus flores te confagren

Por si assi no las dexas

Siendo prizion, y imperio

Cadenas, coronas, lazadas, diademas.

Sus arboles frondosos

En sus sombras amenas

Te adormescan suaves

Passiones, cuidados, sentidos, ideas.

Del nido de una rosa

Te cante aun que sin lengua

La sirena del ayre

Motetes, canciones, tonillos, endechas.

Pare texerte alfombras

Si acaso te passeas

Soplen los ayrefillos

Almendros, naranjos, rosales, mosqueras.

Mlrente desde lexos

Blandos en tu belleza

Partidos en tus rayos

Escollos, peñascos, montañas, y sierras.

Calou o canto das Ninfas, e não ou-

ve Pastor taõ grosseiro , Fauno taõ sylvestre , Tritaõ taõ bruto , que por ouvilas de mais perto naõ deixasse cabana, cova, e rio. Chegaraõ todos à Peregrina a offerecerlhe agoa em buzios , e conchas, de quem as mãos pareciaõ as perolas, e ella namorada de taõ apparente beleza , e obrigada de tanta cantada lizonja quizerá que as ancias de sua sede podessem esgotar o todo de seu offerecimento , mas na capacidade de cada concha cabia mais de huma sede de agoa. Naõ sey nobilissimas Ninfas, lhe dizia a Peregrina , se por atenta ao vosso sacrificio me deixarey morrer de meu desejo, e excluindo o de todas, por naõ aggravar o de nenhuma , que melhor que comvosvo ser ingrata, acabarey comigo ser cruel, todas me offereceis agoa , e eu só de huma posso admitila , e ja padeço mais na duvida , que na sede , e pois só bebendo na fonte, bebo de todas sendo a fonte vossa, me arrojo sem mais ceremonias a seus cristaes, e agradeceyme a sede que me fica de vossas mãos. Disse , e chegando à fonte bebo seus perigos, taõ segura, que naõ ouve mister mais agoa contra o fusto, e hydropica daquelles cristais,

ao depois de bebelos, ficava a dezejalos, com que não acabava de bebelos. Nesta fatisfação repetida, e nesta ancia continuada, levantou os olhos ao bosque, dilatandoos por sua capacidade, e namorada della em virtude de sua fonte dizia assim.

*Gostando
a alma
das delicias do
mundo
se namora
ra delle.*

Oh! que arvores tão soberanas por altas, que flores tão maravilhas por fermosas, que frutos tão apetecidos por excellentes, que sombras tão apraziveis por seguras, que luzes tão estrellas por ditollas, que ares tão mansos, que zefiros tão brandos, que aves tão musicas, que fragancias tão luaves! Oh! quem ficara perpetua destas flores, Ninfa destas agoas, Diana destes bosques, Aura destas sombras, Venus destas luzes, e destes ares Filomena, não passe daqui minha peregrinação, que esta he a patria do gosto, tenão do ser aqui caçadora quero ferir ao bruto com as flechas, ao racional com os olhos: aqui Ninfa quero refrescar as flores com os cristaes, e abraçar os penhascos com a belleza, aqui livre quero seguindo aos Cervos na carreira, fazer parar aos rios na suspensão, aqui altiva quero pizar as maravilhas por soberba, e

Enganada a alma nas delicias do mundo deseja ficar sempre lograndoas.

*Vaidades
da alma
no mun-
do.*

coroarme das rozas por galantaria, aqui pratica, persuadirey as pedras com a eloquencia, paliarey as cortiças com o conceito, e finalmente aqui fico a lograr delicias do bosque atè que busque nas asprezas ao Vergel.

o mundo.

Assim arrezoava a Peregrina quando arrojado tiro lhe arrancou o coração só com a voz: sentio que lho tiravaõ do peito, ja lho dizia a dor, ja o susto, ja a congoxa que em hum instante pode affigila, e deixala, e cobrada de taõ repentino sobre salto, olhou, e vio a hum Caçador Joven de galharda presença, semblante aprazivel, olhos lizongeiros, gentil parecer, fazia gala o abrigo de hum cazacaõ, verde o pano na cor, vario no forro, que desse era a seda furtacores, os botoens que brilhantes o favoreciaõ, feriaõ na luz do ouro, a luz da vista, a carapuça coroava de flores, e de plumas, que a vaidade, e a inconstancia trazia sua estimaçaõ sobre a cabeça, fez-se objecto aos olhos da Peregrina, a qual reparou que descansando ao hombro o instrumento de seu tiro, prendia nelle a hum ferido coração. Que he isto disse ella assustada? foy por ventura a-
quelle

quelle tiro vosso? e he por desgraça esse coração meu? que conforme ao sobressalto que deixou seu grito em meu peito, pois não podia sentir mais, não posso cuidar menos. Cuiday tanto, respondeo elle, que para valer a fineza me he forçoso confessar o delicto, avistey-vos neste bosque Peregrina, e desejavovos nelle natural vos roubey o coração para o bosque, porque assim não pudesseis deixalo, que he grande penhor o coração; se foy rigor contra vossa belleza, foy piedade para meus olhos, perdoay Senhora a grosseria de querer primeiro morrer a vossas iras, que a minha saudade, e se a tendes do que vos usurpey, lá vos fica coração, por coração.

*Lizonjas
do mun-
do.*

Caçador respondeo à Peregrina, tão satisfeita me tem a fermosura deste bosque, que antes de vovos lhe dava o meu affecto o coração, mas depois de ouvir-vos lhe dera minha vaidade as costas; porém não sey que impulso, se benigno antes, violento agora, me obriga a ficar nelle; será estrella desta verde esfera, que melhor que vossa seta me podia inclinar seu austro. Neste bosque disse o Caçador: eu so sou o destino, não ha fera; não ha
ave,

*Poder do
mundo.*

ave, não ha bruto, não ha racional taõ obediente a outra estrella, que não fique fogeito a meu impulso, a coroa da cabeça do Leão segue arrastada neste bosque meu imperio; a temida condição do Cervo, se faz ira aos fogosos exemplos de meu brio ; ficando desta sorte o Cervo Leão, o Leão Cervo; a voracidade do Lobo se aqui executa os estragos, aqui tambem acha em meu poder os castigos ; a paz da ovelha ao fumo de meu alento , faço colera, deixando assim a ovelha com as condiçoens do Lobo , ao Lobo com os perigos da ovelha , a candida pureza do Arminho se não em os detasseyos do lodo , faço manchar em as sombras do bosque , por não izentar de meu poder a feu melindre, e cõ o riso das flores tal vez obrigo a asquerosa condição do Javali, a que faça empenho de huma fonte, ficando o arminho maculado na sombra , e purificado o porco no cristal , da ave o remontado voo abate as azas à minha fogação , trocendo sua inclinação a meu dominio; a filomena , que em outro lugar cantava a huma tragedia de enganos, aqui à belleza das flores canta lizonjas; a aguia, que nos fumos de penetrar o Sol

levan-

levantava o voo , aqui escondendolhe o Sol, a cega nos fumos ; a chamariz que chama em seu favor aos ares , aqui não deixa liberdade para os voos , ao solitario que estuda a não falar em seus retiros , aqui o faço cantar em minha esfera , assim dos brutos sou ó Peregrina destino fero , e assim dos racionaes sou fatal estrella : à Ninfa que nestas agoas quando escondida congela o peito, faço que nestes Soes quando manifesta abraze o coração : sendo perigo a luz , seguro o pego: o sátiro que sylvestre, ou he tronco com alma , ou parece que fez a alma de hum tronco : não tendo ser pata entender-se , abre aqui os olhos para namorar-se , e perdido na beleza das Ninfas , não faz memoria do que foy , por fazer vontade do que he , ao Pastor simples mando estudar enredos nos labirintos , à fé lavradora inconstancias nas flores , e finalmente ao passageiro estranho , naturalizo em este paiz , tão proprio , que só da sua patria parece alheyo , com que às feras , às aves , às Ninfas , aos sátiros , aos homens , sou destino , guiando meu poder sua fortuna , e coroadando hoje todas estas grandezas meu tiro,

tiro com vosso coração.

Falava o Caçador, e a Peregrina às memorias do Pastor desnatural a furto de tanta izenção professada, o escutava com huma attenção affectuosa, admirada às suas razoens, credula às suas grandezas, namorada da sua gala, introduzindo-se por ouvidos, e olhos, veneno que sobrava a hum sentido, para huma morte; e dissimulando o accidente lhe respondeo:

*Quem a-
tende ao
mundo,
esquecese
de Deus.*

Dominares ó Caçador os bosques he superioridade do vosso ser, trocares aos racionaes he arte de vossa fortuna, mas roubares meu coração, foy só estrella de vosso bosque: cheguey a este lugar Peregrina, e logo fiquey do lugar namorada, e achando-o natural do affecto, me fiz enteada da patria, e como dey ao bosque o coração, consenti me guardafes o coração como morador do bosque. Não quero disse o Caçador, arguir poderes meus, à vista de soberanias vossas, fique embora para o bosque a presumpção do que confessais, que a mim me basta a fortuna do que alcançey, e quando as flores me peção conta do q̄ guardo, tambem lhe responderey com o que perco,

perco. Não cuideis disse a Peregrina, que haveis de tratar as flores como sem alma, que eu lhe darey espiritos para vencer vos, quando lhe falte vida para porfiarvos, porque vos não façaes tyranno daquillo, de que só sois thesoureiro; pois nem assim tornou o Caçador, me quero trocar pelo bosque, pois todo elle ainda entrando as feras, não basta a tirarme a preza por mais que vós me tireis a prefunção. Hia a responder a Peregrina, mas atalharaõ-na as Caçadoras, que avistando-a Ninfa da sua fonte, vinhaõ a festejala nella. Passados os primeiros obsequios da sua adulação, a convidaraõ a passear com ellas o Bosque, e a ver nas deidades delle, do Caçador os Idolos: aceitou a Peregrina gostosa, o que rogara a não ser persuadida, e respeitando as Caçadoras o desdem das Ninfas, pediraõ ao Caçador se retirasse, para que todas de companhia pudessem ajudar ao divertimento da Peregrina naquelle passayo, sem que sua presença embaraçasse as facilidades do festejo. Obedeceo elle mais atento com a hospedaje da Peregrina a que foy prevenir com a causa que o mandava desterrar, e dan-

dando-lhe esta razão para o desvio se despedio até tornar a buscala.

C A P I T U L O III.

Descreve-se as condiçoens do mundo significado no Bosque , neste he mostrado à Peregrina o primeiro Idolo Nobreza , e na morada da sua soberania corre o Desengano significado no Rio a desenganalla.

T Eatro Verde de fingidas esperanças , fatal enredo de trayçoens dissimuladas , opaça lombra de cuidados adormecidos , tarefa incansavel de devirtimentos loucos, apparente Ceo de Estrellas caducas, fragil Paraíso de flores avenenadas , mapa de Labyrintos , capa de fingimentos , adonde toda a flor falava lizonjas , toda a fonte ensinava murmuraçoens , toda a ave cantava enganos , toda a arvore mentia altivezas, alli fazia o alamo escola de inconstancias , adonde queria aprender até o roble, e ouve penha vezinha , que se temeo ao contagio dos ares , como se achariaõ as firmezas , adonde as pedras receavaõ as mudanças! alli a palma negando ao agricultor

cultor o fruto , quando lhe devia a pompa , dava exemplo de ingratitude , tendo symbolo de victoria : porèm não lhe estudavaõ a victoria , e só lhe imitavaõ a ingratitude , tal era a condiçaõ deste paiz! alli a faya elevava sua altiveza atè as nuvens ; e tendo na terra as raizes , queria ter no firmamento a coroa , plantas humildes ja à sua imitaçaõ desvanecidas , ainda tem se poderem medir com as flores , ja se queriaõ levantar com as estrellas ; e desta soberba da faya fez gala toda a capacidade do districto , alli o limoeiro nas entranhas do mesmo pomo , manifestava o agro , e doce da sua condiçaõ , não sendo hum mesmo , nem em o mesmo que era hum , e à sua imitaçaõ todos alli pareciaõ outros ; alli a oliveira , porque vivia de pacifica , se motejava de çobarde , a arvore do Paraizo se lhe desconhecia o nome da patria , e só lhe conheciaõ a lizonja da flor , alli o cipreste fazia sombra a alegria das rozas ; mas nem assim lhe fazia desengano , mais de sua presumpçaõ que de seu avito , ciavaõ das cores , o que não desconfiavaõ da duraçaõ ; alli a murteira era adorada por prenda de Venus , e não aborrecida por magoa

magoa de Flora: que como idolatravaõ a Deosa , não temiaõ a dor: alli a aveleira a quem lhe pedia huma folha , rendia toda a gala; e atè as Ninfas espreitando-lhe o exemplo , lhe tomavaõ a liçaõ, taes eraõ daquelles cristaes as Ninfas ! alli a romeira para coroar as soberbas conservava as coroas , e com tudo lhe faltavaõ coroas , porque eraõ mais as soberbas ; alli o freixo fugindo à constancia das pedras , buscava assento junto à inconstancia das agoas , deixando huma liçaõ de eternizar-se , por não perder huma occasiaõ de ver-se; ignorante Narciso , que por olhar a gentileza, descuidava a vida! alli o loureiro por favorecido do Sol, era enveja das sombras, sendo aquelle rayo, que o não feria, o incentivo que o malquistava ; alli o espinheiro se mostrava armado não a defender as flores , mas sô a lastimar as vidas , alli a giesteira mentia esperanças, e produzia desesperaçoes , alli a mosqueta era cuidado , o cravo guerra , o jasmim perigo , a roza engano, o amor mentira , o girasol idolatria, o lirio delirio , a chaga dor , a margarita falsidade, o goivo hipocresia , a violeta paixãõ, o jacinto ciume. Este era o bosque

que do Caçador , vejamos quem he o Caçador do bosque.

Era o Caçador hum homem de pouco ler , e de muita soberba ; de muita lizonja , de nenhuma verdade , de muito estrondo , de nenhum fundamento , na apparencia tudo , na realidade nada. Seus devirtimentos eraõ loucuras , suas resoluçoens inconstancias , suas promessas mentiras , suas liberalidades enganos , seus extremos fatalidades , deste bosque que a elle de alvergue , e aos mais servia de labyrintho , fahia a enganar , ja ao descuidado peregrino , ja ao innocente passageiro , desviandoos do caminho do Vergei , para perdelos nos enredos do bosque , alli os deixava a adorar seus Idolos , e a fazer gosto da idolatria , com o esquecimento da jornada , parando miseraveis os que caminhavaõ ditosos. Ja a estes enganados duplicava nossa Peregrina o numero , que dos enganados , o numero sempre se duplica , e entregue as lizonjas , e despenhos do bosque , Ninfas , e Caçadoras , começou a discorrer por aquellas estancias floridas , adonde mais que folhas , havia enganos ; porèm alli atè dos enganos se fazia folha. Levavaõ-na

*Tambem
o mundo.*

raõ-na a ver a primeira Deidade do bosque , e chegando reverentes a seu culto, prostradas as Caçadoras adoraraõ com affecto verdadeiro à Deidade fingida. Era o idolo huma mulher magestosa , grave, severa , e no olhar taõ arrogante , que parece lhe sahia a soberba pelos olhos, mas tornavalhe a entrar pelo coração. Vestia de huma delicadissima tela cor de purpura , tecida a partes em coroas de prata, o toucado rematava em altissimas plumas , no peito prendia hum pelicano de diamantes naõ como em outras partes geroglifico do amor dos pais , que aqui só dava o sangue aos filhos , para darlhe a entender com o sangue que só da sua nobreza podiaõ sustentar os seus alentos: fazia culto a falsa Deosa, do que humas romeiras faziaõ sitio , e à sombra destas contava pelas coroas das romans, as da sua ascendencia. Logo de mulher vaidade , passava a Deosa mentida, ficando assim indigna de mulher , e só capaz de vaidade : quem he disse a Peregrina, esta Deosa que lhe respeito a deidade, e lhe ignoro o nome, quando for a invoca-la minha Fé, naõ quero deixar quelxofa minha voz? Aqui soltou a sua o apparente

rente idolo, e respondeo assim a Peregrina.

Yo la nobleza foy
Que en folio sacro
Doro los siglos, luzo los dias, lustro los
años.

Queda con mi esplendor
Por mas espanto,
La Luna impura, la estrella turbia, el Sol
opaco.

No llega a mi altivez
Por incumbrado,
Monte creciendo, humo subiendo, ave
bolando.

Es para mi grandeza,
En sus espacios
La tierra un pñto, el ayre un soplo, el mar
un atomo.

Para acentar mis huellas
Miro baxos
Celeste cumbre, altivo folio, trono ele-
vado.

Para adornar mi templo
Es poco fausto
Hilada seda, texida plata, oro labrado.

A guarnecer mis plantas
Llegan varios
Rubi precioso, perla costosa, diamante
claro.

No se esconde a mi antojo
 Aun que liviano
 El ave en nido, el bruto en cueba, el pez
 en lago

Pot servir mi deidad
 Gimén sudando

Gusano util, rustico simple, maestro sabio.

Aromatico culto

Es mi olfato

Nardo espremido, anbar molido, abril
 corrado.

Para elevarme estatua

Fragil allo

Constante bronze, robusto azero, duro
 alabastro.

Y al fin a mi obediencia

A los humanos

Sogeto reyna, obligo Diosa, inclino auf-
 rro.

Calou a falsa Deosa, deixando à Pe-
 regrina hum reverente obsequio a seu
 culto, o altivo affecto a seu trato, e a no-
 breza que ainda sem ser divina lhe adi-
 vinhava os pensamentos, se he que lhos
 não vio pelo cristal da testa, que pagar-
 lhos, offerecendolhe huma coroa das flo-
 res de mais gala, e mayor soberba. Foy a
 Pere-

Peregrina alegre a pegar della, mas bufcou coroa, e tocou nada. Vista era coroa, palpada era ar, aos olhos facil, à mão impossivel, e porfiando a Peregrina em vencer este, advertio que do mais alto do Olimpo se despenhava às inferioridades do botque hum rio tão claro em suas agoas, que as pode converter em desenganos: e fazendo-se pedaços por lograr avisos, murmurou assim.

DESENGANO PRIMEIRO.

Quem es tu ò nobreza do ser humano, sendo de humano ser? Como te levanta tua soberba até as estrellas, quando no lodo podes manchar o firmamento, pois nem o aço de tua arrogancia bastou a gastar o aço de teu principio; porèm tu tiras os olhos do que começastes, e por isto te persuades a que creceste? Adonde està esta grandeza de que te jactas, se para a duração cabe em hum instante de tempo, se para o lugar caberá em dous palmos de terra? Respondesme que te alargas em quem te deixas, e em quem te deixas, ja que me respondes? Deixas-te em quem por herdard

te ser taõ pouco ; não pode passar de taõ pouco ser : deixas-te em quem por herdarte os perigos, se ha de estreitar às fragilidades ; deixas-te em quem por herdarte taõ pouca vida , te não pode desagravar das injurias da morte ; deixas-te em quem por herdarte as condiçoens de barro, te não pode satisfazer as queixas da duraçaõ ; e finalmente deixas-te em outra tũ, quando mais, que não pode ser menos ; pois se isto he assim, ò fenis de miserias, quanto melhor te estava ter mariposa de luzes? Melhor te estava, ò mulher nobreza , a abares tua vaidade às luzes de teu delengano , que renascereem tuas presumpçoens, à custa de teus escarmentos: dize me adonde fazes teus fumos ; se he que os não levantas de teu pò , pois tal he teu delvanecimento que atè do pò , levantaràs os fumos, e nem a tua vileza perdoarà assim tua vaidade, e sendo esta vento para despenhar-te a fazes azas para subir ? Dize ao nobre que nasce como nenhum, que cresça como sò , que acabe como unico; mas se o nobre nasce pranto , cresce perigo , acaba delengano, de que se delvanece o nobre? Olhay ao seu berço, acharcis lagrimas, ao seu

seu palacio vereis sobressaltos, ao seu sepulcro descobrireis horrores, e ainda que ao sepulcro levantem marmores, ao palacio ennobreçaõ titulos, ao berço cubraõ purpuras; dizem lhe que isto he o que tem de seu, e aquillo he o que tem de si, mas elle esquece-se do que tem de si, por se lembrar do que tem de seu.

Se choras nobre ao nascer as miserias para que nascees, porque te não lembras destas miserias, quando vives? Lamentas teu mal quando sem entendimẽto; descuidas-te de teu mal quando com razãõ; e não advertes que este he o maior mal: ao nascer choras tua fragilidade, ao viver procuras tua adoraçaõ; se perguntas ao que choras pelo que procuras, primeiro choras-te perigo, ao depois fazes-te deidade, sem advirtir que ficou desmentida tua deidade em teu perigo. Como queres cultos de divino ao durar, se trouxeste sentimentos de humano ao nascer? mal pôde tua soberba indeozarte, se tua mortalidade ha de consumirte, não porfies ò grande em ser idolo, que o que hoje he sacrificio, àmanhã serà fogo, e assim te abrazaraõ teas sacrificios, fumos em tua vida para a presumpçaõ,

incendios em tua alma para o castigo. Entraste no mundo chorando-te, e cresces no mundo desvanecendo te, quando ignorante, como quem sabe, quando sabio, como quem ignora, mas tu fizeste de tua razã malicia, por isso fazes de teu pranto innocencia. Bem sabes ò miseravel soberano, que choraste ao nascer como menino; porèm que de menino não choraste, olha, e teme, que nasces pranto para durar suspiro, mas tu descuidas teu lamento passado, porque desprezas teu perigo presente, sendo aquelle lamento este perigo; nasces com fragilidade de vidro, vives com confiança de bronze. Dizeme ò grande quem te deu tanta confiança, que queira fazer tua culpa, o que não póde fazer tua natureza; se vives para viver, trata te como eterno, se vives para morrer, vete como mortal, não procures encobrir com as verdades os desenganos, que isso he querer dourar as sombras, e esconder as luzes, olha que desenganos dissimulados são enganos conhecidos.

Todos teus brocados não podem encobrir tua vileza, todos teus diamantes não podem desmentir tua fragilidade,

toda tua arrogancia não pode afugentar teu risco, todo teu ouro não pode dissuadir teu pò : toda tua prata não pode esquecer teu lodo , todas tuas perolas não podem desviar tuas lagrimas , todo teu fausto não pode dissimular tua miseria, todo teu titulo não pode dourar teu fer, todo teu palacio não pode escusar tua tumba , toda tua purpura não pode deterrar tua mortalha : como fazes logo tua soberania , do que não pode desfazer tua baxeza , levantandote em cabeças de ouro quando te não podes segurar em pès de barro? Que importa ò nobre, que a vida te trate como grande , se a morte te ha de tratar como pequeno.

Descuidas teu fim, quando para teu fim caminhas , quem continuando a jornada se pode esquecer do termo della, se não aquelle que delirante perdeu o entendimento na jornada? Porém tu a que tua vaidade té louco, esqueces-te do termo porque perdes a razão, sabe pois que cada passo que dás, ainda sendo a teu divirtimento , o dás a teu sepulcro: cada sol que se te poem, te diminúe as luzes da vida , cada sombra que se te passa , te avezinha as sombras da morte, e finalmente

mente cada respiração que tomas a viver, te poem mais perto de acabar. Persuadete ò grande a que chegas, e não a que sobes, mas tu nem a que sobes, nem a que chegas te persuades, cuidas que pãras a não poder ser mais; e corres miseravel a não poder ser menos. A' tua fantastica grandeza, responde Alexandre, que não coube no mundo, e coube na sepultura.

Se o fingido Deos da Monarquia aerea se lembrara de tua presumpção, muito dilatara seu imperio, trinta e dous ventos contou em sua região, trinta e dous mil acharia em tuas vaidades, e o peyor he que te fias do vento. Os Gigantes fabulosos levantaraõ montes sobre montes para subir, mas tu levantas montes sobre ares para estar, com que he mayor tua loucura, que a dos Gigantes.

Fazes tu merecimento de teu nome, quando só devias fazer teu nome de teu merecimento: tuas obras haviaõ de ser tua nobreza, que não ha mayor nobreza, que a de bem obrar; mas fidalguias no sangue, e vilezas na alma, he querer ser tudo na terra, e nada no Ceo; assim escolhes cego fazendo-te fidalgo de tempo,

tempo , e vil de eternidade , tua soberba
naõ passa de tua vida , e he a mayor dis-
graça da tua soberba : neste mundo fa-
zes fantasia de ser mais , no outro naõ
fazes discredito de ser menos : aqui que-
res exceder aos mayores , la naõ tratas de
te igualar aos grandes : aqui delejas to-
car com o dedo nas estrellas ; la naõ re-
paras tocar aos abissmos : taõ pequeno es
ò soberano , que ainda em tua sober-
ba naõ podeste ser grande ; nobreza , no-
breza naõ està teu ser em alcendencias
passadas , està tua realidade em virtudes
presentes , se te ensoberbecce a magesta-
de de teus mayores , levanta as pedras a
seus monumentos , e alli veràs quem fo-
raõ teus mayores , e os que tem sido teu
engano , fiquem teu espelho : se te des-
vanecem teus titulos , saõ para a vaidade
nomes dourados ; porèm para a valia naõ
podem ser ouro de nome , se te enso-
berbecem teus estados , saõ muitas lego-
as para o cuidado , e mais dous palmos
de terra para a soberania : se te endeola
tua estimaçaõ , he huma adoraçaõ que te
mente idolo , mas naõ he adoraçaõ que
te desminta humano : se te enlouquecem
tuas galas , saõ tarefa de bichos , recida

em vaidade de homens : se te elevaõ
 tuas riquezas, são cabedal que te não po-
 de comprar mais duraçaõ, e só te pode
 valer mais fantasia, e finalmente se as
 riquezas, as galas, os estados, os títulos,
 a estimaçaõ, a fidalguia te ensoberbecem,
 por ser da vida o melhor, olha que o Sa-
 bio dos homens chamou a tudo o melhor
 da vida vaidade de vaidades. A virtude
 he ò nobre a que pode eternizar tuas co-
 roas em melhor reyno, perpetuar tuas
 memórias em melhor fama, levantar teu
 mauzoleo em melhor pira, e levar tua
 estatua em melhor nome, dilatar tua so-
 berania em melhor dominio, duplicar
 teus títulos em melhor Corte, conservar
 tuas riquezas em melhor erario. Queres
 ser grande ò nobre, sé Santo, que só sen-
 do Santo, seràs grande. Calou o rio o fa-
 tal delengano não voluntario, mas respe-
 ctivo, vendo que do Olimpo atè o bos-
 que media os ares Orfeo de penna, com
 corpo de ave; voz de Serea, gala de ne-
 ve, conceito de luz, cantou assim.

Vana deidad nobleza

Solo de verte está

Democrito a reir

Eraclyto a llorar

Desenganos do Rio. 41

Tu pompa con el viento,

Ov he visto pesar

Y siendo el viento nada,

El viento pesò mas.

Si tan poco nobleza

Vale tu vanidad,

De lo que hazes tu ayre,

Puedes hazer tu ay.

Mas tu locura es tanta

Que en tal fatalidad

Viviendo entre suspiros

No sabes suspirar.

Que es tu lustre de estrellas

soberbia informaràs.

Y robas lo celeste

Por luzir lo mortal!

Espera un poco, y mira,

Mas ay dolor fatal

Que esse poco no sè

Si puedes esperar.

Tu ser, y fantàsia

En ti luchando estan,

El humo por subir,

La tierra por baxar!

Si sorda al desengaño

Dudas de la verdad,

Pregunta a lo que fuiste,

Y ve lo que seràs.

Y tan-

Y tanto me lastima
 Tu loca ceguedad
 Que si llorar supiera,
 No bolviera a cantar.

Vanidad vanidad!
 Falsa nobleza prevencion fatal
 Si no puedes ser menos
 Como puedes ser mas?
 Vanidad vanidad!

C A P I T U L O IV.

Em que a alma he levada ao segundo Idolo do mundo Ferosura, e hindo a cegar-se em suas luzes, a soccorre o Desengano com suas vozes.

A Peregrina que ja adorava reverente a primeira deidade do bosque Nobreza, trocando o nada da sua coroa na que lhe offereceo, ouvindo o menos de seu ser no que se lhe murmurou, advirtindoa corrida no que fugio, de todas estas circunstancias fez hum motivo para desestimála, deixandoa para fantasia, sem buscála para Deidade, e querendo
 arguir

arguir de sua falsidade às Caçadoras, e Ninfas, se achou só com a queixa, porque não vio a quem fizesse o queixume: adiantou o passo, passeou os olhos a ver se as encontrava, e a pouca molestia da planta, e menos fadiga da vista, as descobrio devotas ao segundo culto de tão indigna Deosa. Era esta huma bellissima mulher com quem as tres graças ficavaõ huma enveja, sendo seus olhos huma esfera de luzes, sua boca hum thesouro de rubis, sua brancura huma alva de afucenas, suas faces hum abril de rozas, seu composto hum todo de perfeçoens: vestia cor celeste, porque em tudo se fingisse celestial, de prata em coraçoens partidos guarnecia a gala, que esta mulher fazia gala de partir coraçoens, o toucado brincava em maripolas de ouro que se lhe hiaõ queimar às luzes dos cabelos, no peito prendia hum espelho de donde a espaços o tresladava aos olhos faudosa de verse, porém não tinha faudades de presumir, fazia esfera de hum bellissimo rozal, luzes, e flores mostravaõ tanta fermosura, que aqui só desdenhavaõ de servir estrellas sendo da magestade a melhor purpura, do corala me-

Ihor

lhor folha , do sangue de Adonis a melhor tinta , e à deidade, a quem teciaõ folio de tanto nacar, a melhor perola.

A Peregrina que escaementada , ao primeiro Idolo dava costas, agora namorada , ja ao segundo fazia rostro , perdida pela belleza que via, ja não formava idea nõ defengano que deixava , e mariposa daquellas luzes caducas se arrojava a tocallas persuadida da sua devoção, quanto esquecida da sua fé. Quem es o soberana Deosa, lhe preguntava , cuja belleza faz Paraíso deste bosque , Ceo deste verde , luz desta sombra ? Respondeo a endeosada humana, sendo partido cravo fragancia aos zefiros , prizaõ aos ventos , noticia à Peregrina.

Yo soy aquella Deidad

Que al Cielo hurtó las estrellas

Al campo robo las flores

A los mares las perlas

A Jupiter los rayos

Al amor las saetas.

Soy Madre de amor por Venus

Hija de amor por belleza

Reina de amor por imperio

El mismo amor por fuerza

Que el por mis ojos tira
Yo veo por sus flechas.

De mi belleza en las luzes
Acende amor sus hogueras
Porque el mismo amor no arde
Si en ellos no se quema
Incendio incendio adonde
El fuego es la material

Baxan los Dioses por verme
De las esferas supremas
Y aquel que llega adorado
A adorarme se queda
Que a merecerme humana
La misma deidad ruega.

Soy el Cielo de la vista
Quando a mirarme se eleva
Mas si de los ojos gloria
Tambien del alma pena
Que lo que es luz a ellos
Es solo fuego a ella.

Soy el incendio de Troya
Porque quando se fomenta
No fuera Troya cenizas
Si yo luzes no fuera
Y en ellas arden Paris
Y renacen Helenas.

Soy el desvelo de Apolo
Quando pastor galantea

Que

Que el Sol por arder en mi
De abrazarse en si dexa,
Y duplica los rayos
Trocando las esferas.

Soy quien al leon tebano
Afeminò la brabeza
Mudando valor de roca
En el huzo de rueca
Quando amor hazer supo
Hilo de la cadena.

Soy quien a moverte fiero
Quebranto la resistencia
Azero que es a Cupido
Espejo de sus fuerzas
Adò Venus se aliña
Y Vulcano se afrenta.

Soy quien al tonante rayo
Tranfinutò la luz severa
Quando el oro serviò sombra
Que la luz le acautela
Si no con la deidad
Falso con la belleza.

Soy quien al lobrego Dios
Aclarò la sombra aberna
Quando de una luna hurtada
Hizo una luz perpetua
Que ay luz que hasta el infierno
A lumbra quando quema

Soy la herida de Cupido
Quando de Siquis te acuerda
No allando en sua essencia misma
Favor contra sua essencia
Porque quando amor mata
Tambien amores muera.

Soy la Anaxarte de Ifis
Impenetrable dureza
Adonde hermozas imbidian
Y ingratas escarmientan
Mas luego bolui fuego
Si alli feneci piedra.

Soy de las Diotas los zelos
De Jove la ardiente empreza
Adonde Juno se abraza
Y Calisto se yela
Y ali deidad suspira
Lo que muger desdeña.

Y al fin la hermosura soy
Assi declararlo pueda
Porque a la belleza solo
Decifra la belleza
Que el Cielo solo puede
Del Cielo ser idea.

Callou a bellissima, se bem mentida.
Deosa, a metrica voz de sua soberba en-
formaçaõ , e tirando do Ceo de sua es-
fera

fera huma estrella de tuas rozas , lizonjeou com ella a Peregrina deixandolha , quem o duvida, como retrato de sua fermosura , taõ bella a roza que se atreveo a fingirse copia daquelle original. Pegou della a Peregrina , e levantando os olhos à Deosa para agradecerlhe o florido favor , ao tornallos com brevidade à rainha do prado , achou sua gala murcha, sua belleza affeyada , seu nascer escuro, e finalmente flor cadaver , que alli ja se via sòmente o cadaver da flor , sendo sò a hum virar de olhos o mayor escarmen- to do campo , a que foy a mais garbosa roza do Abril. Admirou a Peregrina na pouca duraçaõ da sua belleza a brevidade da sua morte, e querendo cõmunicar este reparo com o Idolo, achou as rozas que guarneciaõ seu culto , cuja cor prometia vida de muitos Soes , participando a mudança da primeira , em taõ poucos instantes, todas desengano , roza nenhuma. Neutral a Joven vacilava entre os agrados da fermosura , e os avilos das flores, quando segundo despenho do Olimpo no mesmo rio em outro desengano , assim murmurou com lingoas de prata , adonde se não introduzio liga de lizonja.

DESENGANO SEGUNDO.

Quem te elevou ò pedaço de terra
 a mentir, te verdade de Ceo? Que
 tens de Ceo para competilo, ou
 que tem o Ceo de ti para assemelhar-te?
 Não es Sol porque o Sol nasce do seu
 Ocaso, e tu não hasde tornar do teu se-
 pulcro: não es Lua, porque a Lua pa-
 dece seus eclipses por accidente, e tu a
 qualquer accidête verás final eclipse: não
 es estrella, porque hasde cair antes do
 dia do Juizo, e pode ser que seja teu jui-
 zo neste dia: não es gofo, porque quan-
 do gloria de quem te vé, es logo in-
 ferno de quem te ama; não es serafim
 porque ainda sem medir as mais despro-
 porçoens, os serafins vivem de amar, e
 tu vives de amar-te; não es paz, por-
 que da guerra alheya fazes a victoria
 propria; não es bem, porque nasces a
 crescer mal; não es seguro, porque vi-
 ves perigo, não es eternidade, porque
 ló duras inconstancia: se pois ò fermoju-
 ra, não es Sol, Lua, Estrella, Sera-
 fim, Gloria, Paz, Bem, Seguro, Eter-
 nidade, que tens do Ceo se não o nome
 D. que

que te deu teu desvanecimento? Este chama-te Ceo , o desengano chama-te flor, e certo que nem o desengano te acertou o nome , efimera mais caduca da Primavera , ou ja preza à esfera propria , ou ja lizonja na mão alheya tem duvida a idade de hum dia, e tu na incerteza de hum dia não tens de seguro nem huma respiração; a flor, aquella pouca duração tem na de posse , a fermosura nem duração tão pouca pode ter senão em esperança, a flor logra hum seguro breve, a fermosura nem hum engano dilatado , a flor sabe quanto vive , a fermosura não sabe quando morre , a flor corre as suas horas sem sobrefalto , a fermosura nem os instantes piza sem susto , a flor olha ao seu tempo como seu , a fermosura todo o tempo deve olhar como alheyo ; com que excede muito a flor à fermosura; se não es pois nem o que te chama o desengano , como seràs o que te chama a vaidade?

Consultas com teu espelho teu ser, e não advertes o que te dissimula teu espelho: tu perguntas-lhe o que es , elle diz-te o que pareces , e tu cuidas que o que pareces he o que es ; mostra-te as

boas

boas cores de tua belleza, esconde-te o
achaque de tua fragilidade, e correndo
tua fermosura a morrer te persuade a que
para a matar : se o buscaras fermosura
como desengano,naõ te fallara como el-
pelho; bellezas do mundo atè dos espe-
lhos fazey os desenganos , e se vos naõ
tratarem como cristaes,quebray-os como
vidros. Sahes pois de teu espelho huma
deidade presumida,adonde a idolatria te
deixa huma deidade lizonjeada, sem ad-
vertir que te busca humana , o mesmo
que te apelida divina. Só Deos foy Deos,
e homem, e tu fermosura queres ser mu-
lher , e Deosa : o que só pôde unir seu
poder , quer aqui vincular tua presump-
ção. Grande presumpção, a que se atre-
ve ao poder de Deos! Essa foy a que lan-
çou a Lusbel no abismo : teim-te fermo-
sura, que elle tambem era Anjo de luz.

Naõ das credito à tua realidade por
dar ouvidos a tua lizonja, e quizeras des-
fazerte de teu ser , por tè fazeres de teus
hiperboles: teu ser he hum pouco de pò,
teus hiperboles hum muito de mentiras,
e melhor te está ò fermosura , que tua
mentira, tua terra. Esta cuidada pode va-
lerte hum desengano , aquella cicutada

pede levarte a hum precipicio , cerra pois os ouvidos à lizonja , que te despenha , abre os olhos à miseria que te compoem , e porq̄ primeiro que em tua apreheſão a vejas , em minhas vozes ouve qual he tua miseria. Sabe belleza que toda a cor de tua fermofura não he mais que huma diſſimulação de tua caveira ; eſſa graça que representa tua vida , he ſó hum veô que eſconde tua morte ; deſengano cuberto de flores , horror embuçado de luzes , e que eſtando tua caveira por alma de tua fermofura , te eſqueças por tua fermofura de tua morte? Isto he adorar o engano ſobre o cadaver , quanto melhor te fora adorar a verdade debaixo do engano.

Se tua belleza, em ſua luz attrahe hoje tanta borboleta errante a conſumir-ſe à manhã em ſeu Ocaſo, chamarà tanto bicho faminto a ſuſtentar-ſe : ſe agora a mariposa rodea a chama ; ao depois o bichinho buscarà a cinza : ſe não podes renascer da cinza , porque fazes ó fermofura caſo da chama? Viver com eſtimação de Fenix , e com perigo da belleza , he paſſarſe a belleza à ignorancia do Fenix , e não à duração ; e tomas aſſim

da

da ave o bruto , e não o perduravel; des-
prezas pela fermosura , a razão com que
fazes sem razão à fermosura , isto he fa-
zer da graça culpa , pois a tornas culpa,
quando a recebeste graça , e porque não
premeditas ò belleza que não podem as
estimaçoens da vida livrarte das injurias
da sepultura? E que se hoje não basta
tanto racional a adorarte, àmanhã so-
brará qualquer bichinho a offenderte.
Dize pois àquella idolatria que te livre
desta fatalidade, e se o seu affecto te não
pode valer na morte de que te serve o
seu affecto na vida? Quando ò fermosu-
ra te exclusas das fadigas da Parca, como
te ha de izentar dos estragos do tempo?
Se passada a Primavera de sua perfeição,
o que hoje he em tua belleza saude, a-
manhã será em teu espelho saudade, e
os mesmos dias que gastas em desvane-
certe, são os proprios que gastas em di-
minuirte: o tempo consome-se em de-
senganarte, e tu em enganarte consumes
o tempo, mas nesta encontrada porfia
ha de ceder tua teima a seus rigores, fican-
do por despojo tua fermosura; faze pois
teu escarmento de tua razão, não esperes
a fazer teu desengano de teu desengano,
que

que o primeiro he voo do entendimento, e o segundo vagar da ignorancia, e se tua belleza, porque ha de ser nada ao depois, he nada agora, se a vès agora, seja contemplandoa como ao depois: buscalhe as luzes só para lhe penetrares as cinzas, e assim no que te encontrares feya, te faràs sabia. Bellezas humanas de fenganayvos antes que vos deenganem, fazey ja por vontade, o que ha de ser logo por força, olhay que està a vida de vossa perfeição ameaçada de duas mortes, e que são muitas duas mortes para huma vida. Quem ò fermosura te chama luz, bem sabe que foges como sombra, quem te nomea maravilha, bem sabe que duras como rosa, quem te apelida diamante, bem sabe que estallas como vidro; quem te invoca estrella, bem sabe, que influes desgraça; quem te chama Fenix, bem sabe que vives instante; quem te compàra gloria, bem sabe que te desvaneces suspiro, e quando não tiveras mais mal que o de fazeres mentirosos, es ò fermosura grande mal.

Que deixas aos seculos vindouros dessa tua perfeição presente? Por ventura podes repartir o thesouro de tuas gra-

ças às idades futuras? Não, que contigo sepultas tuas graças. A belleza mais celebrada nas Historias Sagradas foy a de Raquel, a fermosura mais memoravel na narraçoens profanas foy a de Helena, e se de Raquel não ficou huma luz; se de Helena só ficou huma cinza, que lhe valeo a Helena o abraçar com tuas chamas a Troya, de que servio a Raquel o alumiar com seus Soes a Mesopotamia? Bem que se não communica aos tempos, não tem tempo a fermosura de ser bem, aquella gloria que se deixa, he a mayor gloria que se possue, mas tu só podes deixar huma compaixão, ainda quando logres huma memoria. Fermosuras humanas, se quereis eternizar a perfeição, descuidayvos da belleza, quebray vossos espelhos, e cõpondevos de vossos desenganos, que esses alinhos agora destroçados, ao depois vos feriarão luzes tecidas; se vossa soberba deseja arrancar as estrellas do firmamento para as fazer alfene-tes do toucado, o que não pode fazer a vaidade presumida poderà fazer a vaidade pizada. Se hoje vos despires de enfeites, amanhã vos toucareis de estrellas; olhay que a ambição de vossas galas só podem

podem satisfazer os côrtes do Safir, e que na terra não vos podeis vestir de Ceo, que para alcançares huma gala de Ceo, he preciso repudiareis os adornos da terra? Que dera vosso vão appetite, a quem lhe talhasse huma roupa de Sol? Sem duvida que a poder o Sol ser tecido, ja fariẽis cara ao ouro fiado, pois só com ter valor para desprezar-vos, teriẽis mais luz que a de sete Soes para vestirvos? Mas ah miseravel fermolura, que todo teu disvello he fazer galas para o vale, adonde ainda que adornada de perolas o has de achar de lagrimas! Todo o teu descuido he esquecer luzimentos para a Corte, adonde atè das lagrimas podias fazer perolas, tanto desmancho para os olhos do Lince, tanto enfeite para as atenções dos cegos. Isto belleza peza huma loucura, e tal he a tua loucura que o não peza; mas se não tens juizo para o pezar, olha que se ha de pezar em teu juizo, e alli o ouro que arrastaõ tuas vaidades, farà carga à balança de tuas culpas, sem que baste a izentarte sua fineza tanta ambição de ser fermosa, a tua vida tanto desinteresse de ser fermosa, a tua eternidade; só tinhas desculpa a poder fazer eternidade

eternidade de tua vida, para a esfera de hum instante: queres ser muito para á capacidade de hum sempre, adquires ser nada: cá que te singularizem como af-sombro: lá mas que te excluão como sombra, e es de taõ máo gosto fermosura que te estimas caduca para te despre-fares immortal. Entendey fermosas, que não està a belleza em fello, senão avello de ser, vossas luzes não podem resuscitar de vossas cinzas, que só podem renascer de vosso desengano; desenganay-vos pois se quer ao interesse de melhora-tes as luzes, e assim se hoje sois fermosas de accidente, amanhã sereis fermosas de eternidade. Callou o rio para cantar a ave que descendo de soberano ninho à inferior esfera do trono funebre de hum elevado cipreste, disse assim.

O' tu beldad caduca
En esta humana esfera
Si vives como rosa (trelsa?)
Que importa di que alumbres como es-
O' tu que del diamante
Las luzes reverberas
Si duras como vidrio
Que importa di te estimen como piedra?
O' tu

O' tu lizojna infaulta
 De maripofas ciegas
 Si huyes como fombra
 Que importa dí que éstès como lúbrera:

O' tu mortal hermosa
 Tu celestial terrena
 Si corres como agoa
 Que importa dí que naſças como perla

O' tu de amor armado
 La mas rara potencia
 Si mueres como blanco
 Que importa dí que mates como flecha:

O' tu de aprehenſion loca
 La mas ardiente idea
 Si buelas como humo
 Que importa dí que abrazes como ho-
 guera ;

O' tu deidad mentida
 De muger verdadera
 Si achacas como humana
 Que importa dí q̄ te adoren como Dea:

Y finalmente oh tu
 Vaniffima soberbia
 Si eres como accidente
 Que importa dí que estés como belleza;

Poz-te o ſol, fogio a fermofura no Idolo
 nas Caçadoras, e nas Ninſas que he taõ
 grande

grande a força do desengano , que valida do Ceo a não espera , nem o melhor da terra a Peregrina vencendo as faudades com o escarmento, e por fugir à mentira das flores fechava os olhos na belleza das estrellas, mal satisfeita da fermosura, que quando tomou da rosa a semelhança foy para lhe tomar a duração.

C A P I T U L O V.

Passa a alma ao terceiro Idolo , Discriçãõ humana, torna a enganar-se, e o Desengano a dissuadila

NInfas , e Caçadoras , tornaraõ à ignorante Peregaina , e introduzindo-se cautelosas , ja com o affavel da conversaçãõ , ja com o suave da musica, fizeraõ se achasse com ellas à vista do terceiro Idolo, cujo culto era hum domicilio de frondosas arvores , adonde tudo he flor , e nada fruto. Aqui se idolatrava huma mulher de animado semblante, vivissimos olhos , gravissima presença , sua gala era branca , cujas guarniçoens formavaõ de ouro varias letras, diversas cifras , ao peito prendia huma aguia de
dia,

diamantes, na mão sustentava huma penna de preciosos esmaltes. Venerou a Peregrina este Idolo que lhe influhio affectos em instantes, e vendo que tocando com a penna as arvores, lhes duplicava as flores, conheceo ferem todas aquellas flores produzidas da sua penna; admirou o valor de tal penna no primor de taes letras; e aqui começou a idolatrar ao Idolo, mas ignorando o nome à deidade, assim como o ser, preguntando quem era às Ninfas, lhe respondeo a Deosa.

Yo soy la sabia deidad

Que en este ameno paiz

Sutilezas ensino a los ayres

Quando flores dibuxo al Abril

El Abril, y el ayte

Si se mira aqui

Ni uno tan florido

Ni otro tan sutil,

Soy del Parnasso la Diosa

Porque sin mi aliento oir

Ni su fuente se obliga a correr

Ni su musa se atreve a influir.

Las agoas, las musas

Del sabio pencil

Si por mi no fueran

No fueran sin mi.

El aguila que volante
Al Sol se atreve gentil
Sin mi vista no llega a mirar
Sin mis alas no llega a subir.

Sus alas, sus ojos

Son que assi lo vi

Mi luz perspicaz

Mi pluma gentil.

La deidad de la hermosura

En competencia venci

Y a quien si la hermosura se postra

Hasta el Cielo se puede rendir

Beldad, hermosura

Es conmigo vil

Que yo de mi renasco

Ella acaba en si.

De gracia a los siete Sabios

La rethorica le di

De la fama de Atenas soy alma

Que immortal no se puede morir.

A Sabios, y Atenas

Que tanto aplaudis

Su mente ilustrè

Su pluma moví.

Thesoros son mis conceptos

Porque exceden se advirtis

Quando ya de hermosura a la perla

Quando tratan de amor al rubi.

Rubies, y perlas
 Theforos me di
 Y dexan grossero
 Al oro de Ofir.

Y al fin tanto es mi poder
 Se lo llegaes advertir
 Que he vencido con quatro palabras
 Lo que se postra con hazañas mil.
 Palavras, hazañas,
 Que vence inferi
 El esfuerço no
 La descricion si.

Callou a presumida rhetorica os soberbos metros sendo seus conceitos iman attractivo para o coração da Peregrina, a quem ella em prendas do que a festejava, lhe deu a penna que na mão tinha, mas ao querer pegar della, agradecida a Joven voou ligeira, deixandoa corrida, e ao levantar os olhos mais desenganada, vendo que o mesmo ar que levava de sua mão a penna, roubara das arvores as flores: tão leves eraõ daquella discrição os conceitos, tão vã daquella penna a gala: assim o meditava a Peregrina quando a murmuração do rio lhe ajudou as vozes do pensamento, dizendo assim.

DESENGANO TERCEIRO.

Que sabes discriçaõ humana? Sabes para teu applauso , ou sabes para tua importancia? Mas eu vejo que fazes tua importancia de teu applauso, e por isto não sabes : fazes de teu entendimento tua vaidade , e deixas de fazello tua razão ; razão tiveras a não teres entendimento. Que culpa serà tornares as luzes em sombras, quando he culpa o não tornares as sombras em luzes : pois esta he discriçaõ a tua culpa , logo adonde està a discriçaõ, se està o erro: os cegos quizerão fazer sua claridade de sua cegueira , e tu fazes tua cegueira de tua claridade , bem podes suspirar a luz dos cegos, elles conhecem-na para desejala, e tu possuela para destruilla , e assim ficaõ de melhor luz, ainda que de peyor vista: deraõ-ta para saber , e tu sabes para presumir , e trocando a condiçaõ da dadiva; desestimas a obrigaçaõ da divida , tornando ingraticidaõ por entendimento ; todo teu estudo he saber viver a tua fama na vida , nada de teu disvelo he saber viver a tua eternidade na mor-

te, ficando assim idiota de tua salvação, por letrada de tua vaidade. Saiba o mundo que sabes, mas que Deos veja o como desentendes, que tu fazes ponto em ser discreta da terra, e não fazes dezar em ficar ignorante do Ceo. Façam os homens conceito de teus conceitos, mas que os Anjos fação delles murmuração, que tu fazes-te desentendida com os Anjos, por ficares por entendida com os homens. Adonde pois está o levantamento de teu juizo, se não passa de estrellas acima? Adonde está o sublime de tua sabedoria, se só comprehendes de telhas abaixo? Que penetra tua agudeza, se te não revela o segredo de tua importância? Que faz tua viveza, se não faz de tua morte tua vida? Que faz tua prudencia se não faz de tua vida tua morte? Que faz tua delicadeza, se não lima tua vontade? Que fazem tuas palavras se não ensinão tuas obras? Que fazem teus escritos se só são obras de palavras? Que fazem teus equívocos se te não aclarão? Que fazem teus trocados, se te não trocãõ? E finalmente que faz teu entendimento, se se não aproveita de teu entendimento? Saber para viver necia discrição até o sabem

bem os brutos, que a providencia para a vida lhe fez graça contra a irrationalidade: se sabes só para viver, sabes como todo o bruto: logo de que presumes se não sabes mais? Se nasceras bruto, e entenderas como racional, podias desvanecer-te, mas se nascendo racional alcanças como bruto, de que ficas a vangloriar-te? Saber para morrer he a verdadeira discrição, estudar na vida para não errar na morte, a verdadeira sabedoria, esta intelligencia he entendimento de racional, a outra he instinto de bruto: saber na vida para a vida he huma sciencia que forçosamente hey de sepultar acabando, saber na vida para a morte he huma delcrição q̄ sem duvida hey de eternizar renascendo: saber para em quanto vivo he saber pouco, perguntay-o à duracão humana, saber para quando revivo he alcançar muito, perguntay-o à infinidade eterna: saber para este instante he o ponto da tua vaidade, ignorar para aquelle sempre he a fatalidade de teu engano, e nem a ambição de ser mayor tua sabedoria te obriga a fazer menos tua presumpção, e porque só em tua presumpção estudas, se estudares discretos em vossos

delenganos alli em vosso ler aprendendo os nada: de tudo, sabereis melhor o como tudo he nada: alli na terra de vossa composiçãõ premeditando, vos não cegaria o pò de vossa vaidade, presumindo alli na vileza de vossa condiçãõ, conhecereis a soberba de vossas condiçoens, alli no vidro de vossa fragilidade reparareis o constante de vosso perigo, alli olhando a sepultura como casa propria não olhareis a morte como pensãõ alheya, alli pezando a brevidade do vosso tempo fareis em quantidade de instante negociaçãõ de eternidade, alli em vosso juizo futuro sabereis condenar vosso juizo presente, alli no conhecido de vossa miseria descubrireis o embuçado de vosso engano, e finalmente, alli sabereis porque alli sò se sabe: estuda pois descriçãõ neste livro para selo que não entender letras tão claras, ainda para ignorantes he needade.

Ser descriçãõ ò sabio, e ter erro não pode combinar-se; pois eu sey que sois erro, e não devo cuidar que sejaes descriçãõ: sois erro quando não fazeis sò do Ceo conceito: sois erro, quando não fazeis sò de Deos estudo: sois erro quan-

do não fazeis só da graça sabedoria: fois erro quando não fazeis só da gloria, gloria: fois erro quando não fazeis do desengano papel, da dor pena, das lagrimas tinta, das firmas seguros: fois erro quando não fazeis do Parnaso Olimpo, da fonte desengano, do Apolo luz, das Musas illustraçoes, e resolutamente entendidos, ou fois Santos, ou fois erro, que não se une poder ser sabios sem fazer por ser santos. Só o santo discreto he sabio: ha mayor engenho, que saber hum juntar as miserias da terra, às superioridades do Ceo? Ha mayor subtileza q̃ em hum valle de perigos temear seguros? ha mayor capacidade que em huma terra de loucos sustentar razão? ha mayor tino que em hum labyrintho de trevas não perder o fio? ha mayor entendimento, que fazer o que me está bem? ha mayor discriçãõ, que fugir do que me está mal? ha mayor intelligencia, que conhecer o desengano? ha mayor sciencia que alcançar o desengano, ha mayor acerto, que trocar o mundo pelo Ceo? ha mayor habilidade que gostar do Ceo ainda no mundo? ha mayor saber que saber salvarme? pois esta he a sabedoria

doria dos santos, e quando ò ignorante fabio fosses discreto, podias negarme que es discreto de mão gosto? Gostas de tua vaidade, que he hum pouco de fumo? gostas de tua presumpção, que he hum pouco de vento? gostas de teus conceitos, que são huma mentira? gostas de tua pena que he huma mentirota? gostas de teu applauso, que he huma lizonja? gostas de tua fama, que he huma embusteira? gostas de teu entendimento, que he huma pequena de loucura? gostas de ti que es hum pedaço de lodo? Ve agora ignorante, se sendo de taõ mão gosto, podes ser discreto.

Cuida teu desvanecimento presumido, que alcanças a saber tudo na terra, e ainda não alcanças o que só no Ceo se sabe: tudo queres saber, mas ò discreto, que ainda te falta muito por saber, tem habilidade para ir ao Ceo, e saberàs esse muito: só no Ceo se sabe, o que he o Ceo, e quem não sabe o que he o Ceo, não sabe: alli comprehenderàs na sciencia dos Anjos a verdade de toda a sciencia, adonde te faras sciente de verdade; alli estudaràs no abrazado dos Serafims a arte de amar, que quem quizer apren-

der esta arte ; menos que por hum Serafim naõ estude: alli conheceràs na fortuna dos gloriosos , a verdadeira fortuna , adonde sem haver roda , que atemorize, ha estrella fixa , que assegure : alli na alegria de todos alcançaràs que na terra era a alegria de nenhum ; finalmente alli veràs na luz de Deos , que tudo o mais he sombra. Faze pois ò sabio por ir ao Ceo , e assim te faràs sabio , estuda aquella sciencia que fez ao simples mestre ao rustico politico , ao humilde rey , às pedras fogo , aos bronzes cera , às flores maravilhas , à noite luz , à lombra dia, à nuvem sol , à fera humana , à humana Deosa , ao homem amor , ao amor homem ; e sabendo esta sciencia do amor alcançaràs o Ceo , e só no Ceo ó discreto se alcança.

Acabou o Rio , e começou a Ave, raõ musica, que pode fazer doces os desenganos com as vozes que foraõ estas.

Ó tu del ayre simbolo
Certo que obriga a lastimas
Ver que podiendo solida
Solo fabes fantastica.

De la tierra en el ambito
 Tus subtilezas parvulas
 O son flores inutiles
 O son luzes incandidas.
 Tus obscuros preambulos
 Tus vanissimas clausulas
 Son necedades criticas
 Si nõ rudezas satiras.

Tu que podiendo altissima
 Beber luzes diafanas
 Te hazes terrestre florida
 Siendo bolante aguila.

Tan falsa es tu rethorica,
 Tan injusta tu maxima
 Que de ti las politicas
 Son del fabio las lagrimas.

Y al fin sabia loquissima
 Llegas a ser tan fatua
 Que pertendes en vida de marmores
 Conservar duraciones de fabulas.

Voou a Ave deixando pelas estrelas do
 Olimpo as flores do bosque, adonde ja a
 Peregrina não via, nem ao Idolo, nem
 às idolatras, que como sempre atemoriza-
 das do desengano, de raõ costas à for-
 ça da verdade.

CAPITULO VI.

A Esperança do mundo, Idolo quarto, chega a alma, primeiro a olha reverente, e logo a deixa desenganada.

Buscada outra vez de Caçadoras, e Ninfas a Peregrina, e achada sempre, porque não sabia fugirlhe nunca, foy levada da tropa infiel ao quarto Idolo do bosque, a quem faziaõ sombra amendoeiras, arvores, cujas flores serviaõ de primavera a esta do mundo esperança; vestia de verde a mentida Deosa, cuja cor guarnecia de varias flores, destas compunha feu toucado, e adornava seu peito, era seu aspecto aprazivel; seus olhos lizonjeiros, seu semblante alegre, e todos estes atractivos foraõ iman que levarã a si o affecto da Peregrina, e querendo saber quem lhe roubava o coração pelos olhos, lhe perguntou seu nome reverente, respondeo sonora.

Soy la hermosa lizonja suave
En que humanos rigores se ablandan
Mas dulce, mas agil, mas firme

Que

Que el néctar q̄ endulça, q̄ el ayre q̄ corre
 La estrella que pâra.

Soy de amor el aliento apacible
 La que sopla a su incendio las llamas
 Que esfuerco, que avivo, que aciendo
 La fé que estremece, la llama que buela,
 El yelo que ata.

Soy la fuerza amigable, y risueña
 La que assi coraçones arrastra
 Que lleva, que anima, que atrae
 El Colon que furca, el Marte que lidia,
 Adonis que ama.

Soy la diosa que el mundo venera
 A mi culto soberbio, a mis aras
 Se rinde, se postra, se humilla
 El sagrado adorno, la púrpura regia,
 La abarca villana.

Soy deidad del consuelo benigna
 Que conmigo piedosa, y sin saña
 Se a calla, se sufre, se enxuja
 El gemido tierno, el tormento duro,
 La lagrima blanda.

Soy del bien precursora dichosa,
 Y preludio feliz le adelanta
 Que influyo, que arrojó, que exalo
 Alientos si soplo, vidas si respiro,
 Si pronuncio almas.

Soy al fin la esperança del mundo

Mas alegre a apprehensões humanas ,
Que en bosque, que en prado, q̄ en selva
Las musicas aves , las rosas sangrientas ,
Las corrientes mansas.

Callou o Idolo , e alargou sua mão à
Peregrina, ao que a esta lhe pareceo, com
hum thelouro, porque assim lho prome-
tia seu semblante , e abrindo a mão pa-
ra ver o que nella lhe deixara , a achou
vazia , levantou os olhos a queixarse , e *AEspe-*
topou com a vista nas amendoeiras ja *rança do*
despidas de sua flor, que perdidas as es- *mundo*
peranças se desfolharaõ antes de darem *promete*
fruto : duas vezes advertida a Peregrina *muito, e*
hia a portarse como pescarmentada quan- *dà nada.*
do a murmuração do rio a deteve a escu-
tar seus claros desenganos.

DESENGANO QUARTO.

Que prometes Esperança do mun-
do? Riquezas , isso são vaidades:
honras , isso são fantasias; voos, is-
so são precipicios; titulos, isso são nomes;
Coroas, isso he pezo; Imperios, isso he ter-
ra; Mitras, isso he encargo; Tiaras, isso são
obrigaçõens; Bastoens, isso são lidas; Vi-
ctorias

ctorias, isso são batalhas; Laureis, isso são folhas; e finalmente todos os bens do mundo, isso he nada: que são as riquezas que prometes, quando ouro, huma pouca de terra, quando prata, huma falsidade de liga, quando perolas, humas gotas de agoa, quando diamantes, hum dissimulado veneno, quando esmeraldas, humas pedras de melhor cor, quando safiras, huma cor de melhor semelhança, quando cristal, hum pedaço de caramelo, quando coral, hum tronco de huma arvore; estas são as riquezas a quem as conhece; e que são as riquezas a quem as possui? A quem as possui, são cuidados para a vida, laudades para a morte, cargo para o juizo, embaraço para a conta, a moeda falsa para o Ceo, moeda corrente para o inferno, estas são as riquezas.

Que prometes nas honras? Promettes titulos, e que são esses titulos? he huma excellencia, que me não faz excellenté, porque me deixa miseravel; huma senhoria, cujo senhorio está na voz alheya, e não no merecimento proprio, as minhas obras podem-me fazer excellenté, porque me podem fazer santo; as minhas

virtu-

virtudes podem-me fazer senhor', porque me podem fazer grande, mas cuidar hum que porque tem huma terra, ou huma nomeação de mais, fica excellente, he huma ignorancia que bem parece filha da terra: ò quantas vezes o que para o mundo he excellencia, he insolencia para o Ceo; fazeis titulos mais apreço daquelle nome, que vos daõ em vosso estado, que daquelle nome, que vos daõ em vosso bautismo, pois acodis pelo titulo, e não pelo nome: em certo modo parece, que he antepor a fortuna à graça: desenganayvos Grandes, de que sem graça não ha fortuna.

Prometes mais, ò louquissima esperança bastoens, e a quem os prometes? a hum homem, que para alcançar esse bastão, passa primeiro por tantos perigos da vida, quantas são as occasioens de merecello; hum agonizante passa da morte a sua hora, hum soldado ve-se na hora da morte, quanto tem de lida, com que não ló fazes comprar ao triste lidiador a honra que lhe prometes com a hora da morte, se não com as horas da morte, e quantas vezes. ah! falsissima esperança, se lhe chega a morte, sem lhe chegar a honra?

Servi homens a quem vos promete Co-
roas immortaes , e não a quem vos ace-
na com laureis caducos , que a morte
he rayo , que não respeita o louro com
que vos ha de despojar da vaidade a mor-
te, e se arriscastes a cabeça para merece-
lo ; não vos pode segurar a cabeça para
conservalo ; se quereis ser valentes , sede
Santos , não està o esforço em aprestar
Exercitos alhejos , està o valor em do-
minar paixoens proprias , em vencervos
a vòs , e não a outrem ; olhay que mais
faz hum justo em conquistar o Ceo, que
hum Alexandre em fogeitar o mundo ,
conquistay o Ceo , que padece força.

Prometes mais falsissima esperança
Imperios, e que vem a ser estes Imperios?
partes da terra: e que he a terra toda? mi-
serias ; logo vem a ser senhor de mais
miserias , o que vem a ser senhor de mais
Imperios ; dize fortuna nesse dominio
ao infante, que não nasça chorando, ao
mortal que não viva padecendo, à belle-
za que se não olhe ameaçada de huma
caveira , à grandeza que se não veja es-
treitada a huma cova , à flor que dure,
à estrella que pare , à alegria que fique,
ao pranto que fuja ; à vida que não aca-
be,

be , à morte que respeite , e se esse pranto for riso , se esse homem não for miseravel , se essa belleza não for sombra , se esse grande não for mortal , se essa flor for perpetua , se essa estrella for fixa , se essa alegria for duravel , se essa vida for constante, se essa morte for respectiva, eu te gabarey o Imperio , eu te não desdenharey a Monarquia, senhorio de mortaes, posses de terra, por isso de miserias dominio.

Prometes Coroas ? E que prometes nessa soberania ? Para a cabeça Coroa , para os olhos venda , para os hombros pezo , para o coração lida , para o sono susto , para a vida trabalho , para a alma perigo , para o ser nada ; Esta he a coroa, ò enganosa fortuna , ò miseravel Rey ; prometes Mitras , e que vem a ser esta dignidade ? Obrigacoens dobradas , cuidado proprio em descuidos alheyos, que he o mayor cuidado tomar almas à conta de quem muitas vezes não sabe ter conta com a sua propria alma ; se o homem em o juizo fizera (a poder) extremos por poder de huma só alma não dar conta , como se acharà o homem em o juizo tendo que dar conta de muitas almas ;

mas? O como só o poderá dizer o mesmo homem em ojuizo: apertos daquelle tremendo tribunal, menos que o proprio tribunal não pode explicallos: as angustias daquelle fatalissimo perigo, só as pode medir a mesma angustia; quem duvida que alli quizera o homem antes que na dignidade de huma Mitra haver vivido nas estreitezas de huma cova? Este he ò fortuna o aperto a que condennas o homem, quando lhe dàs a Mitra.

Prometes Tiaras, e com as Tiaras hum Principado na Igreja Principe da Igreja, a que estàs obrigado? sem duvida que a meditares tuas obrigaçoens, não ousaras a aceitar tua Tiara: te de hum Principe no temporal são as obrigações tão crecidas, quaes serão de hum Principe na Igreja as obrigaçoens? E sendo tal a fragilidade humana, que difficiltoamente pode corresponder a este empenho, olha esperança o empenho em que poens a quem brindas com a Tiara, honra mais para temer-se, que para lograr-se? Se pois ò esperança de tuas promessas ainda quando verdadeiras são estas as posses, que ha que fiar em tuas promessas; pois sendo ancias quando esperadas

peradas , ainda são mayor mal quando possuidas. Mortaes que fazeis tanto pelo que he tão pouco, adonde está a vossa vaidade , que vos não sabe livrar desta miseria? Mas ah! como vejo que da miseria fazeis a vaidade ! Daes a vida pelas esperanças da terra, e não daes hum passo pela posse do Ceo. Grande injuria fazeis ao Ceo , grande confiança fazeis da terra , tanto servir ao mundo pelas honras do mundo, cujo ser he hum pouco de fumo, que cega, e foge: tanto descuidar do Ceo, cuja luz he huma estrella que alumea fixa : tanta fadiga para a vida, tanto desprezo para a eternidade: tanta meditação para viver , tanto estudo para acabar , como se nunca acabareis de viver ? Mostras mortal que tens grande fé , ou que tens fê nenhuma , se esperas salvarte fazendo nada pela salvação , tens muita fé , mas olha que nessa fé te não podes salvar, e se havendo Ceo te lembras só da terra , parece que não chega a tua fé a cuidar que ha Ceo: homem de tão grande fé não te fies em tua confiança: homem de fé tão pouca, não te segues em tua duração , abre ignorante voluntario os olhos, e veràs as luzes,

zes, olha confiado infiel o fogo, e temeràs os rayos, medita o que vay de posse posse, e loga deixará esperança.

Callou o Rio, cantou a Ave, ouviu a Peregrina.

Viendo tus esperanças
 Aura, y Aurora,
 Quanto una las rie,
 Otra las llora
 En el ayre se fian
 Para dezaire
 Quien del ayre se fia
 Es como el ayre,
 Por el viento esparcieron
 Varias flores,
 Y el viento las deshoja,
 Porque son flores
 Con estas competian,
 Y si le goza
 Que mas que la esperança
 Durò la Rosa,
 De mentiras componen
 Todas sus vezès
 Pues nos muestran el oro,
 Y dan las fezes,
 Y siguiendo este estylo
 En tal fatiga

A la plata prometen ,
Y dan la liga:
A la flor del almendro
Es comparada,
Mas las flores dan fruto
Y ella dà nada
Y esta si mundo loco
Es tu esperança
Quien la alcança me diga
Que es lo que alcança?

Taõ suave cantou a Ave, que fez a verdade doce cujos ecos nos ouvidos da Peregrina passaraõ ao coração, e buscando a companhia para lhe communicar o effeito se achou sem ella que os desenganos tem poucos que os ouçaõ, e muitos que lhe fugaõ.

C A P I T U L O VII.

Em que a Peregrina passa ao Idolo Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes, e logo piza seus poderes.

CObrados do lusto, Caçadores, e Ninfas tornaraõ à empreza, que a malicia quando porfia, he muy teimosa.

Cortejando a vacilante Deosa, a conduziraõ a novo domicilio que se formava do tesouro, que as Hesperides guardaraõ em seus Jardins: transplantados pois neste bosque; creceraõ ás maceiras a fazer templo que douravaõ suas maçãs. O Idolo, que aqui se venerava, era huma mulher de luzidos olhos, prateada tez, dourados cabellos, vestia de tella de prata, e assim manto como roupa bordava de botoens de ouro, gala que estudasse o ser, fora injuria, a cabeça era hum thesouro de joyas, e quanto mais leve na consideraçãõ, mais capaz se fazia para o pezo. Alucinados os olhos da Peregrina nas falsas luzes de tanta terra bẽ illustrada, chegou a dar ambiciosa adoraçãõ ao Idolo, querendo tirar da sua devoçãõ seu interesse, namorada de tanto ouro o desejava proprio quando o venerava alheyo. Quẽ es ò poderosa illustraçãõ deste bosque, exclamou a ignorante belleza, que ja te imagino aurora pelas perolas, alva pela prata, Sol pelas luzes, e mal determinada no que te cuide, tã te venero pelo que te vejo: respondeo em arrogantes vozes a falsa Serca.

Almas vãs e d'outro mundo, que se

Soy de la tierra el Idolo
que adora, porq̄ atiendas sin preambulos
desde el regio pitamide
hasta el dezierto, hasta el humilde paramo.

*A riqueza
za he o
Idolo da
terra.*

Por mi belleza unica
se arroja el hombre sin temer obstaculo
en las entrañas lobregas
en los profundos cristalinos ambitos.

*Pelas ri-
quezas
arrisca o
homem a
vida.*

A las zonas incognitas
huella por verme a los ocultos platanos
tanto coturno intremulo
de hōbre estrangeiro no de proprio fatiro.

A mi poder magnifico
no es imposible a mi valor nõ faturo
hazer suban no esfericos
para dorar el sol altos pinaculos.

A mi imperio los Principes
piden sugetos para ser magnanimos
porque sin mi la purpura
no fuera lustre porque fuera escandalo.

A la adoracion valida
no escapa mi deidad de ancioso tantalo
ni en los terrestres concavos
ni en los senos escuchame diafanos.

*Pelos
bens do
mundo
guerrea
o homem*

Por mis bienes altissimos
guerrea el mundo con ardiente animo
quando en su furor belico
ric Demócrito, quando llora Eraclito.

O ouro
rudo
manda.

Quanto el humano circulo
rodea mi poder manda infantastico
desde el hombre maritimo
hasta el terreno, hasta el estable ambito.
Al fin mi deidad dórica
no pueden explicar affectos candidos
de continuos hiperboles
de repetidos de incessables canticos.

Callou a Riqueza, e alargando a mão
naõ sempre liberal, tirou de suas arvores
humã maçãa de ouro, que deu à Peregrina,
a qual quando hia à avaliar o que julgava
precioso dom, se lhe desfez em terra,
taes eraõ do bosque as riquezas, vit-
tas luz, tocadas lodo. Aos reparos da Pe-
regrina nesta transmutaçã atalharaõ os
despenhos do rio, que com claras vozes
disse assim.

DESENGANO QUARTO.

Que vales Riqueza? Vales huma alma?
Naõ que a condenas. Vales huma vida?
Naõ que a arriskas. Vales hum sossego?
Naõ que o destroes. Vales hum alivio?
Naõ que es pezo. Vales hum descanso?
Naõ que es cuidado. Vales

les huma respiração? Não que es afogo. Arriskas a vida de quem te busca; condenas a alma de quem te guarda; destroes o sossego de quem te conserva; fazes do sono cuidado, do alivio carga, da respiração receyo, e es thesouro? Adonde pois está o teu valor, que se o achou a estimação, eu o não descubro na realidade; contigo poderá o homem comprar mais mundo; porém não poderá o homem comprar mais vida; logo para que quer o homem que o que lhe falte de vida lhe sobeje de mundo, duplicarlhe as conveniencias para viver, e não dilatarlhe os alentos para durar: não he darlhe mais seguros para a vida, e he deixarlhe mais saudades para a morte, com que compra contigo para a morte outra agonia, sonha o ambicioso com o thesouro, desperta, e acha-se com o desengano; logra o homem breve sono de sua duração, a mentida posse de sua riqueza, acorda na eternidade, e delaparecelhe o thesouro, com que quantas perolas cria o mar, quanto ouro a terra, quanta prata as minas, são hum thesouro sonhado, que só val hum degosto verdadeiro; tudo que contigo ò Riqueza

za se faz na vida , he para a vida. He a vida hum composto de annos , os annos de mezes , os mezes de dias , os dias de horas , as horas de minutos , os minutos de instantes , com que de instantes se vem a fazer toda a vida , e cabes Riqueza em hum composto de instantes , servindo so para dourar minutos ?

Que tem o homem em teus banquetes ? se não huma demazia para o gosto, hum achaque para a vida, huma injuria para a racionalidade. Que tem em teus adornos? Na seda huma lizonja de menos dura , na prata huma vaidade mais clara , no ouro huma terra mais bem parecida. Que tem em teus palacios se não mais dous palmos de chaõ para o tropeço , quatro pedras mais levantadas para a soberba , quatro torres de vento para a ruina. Que tem em tuas preciosidades? Humas pedras , a quem a terra deu o ser , e a opiniaõ o valor , melhores para atirarem loucos , que para estimarem sezudos. Que tem nos divertimentos que lhe compras ? Se não huma rarefa de ociosidades , hum labirinto de loucuras , hum teatro de desatinos. Isto he o que tem em ti o homem que te logra,

gra , e só huma chave tem em ti o ho-
mem que te guarde. Se fosses ò misera-
vel Riqueza precisa para conservar a vi-
da, ainda sendo a vida cousa taõ pouca,
tivera alguma desculpa quem por ti fize-
ra muito : mas se ao homem lhe basta
para seu abrigo huma cabana , para seu
sustento huma arvore , para seu vestido
huma pelle , para seu desafogo huma
fonte , que dàs ao homem no que lhe
sobeja , se sem ti tem o homem o que
lhe basta? O mortal , se só com armar
quatro troncos te podes resguardar das
ineleenciãs , para que levantas em teu
reparò tantos mármorez? Para que de-
sinquetas tantas pedras? Para que traba-
lha tanto artifice , sem que escape à tua
fantasia nem a pedra de mayor firmeza,
nem o cedro de mayor duraçaõ , sendo
injuriã ao Libano no que te atreves , e
ao mesmo Paraizo , no a que te atrevè-
ras, pois sem duvida que a poder , lavrà-
ras de suas arvores tua morada. Se só cõ
despir a hum bruto podes vestirte , para
que çortas tanto Abril em cores , para
que apuras tanta fineza em ouro , para
que manchas tanta pureza em prata , pa-
ra que arrastras tanta soberania em pur-
pura,

pura, para que teces tanta vaidade em galas? Mas he ó mortal, porque não consideras que basta huma pele na vida a quem sobra huma mortalha na morte. Se huma fruta pode sustentarte para que alteras os mares por seus peixes, a terra por seus brutos, o ar por suas aves, o fogo com aves, peixes, brutos, cansando o sustento de huma só vida a quatro elementos. Que dirà o ar de lhe darem trabalho por hum suspiro? Se basta à tua sede a agoa pura, para que injurias a clareza da fonte, e a providencia de quem a criou para tua sede, conficionando bebidas de quem tua vaidade he a hidropica, e não teu calor o necessitado? E sem duvida que a haver deoses, tu lhe roubàras de sua mesa o nectar, porque em teus copos não faltasse a ambrosia. Dize-me pois ò inutil Riqueza o de que serves, se sem ti estava provida a natureza humana? Mas ja sey que só serves de injuriar as condiçoens desta mesma natureza. Sabes ò homem quando faràs thesouro da riqueza? Quando a pize teu desprezo como terra, quando a arroje teu desinteresse como lodo, quando a olhe teu conhecimento como nada. Taes

vos vejo ò riquezas do mundo que sois
melhores para desprezadas, que para pos-
fuidas ; mortal que furcas os mares, que
rodeas a terra por teus haveres ; como
naõ advertes que està em ti o teu thesou-
ro com menos duvidas na posteridade, com
menos trabalho na esperança ? Se com
as potencias de tua alma te podes fazer
rico de eternidade para que com tuas di-
ligencias te queres fazer dourado de ins-
tantes ? Se tens em ti cabedal para com-
prar o Ceo, para que buscas cabedal que
ha de deixar na terra, arriscandote a que
te falte pela peregrinaçaõ a patria. Poem
mortal teu cuidado em naõ perdella , e
assim teràs em teus affectos teus thesou-
ros. Vontade bem sacrificada he o ouro
de melhores quilates, lagrimas bem cho-
radas , as perolas mais preciosas , pensa-
mentos do Ceo, as safiras mas celestiaes,
esperanças da gloria ; as esmeraldas de
melhor cor , finezas por Deos , os dia-
mantes de melhor lustre , zelo da salva-
vaçaõ , o rubi mais ardente: desengano
do mundo , o cristal mais verdadeiro.
Chora tua culpa , sacrifica tua vontade,
levanta teu pensamento , abraza teus af-
fectos , melhora tua esperança , exercita
tua

tuã fineza, aclara teu conhecimento, e acharás o homem o teu thesouro, e se atègora esteve em ti como em campo escondido, de hoje em diante aproveitate delle; que ainda he tempo de o fazeres achado.

Galaraõ do Rio os defenganos, e começou assim da Ave a musica.

Oro, y tierra todo es uno,

pero tanto el mundo yerra,

que adora la tierra, tierra.

G L O R I A.

Las verdades que atesoro

mortal aqui podràs verlas

a tantas alvas de perlas

a tantos soles de oro:

todo esse fatal thesoro

està de valor ninguno,

fabe en rigor oportuno

porque salgas de tu abismo

que agua, y perlas son lo mismo.

Oro, y tierra todo es uno.

Eres tierra en tal espanto

oro, y tus rayos ferenos

y si pudiera hallar menos

no te julgára por tanto :
hombre tu encanto, tu encanto
en esta verdad destierra
porque tu valor encierra
tanta fineza usurpada,
la tierra es para pizada
pero tanto el mundo yerra !

A todo el mortal humano
en adoraciones hallo
del Principe hasta el Vasallo
del Ilustre hasta el Villano
tanto affecto soberano
dizid que misterio encierra ?
su intencion se desenterra
que busca el hombre humillado
que idolatra el Rey postrado
que adora la tierra tierra ?

Callou a Ave, desenganou-se a Pe-
regrina, fugio ao culto, conhecendo nel-
le por Idolo a que tinha olhado por dei-
dade.

CAPITULO VIII.

Em que a alma he levada ao culto do Amor proprio, ultimo Idolo.

O mayor idolo he o Amor proprio.

Pelos perigos do bosque deixou outra vez a Peregrina da ave os voos, que podèra seguir com o pensamento, conduzida como sempre de Caçadoras, e Ninfas, chegou ao ultimo, e mais venerado culto daquella esfera, cujo Idolo era hum Joven de afeminado rosto, lizongeiros olhos, alegre aspecto, delicadissimo talhe, vestia de hum finissimo nacar, forrado de cambrai, guarnecido de aljofar: era sua esfera de Narcisos que lhe faziaõ culto, altar, e templo: via-se em hum Rio, que lhe servia de espelho, e era o mais perdido Narciso nestas agoas; poz-lhe a Peregrina os olhos com affecto, e ao perguntarlhe quem era cõ cuidado, respondeo com melodia.

Yo soy el fuego
yo soy el agoa, yo soy la tierra, yo soy el
viento
y de todos los quatro hago un cõpuesto
con

con que quedo a nombrarme quinto elemento.

Soy fuego que soy amor, pero tan blando, tan lento, que son lizonjas las llamas: son alagos los incendios.

Pero mortales tenedme miedo, que aunque tan tibio, aunque tan quieto todo el orbe es ruina a mi llama: todo el mundo es esclavo a mi imperio, aunque tan dulce, aunque tan tierno, hago rostro al incendio mas noble, y a su fuego le traga mi fuego.

Soy ayre, porque sutil entio a todo, y tan adentro que no ay coracon humano que elcuze de mi sus senos.

Pero vivientes mirad mi esfuerço, que aunque ayre blando, benigno zefiro arranco del Olimpo las estrellas: estremesco del Libano los cedros: fabonio manso. suave aliento quando soplo delairo a las penas si respito peligran los leños.

Soy tierra porque al fin soy hijo de tierra soberbio, que al oro no es menos lustre tener la cuna en su centro.

Pero

Todos são escravos do amor proprio.

Amor proprio apaga o de Deos.

Amor proprio entra em tudo subtilissimo.

Amor proprio arruina as almas mais constantes.

He filho da terra o amor proprio.

O amor
proprio
faz
guerra
ao Ceo.

Entibiao
amor de
Deos.

O amor
proprio
batalha
com o de
Deos, e
muitas
vezes
vence.

Pero viadores mirad mi aspecto porque aunque humano, aunque terreno con mi ser hago sombra al impio y de tierra me atrevo a los Cielos señor de mundo, hijo, desvelo soy el Dios que habitante en las almas communica su gloria a los cuerpos

Soy agoa, porque mi fuerça mata de otro amor el fuego recién nacido el calor amortigo los incendios

Pero mundanos ved mi diseño que aunque de nieve, aunque de yelo hago guerra de amor al amor riño lides de incendio al incendio dormido rayo callado estruendo soy assombro que ciega las luzes fuerça soy que arrebatara los pechos.

Callou o lizongeiro Narcizo, e taõ doce suavizou os ouvidos, que podiaõ persuadirse a que era:

O el Orfeo de las aves,

O el ruiseñor de los hombres.

A Peregrina mais que a dos outros sacrificada a seu culto, mudamente lhe bebia os agrados pelos olhos, pouco em si, toda nelle, advertia lhe offerecia hum festico

testico das flores, de que se fazia seu folio, que eraõ symbolos de seu ser. Pegou dellas quando (ò horrendo tusto!) saltou venenoso aspid, que acordado ao tòque, se não ferio a mão, aslombrou aos olhos, tremeo a Peregrina, e conhecendo no perigoso das flores o caviloso de quem as offerencia hia a excluir de enganada, quando o rio lhe roubou assim as vozes.

DESENGANO SEXTO.

Que amas em ti? Amor de ti, amas teu pò? Isso he cegueira, amas tua terra? isso he vileza, amas tu vaidade? isso he loucura, amas teu descanso? isso he perguiza, amas teu comodo? isso he perigo, amas tua faude? isso he achaque, amas tua estimaçõ? isso he injuria, amas teu regalo? isso he veneno, e finalmente amas-te a ti? isso he nada amar-te, e entender-te. O tu aquelle que te amas, não parece possivel assim. Creyo que te amas porque te não entendes, se alcançaras que aquelle cuidado, com que tratas do teu corpo, he ruina, que pode perderte a tua alma, quem

quê ignora q̄ dos medos de tua alma fizeras tambem hum coco para tua vida! Eu digò que a ti te amas; porèm sò quero dizer que por ti te perdes, pois neste affecto proprio ficas bem perdido, e mào amante; que a fineza; com que te estimas; he o delito com que te condenas, e tanto que sò fazendo de teu amor teu odio; virà teu odio a ser teu amor.

Quererte bem, e fazerte mal, implica ò Narciso contradicção, e tu traçando de teu querer teu mal, cuidas que he querer bem. Que lastima tiveras amandote, se te viras conhecendote? adoras a vontade, quando com ella havias de adorar o de que havias de fazer sacrificio. Fazer Idolo ficando assim idolatra de teu gosto, se ainda para teu gosto era vil; qual será para teu Deos? se hum bruto soubera levantar templo, esta fora a adoração do bruto. Não digas ò rudissimo querer que es racional, os outros fazem do seu amor seu mimo, e tu fazes de teu mimo teu amor; e he este affecto intruzo; se huma fineza para teu corpo, huma grosseria para tua alma, e es tão grosseiro que amando em ti, amas ao peyor que tens em ti.

Naceste só para querer, e vives só para quererte. Se não vives para o que naces, melhor te estivera o não haver nascido; e neste desmentir o ser, ufaste com quem te deu o ser, a mayor desnaturalidade. Aquelle affecto com que podèras pagar a tua divida, desperdiças na tua afeiçãõ, fazendo assim do amor furto, quando do amor podias fazer desempenho. Toda a moeda se pode pagar em outra, mas a do amor he tão fina, que só tem paga na mesma moeda: entraste no mundo devedor do mayor amor que he o de Deos, deixoute em tua vontade cabedal para satisfazer a divida, gastas contigo o thesouro, desperdiças contigo o affecto: logo que te fica para pagar a Deos se não he possivel ter em outra moeda? Diràs que não ha divida que Deos não perdoe, assim he, mas como perdoa Deos essa divida? Metendo-se por valia o amor, não só o amor de Deos para contigo, mas o amor de tí para com Deos. Logo se este amor está empregado em ti, quem tomas por valia para o perdão? Contas de amor (cego Narcizo) são muy miudas, e quanto no mundo são arriscadas nos extremos,

mos para com o Ceo são perigosas nas quebras. Perdoa Deos a quem o desamou, mas não perdoa Deos a quem o desama; que elle he amante do arrependimento, e não da culpa. A sua misericordia não està em excluir a paga, que isto sem queixa da sua justiça não cabe nem na sua misericordia; està sim em esperar por ella, e esperar quem ama pela satisfação do que ama, deixa na detença tão grande a penalidade, que esta he a mayor fineza que por ti faz sua misericordia. Olha Narcizo que te espera Deos, e que padece em tua demora, mais do que padeceo em tua Cruz, pois alli tolerava a dor, e cá retardafelhe da dor a satisfação: huma ferida atormenta o corpo, huma ingratitude lastima a alma, com que o que vay da alma ao corpo, sente Deos mais o esperar que o padecer. Deixou Deos por ti a sua Casa, descendo do seu Ceo, deixou a sua soberania vestindo-se de servo, deixou a sua vida, sofrendo a tua morte, mas só o seu amor não quer Deos deixar por ti. Julga pois que couta tão estimavel será aquella, que prefere Deos à sua grandeza, à tua casa, à tua vida: Pois este he

O teu amor, e empregas em hum pouco de lodo aquillo que só reservou para si Deos? Verdade he que de muitos tempos de não *amar*, se satisfaz com hum instante de *amo*, mas tu desperdiças taõ descompassadamente o teu querer, que te não ficará cabedal nem para hum instante. Minuto de paga em dividas de annos, ou haõ de trazer a moeda muito fina, ou haõ de levar repudiada a moeda. He cousa rara fazerse em hum momento, o que nem sempre se pode lavar em toda huma vida, e por isso acontece poucas vezes por cousa rara.

He a vontade huma potencia taõ nobre que não pode nunca estar ociosa porque na occupação mostra o valor: amar a Deos foy o destino desta potencia, alli como em centro proprio vive o que ama, no mais como em affecto bastardo padece o que quer. Não podendo pois estar a vontade suspensa, ama o homem, ou a Deos como illustrado, ou a si como cego, ou a outrem como louco: amar a Deos por todas as razocns he bom, amar a outrem he maõ, amar-se a si he peyor, quem ama engana-se com outrem, e he hum engano que não pode durar muito,

quem se ama engana-se consigo, e he huma cegueira que prevalece sempre. Amando a outrem o tempo me dà a conhecer o mal que amo, amando-me a mim nunca me parece que amo mal: amor alheyo qualquer desconfiança basta para o acabar, amor proprio, como não tem quem lhe pague mal, não ha destruillo; finalmente amar he tormento, e amar-te he mimo: da dor não ha quem se não despeça podendo, do mimo não ha quem possa despedir-se; às violencias da magoa estalaõ firmezas de bronze, às doçuras da lizonja se conservaõ durações de vidro, com que entre amar, e amar-te, tens ò Narcizo mais certo o perigo nõ que te amas. Sabes ò homem o que podes amar em ti? O que amares a Deos. Se te vires transformado neste amor, amate nelle, com tanto que estimes o fogo, e desprezès o lenho: ha de querer-te só para querer, que isso he querer a Deos, não ha de querer só para querer-te, que isso he amarte a ti; poem teu lodo por teu retrato, poem tuas perfeicoens por tua copia, olha para ti, e olha a Deos, e se não escolhes como racional, fiça para bruto.

Dize ò Narcizo como em teu amor proprio não podias padecer ingratitude, e ja me retrato, porque tudo que amas em ti, em ti te foge. Amas tua belleza, e ella deixandote em sua caveira hum desengano, desapparece; amas tua vida, e tua vida corre de tua lizonja para sua morte; amas teu gosto, e elle voa quando chegas a perdelo; amas teu descanzo, e foge a embarçar-se com seu fusto; amas teu corpo, e elle deixate por sua sepultura; com que tudo ò homem que em ti amas, te paga mal, e ainda assim te amas? Se amar perfeiçoens ingratas era loucura, o que será amar imperfeições desagradecidas?

Sabes ò homem que te amas, o como podes segurar tuas comodidades? Fazendo por salvarte; busca o Ceo por amor de ti, ja que o não queres buscar por amor de Deos, e verás como se pode buscar o Ceo por amor proprio. Se amas teu descanto, no Ceo não se trabalha, se amas teu gosto, no Ceo não ha pezar, se amas teu regalo, o Ceo he delicia, se amas tua nobreza, no Ceo es Rey, se amas tua fermosura, no Ceo es luz, se amas tua discrição, no Ceo es sa-

bio;

bio ; le amas tua vida , no Ceo es eterno ; faze pois , ò homem , por ir ao Ceo , que ahi seguraràs para tua fortuna , quanto poderàs desejar para teu amor.

Callou o Rio , deceo a Ave , e disse.

Ay infeliz ,

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Engañado Narcizo

para que escojes , di

entre luzir , y arder

el fuego , que consume sin luzir ?

essa llama que abraza

tu pecho feminil

si es lizonja al nascer

dissimulada muerte ès al vivir.

Ay infeliz

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Si en ti perdido estàs

en ti te busca vil ,

porque si alli te pierdes

Busca-te podrá ser , podrá ser te halles alli

em teu miras-te a los cristales ,

pò , e a- y no adviertes aqui

charteás que tu en ellos te mientes

que ellos en ti no pueden nõ mintir.

Ay infeliz

que a ti te pierdes por quererte a ti!

Ageno objecto busque
 tu affecto en esta lid ,
 porque de proprio culto
 huye la adoracion hasta el gentil.
 El Dios de amor Narcizo
 la deidad del zafir
 quando assi Dios se ama
 tambien buscò que amar fuera de si

Ay infeliz

que a ti te pierdes por quererte a ti.

*Ama-se,
 e ama-
 nos.*

C A P I T U L O IX.

Em que desenganada a alma resolve a deixar o bosque , symbolo do mundo , procuraõ detella as suas lizonjas na voz do Caçador, vence seus enganos com o favor das inspiraçoens significadas nos arvizos das Pastoras.

DEsenganada tantas vezes a Peregrina o ficou huma, e assim despedindo-se do bosque sem saudades sò buscava a sahida deste bosque. Ficay dizia, labyrintho de enganos, que mayor he a sede, que tenho de deixarvos que a que me trouxe a vervos. Ficay deidades falsas, que ainda naõ valendo para hum engano, querels ser para huma adoraçaõ.

*Só tira a
alma do
mundo o
desenga-
no.*

ção. Ficay por Idolos de sacrificios ce-
gos, que eu ja levanto os fumos, e só
posso perdoarvos no escatimento, quan-
to me aventurastes no perigo. Dizia a
Peregrina, e não parava sem que Caça-
doras, e Ninfas bastassem a detela, mas
fahiolhe o Caçador ao encontro: que
com sonora, e lastimada voz procurava
obrigalla dizendo.

*O mundo
engana
a alma
com li-
zonjas.*

Para Ninfa a mis voces,
porque tu pie ligero
si corre por el ayre,
descance ay infelice por el fuego.

Aqui desceraõ do Olimpo as Pastoras,
cujas divinas voces assim contradisseraõ
às do Caçador.

Corre Ninfa al Olimpo
que su numen sereno
te obliga con las llamas
y aqui solo te engañan con los yelos
Caçador. A mis lamentos tristes
se suspendan tus buelos,
tengan-te mis suspiros
porq̃ amor aprisiona con el viento.
Pastoras, De sus suspiros huye

por-

porque si a su lamento
dà por remedio el ayte
que le quede en el ayre esse remedio.

Caçador. Pàra a mi llanto Dea
porque pare su excesso
que sintiendo a negarme
solo siento ay dolor que a ti te anego.

Pastoras. Huye Dea segura
y tu coturno tierno
el riesgo tema solo
quando pare a temer en esse riesgo.

Caçador. Escucha, que no puedes
si en mi llanto te hà puesto
obstaculo a tu planta
mõte de inundacion, y mar de incèdio.

Pastores. No escuches sus palabras
que esos vanos concetos
esos acentos locos
quando nacen finezas, mueren eccos.

Caçador. Si huyes de mi tirana
corra a mi tu despecho
tan fuera estoy de mi
q̄ en mi de mi puedes estar mas lexos.

Pastoras. Huye que es falsedad,
de su aleboso pecho,
pues nunca en si està mas
q̄ quando en si parece que està menos.

Caçador. Plegue àl Cielo inimiga.
que

que en tu coturno terço
 pruebe el aspid lo dulce { ruego:
 porque pare al dolor quien huye al
Pastoras. No hade tocar el aspid
 de tu plânta lo belio
 que no engañan las flores
 a quien puede apelar a los luzeros.

Caçador. Salga amor a buscarte
 en apresados buelos
 mas ay que no te alcança
 el ò Ninfa bolando , tu corriendo!

Pastoras. Que te siga Cupido
 el lance no recelo ,
 porque en su amor ò Ninfa
 tiene mas de suspiro, que de aliento.

Caçador. Adonde vas , espera
 sin coraçon, pues tengo
 por triunfo de mis flechas
 aquel q̃ hà sido imperio de tu pecho.

Pastoras. Es engaño, nò pares
 que tu coraçon cierto
 bolviò Ninfa a ser tuyo
 solo en querer dexar de ser ageno.

Caçador. Las rosas te aprisionen ,
 mas ay que es devaneo
 si no es que tu esquivez
 no tiene en tu esquivez ò Ninfa zelos.

Pastoras. No temas los espinos

en su rigor sangrientos ,
 que quien no puede àl alma (erpo.
 no importa Ninfa no que hiera el cu-
Caçador. Pues ya que tu crueldad
 no cede a mis extremos ,
 cubra el Cielo sus luzes

Q̄ ver tu ingratitud no quiere el Cielo.

Pastoras. Tempestad pavorosa
 forme horrores funestos
 y enpeñadas las iras
 sean los rayos el menor estruendo.

A las lluvias mis lagrimas forman ,
 mis suspiros cansados los vientos ,
 mis rabiosas passiones los rayos ,
 mis gemidos ruidosos los truenos ,
 mis confusos assombros las nubes ,
 mi afligido semblante los ceños ,
 mis mortales tristezas las sombras ,
 mi esperança perdida los riesgos ,
 mis voces impacientes los sylvos ,
 mis lamentos sentidos los eccos ,
 mis despechos crueles las furias ,
 mis bramidos rabiosos los Euros.

Truenos, rayos, y lluvias,
 nubes, sombras, y seños,
 ecos, vientos, y silvos,
 Euros, furias, y riesgos.

A los ojos formad una noche ,
 infundid

*O mun-
 do encã-
 ta com
 suas
 trãsfor-
 mações.*

infundid un horror a su pecho,
componed un temblor a sus voces
arrojad a sus plantas un yelo.

A estas voces se embaraçaraõ as luzes, desfatareaõ-se os rayos, responderaõ os ventos, e finalmente se formou huma tormenta taõ desfeita, que parecia querer o Ceo sepultar a terra nos abismos. Era o astuto Caçador grande mago, e valeo-se contra o delamor, do encanto, quando naõ pòde fazer o encanto do amor. Perdeo a Peregrina o tino, porque perdeo a luz, e vendados seus olhos nesta sombra a deixarèmos atè novo Capitulo.

C A P I T U L O X.

Em que vacilante a alma nas sombras do mundo penetra ao Ceo com sua oraçaõ; e alumada com hum rayo de luz em suas escuridades sae do bosque seguindo a Christo.

Buscava a Peregrina do bosque a sahida, e sò topava horrores; naõ sentia o rayo, que a ameaçava, sò sentia chegar, adonde morria; lembrou-se

se do Olimpo para o remedio ; vendõ-
se só no bosque para o desengano ; e fa-
zendo memoria das misericordias de sua
Deidade, quiz obrigalas rogandoas, por-
que lhe sabia as condiçoens ; levantou a
voz a persuadir piedades , e orou assim.

*Recorre
a alma
ao Ceo
em sua
afflicção*

(ancias
Deidad del Olimpo que escuchas mis
atiende fiel

*Omelhor
modo de
persua-
dir a
Deos he
orando.*

y no pido me valgas, que en Dios
es lo mismo escuchar que valer:

oyeme. ,

que buscando las luzes cegué.

A tu pecho suspiros arrojé cansados
y quedame fé

que aquel ayre que buela por luzes
en tu pecho se llegue a encender:

oyemè,

que buscando las luzes cegué.

En las sôbras opacas perdida, y cõfusa
infeliz que harè ?

pues palpando los vagos horrores
solo veo que nõ puedo ver,

oyemè,

que buscando las luzes cegué.

Señor de las luzes dueño de los rayos
te llevo a entender

soio un vizo que pido a tu luz

es un sol que conduze a mi bien;

oyemè ,

que buscando las luzes ceguè.

Si amor en tu pecho respira dichoso

su aliento me des

que aquel fuego que prende en los ayres
en las sombras bien puede prender.

oyemè ,

que buscando las luzes ceguè.

De triste gemido , de tierno lamento

no hiziste delden ,

que el dolor que no llega a sentir ,
es dolor que no llega a temer.

oyemè ,

que buscando las luzes ceguè.

Su esfera luziente corra la cortina

dezembocesé ,

y focorra la estrella a la flor ,
pues retrata su gala a su ser.

oyemè ,

que buscando las luzes ceguè.

Otra vez escuches o Numen divino

atiende otra vez ,

y si acojes a la que nò mira ,
no desdeñes a la que no vè.

oyeme ,

que buscando las luzes ceguè.

Aqui se arrojou do mais elevado do Olimpo hum rayo de luz , que desterrou as sombras , serenou o Ceo , resuscitou o dia , mostrando à Peregrina no bosque aquelle Pastor, que em o primeiro caminho a desviou d'elle, se bem com a mesma cautela, porque sendolhe guia para a sahida do bosque , nunca lhe deo rosto. Alvorçada a Peregrina, e desejoza de saber quem era o Pastor, ja duas vezes olhado, e de nenhuma visto, elle lhe respondeo ao pensamento assim.

*Poderes
da ora-
çaõ.*

*Soccorre
Deos a
alma em
suas obs-
curida-
des.*

Yo soy Peregrina hermosa
yo soy humana belleza
el señor de las llamas por zelos, y amores
el señor de las luzes por soles, y estrellas.

*Zelanos,
y ama-
nos.*

Yo soy beldad ignorante
yo soy o muger suspensa ,
el señor de la tierra por plantas , y flores
el señor de los mares por gracias, y perlas.

Yo soy animada flor
yo soy vacilante Dea
el señor de vivientes por almas, y vidas
el señor de mortales por hōbres, y fieras.

Yo soy querida dudoza
yo soy desterrada bella
el señor de las pazes por Iris , y rosas,

el

el señor de las lides por tiros, y flechas:

Yo soy ò racional Ninfa

foy Peregrina sedienta

el señor de las dichas por Cielos, y glorias

la Deidad del Zafir por astros, y esferas.

Soy el Dios del Olimpo supremo

y el Pastor del Vergel porque sepas

que soy Dios a escuzar tu dolor,

y soy hombre a sentir tu terneza.

Al clamor que ha llegado a mi oído

el loccorro tan pronto se muestra,

que entre queixa, y remedio se duda

si es primero el remedio, ò la queixa.

Al Olimpo tubieron tus voces,

y una luz arrojè de su esfera,

que el amor que diò flecha a mi pecho,

a tus ojos no quiere dar venda.

Tras las luzes al suelo me arrojò

duplicando sus gracias serenas

porque dar el remedio es poder,

y assistir àl remedio es fineza.

Si dezeas mirar de mis ojos

la escondida ignorada belleza,

al vergel tu coturno destina

que entre flores se muestran estrellas.

As voces do Divino Numen eleva-
 taõ tanto a atençãõ da Peregrina, que
 correndo

correndo a ellas não advertio , o que pi-
zava. Quando ja respirava fóra do bos-
que , callou o Pastor furtando aos olhos,
e ouvidos da Peregrina sua voz, e sua
pessoa , porque em callando se não vio
esta , achando-se a Peregrina em aquelle
caminho de asperezas , que primeiro a
conduzia ao Vergel do Pastor , de quem
por abbreviar a saudade , começou a jor-
nada , se ouver quem desta conte na se-
gunda Parte desta historia, descobrirá o
Vergel no Paraizo.

F I M.

ENGANOS DO BOSQUE;
DEZENGANOS DO RIO.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I.

Em que a Peregrina começa o caminho das asprezas, em que a mandaõ despir as sedas, e deixar o calçado.

Livre ja dos enganos da bosque, persuadida da voz do Pastor, bem ferida no amor, mal curada na saudade, em o seguro caminho das asprezas deixamos a Peregrina, magoando os pès nas pedras, prendendo os cabellos nos espinhos, ratgando as sedas nos carraços; mas como levava o amor por guia, dos discommodos faria as finezas. Tudo era olhar a ver se encontrava com os olhos quem só achava no coração, e como alli não havia flores, que o retratassem, nem o engano lhe divertia a saudade, provou a ver se entretinha seus

cuidados na musica , mas esta nem sempre espanta os males , e foy cantando a mote velho glosa nova.

Ja pelo montado
apparecem flores ;
e nossos amores
naõ tem começado.

Acorday Pastor
que vos descuidaes ,
se naõ madrugaes
como sois amor ?
do amor a flor
quinào vos ha dado
vinde meu cuidado
que anda esta bonina
ja pela campina ,
ja pelo montado.

Ay , que naõ tornaes ;
que cruel retiro !
pois sois meu suspiro
escutay meus ays
naõ vos detenhaes ,
que ja os Pastores
dizem meus amores
vendo as flores antes
escondem-se amantes
apparecem flores.

Minha voz por certo
 que em deserto clama
 porèm quem bem ama
 vive no deserto :
 neste bem incerto
 peno nos temores ,
 vencey-os rigores
 se estaes mal comigo ,
 olhay que vos digo
 e nossos amores.

As flores se crem ,
 os Pastores cantaõ ,
 as aves encantaõ ,
 o amor não veni ,
 a Aurora ja tem
 seu pranto acabado ,
 e vosso cuidado ,
 quem tal ha de crer ?
 tendome a morrer
 não tem começado.

S. Pelag.

Assim dezafojava a Peregrina suas an-
 cias ; quando se lhe fez apparecida hu-
 ma mulher de rara fermosura , que por
 não passar a termo gentilicos a não no-
 meyo Deosa , Vestia ao modo pastoril
 de hum finissimo pano azul (que com el-
 la tudo era celesste) este bordavaõ precio-
 sas

fas perolas , sendo ella entre todas a Or-
fãa , na cabeça trazia huma capella de
flores encastoadas no ouro dos cabellos,
e tomando rosas na belleza das faces. Es-
te raro fogueito chegou à Peregrina , e
disse : muito bem cantaes Peregrina, e a
mim me parece melhor a musica , que o
vestido. Este caminho não se segue com
sedas, quando se sofre com espinhos. Eu
sigo-o, respondeo a Peregrina , no traje
com que me achei , e me parece mais
decente , que enfeitado. Mas quem loiz
vòs , bella Pastora , que levera me repre-
hendeis ? Sou , tornou ella , quem vos
adverte , que estes passos não são pedem
modestia , mas mortificação ; brandas
sedas não são para finezas galhardas , e
o Pastor , a quem buscaes no seu vergel,
he muy cioso ; assim , quer que no cami-
nho , seja a vossa gala lãa grosseira para
passos finos ; porque não lizongieis de
outra sorte encontros profanos. Na esta-
da vos tem còrtes de sol para vestires , na
via haveis de usar do sayal para chega-
res ; e porque o meu exemplo vos faci-
lite , ouvime. Eu antes de Pastora fuy
cortezã , e mulher tão vã ; que no meu
adorno apurava todas as flores para as
sedas,

sedas, todas as luzes para o ouro ; todo o ar para as plumas ; todo o mar para as perolas, todas as minas para as joyas. No melhor, ou peyor deste tempo tomey amores ; e entaõ comecey a viver ; porque comecey a amar , que o tempo , em que se naõ quer , naõ se vive , passa-se. Era meu amante muy cioso, porque era amante ; e quanto amava em minha natural belleza , se desgostava em seus artificiosos alinhos ; eu que ou lhe entendi, ou lhe adivinhey o disfavor ; porque quem ama tem obrigaçaõ de adivinhar ; mandey acender na praça huma grande fogueira , e nella dey ao fogo , quanto havia dado ao vento , sem ficarme mais gala , que minha resoluçaõ , nem mais diamante , que minha fineza. O fumo desta pastilha lhe foy taõ agradavel , que o fez subir atè o terceiro Ceo ; e assim ficaraõ queimados seus ciumes com minhas vaidades. Despi o mimoso adorno ; que quem me mandou a darvos este avizo , foy para trazervos este sayal , e entaõ ficareis mais fina , quando usares do pano grosseiro. Aceito a troca (respondeo a Peregrina) que as vossas palavras naõ sãõ sãõ preceitos , mas imperios ; e me
parece

parece vem do mais alto; mas ja que mereci o vosso encontro, quero saber o vosso nome, e de donde alcançastes vestido taõ rico, se he que a Aurora não chorou sobre elle. Sabe querida (respondeo ella) que na minha terra (não lhe quero chamar minha patria) me deraõ a anthonomasia de Margarita ja por ser perola na belleza, ja pelas muitas com que me adornava; todas lancey naquella fogueira, e eraõ tantas, que não sey como sendo agoa, não apagaraõ o fogo. O meu Soberano, que gosta muito de finezas, informado desta, e de que eu trocara o nome de Margarita pelo de Amante, me deo em premio esta preciosa bordadura, com cujas perolas todas as outras foraõ faltas. E passando ao mais, eu chamome Pelagia, meu berço foy Babilonia, minha morada hoje o Vergel do Pastor, para donde volto. Paray linda Pastora (disse assustada a Peregrina) a dar-me novas do meu Pastor. Isso saõ contos largos (tornou ella) hide-me ouvindo, em quanto vou cantando, e aqui não esperéis outra noticia. Soltou Pelagia a suave voz, rêmora, que suspendeo a Peregrina para não seguilla, quando

Toda a patria dos vi-cios he Babilonia

quando determinava buscalla, dandolhe as noticias, que pedia, nestas suaves clausulas, que a deixaraõ mais nellas, do que em si.

Oyd, escuchad Pastores;
que quiero cantar aora,
la hermosura de un zagal,
con quien todò el sol ès sombra.

Vengan pues las libertades
aquellas, que mas blazonan
que es dicha perderse, donde
el rendimento es victoria.

Como es Rey, aunque pastor
la naturaleza toda
del oro de sus cabellos
ha labrado su corona.

Siendo la candida frente
con quien si afrentan las otras
toda la mente de un Dios
es de asucena una hoja.

Las cejas, arcos brillantes
quando vezinos se notan
a aquellas luzes de quien
son las almas mariposas.

Para comparar ins ojos
es toda la idea corta
donde no siryen los astros
todo lo de mas que importa?

• Una cifra son de Mayo
sus dos mexillas hermosas,
adonde templa el Jasmin
los incendios de la rosa.

No ay palabra, que se atreva
a las gracias de su boca,
mas si es palabra por Verbo,
dizirlas puede esta sola.

Tan candido es su pellico
que parece sin lizonja
un vellocino de estrellas
que en las esferas se corta.

Su cayado es de laurel,
y no fue materia impropria
que donde el cayado es setro
bien los triunfos se acomodan.

Corred zagalas,
venid Pastoras,
que el olor de sus unguentos
està convidando a todas.

Tornando a Peregrina da extatica
suspensão, em que a voz angelica
de Pelagia, se achou tem ella,
e junto a si hum vestido de grosseiro,
e áspero panno, e como alli tudo
lhe pareciaõ mysterios soberanos,
e estava seu coração inflamado
nas noticias, que a musica
lhe

lhe deu do Pastor , pégou logo deste , e despindo o de seda , gälla de suas primaveras , o deixou em hum tronco seco , que nem assim reverdeceo. Alli ficou por trofeo de sua obediencia, e primicias de sua mortificação ; despedindo-se delle com estas palavras.

A Deos sedas , q̃ em vòs deixo meu dano
 Fio de enredos em mentidas cores
 Furto de flores, de innocencia engano
 Teya de bichos , e de dama amores,
 Fragil adorno do apreço humano :
 Esquecimento de outros superiores
 Ficay neste dezerto sem arrilmo
 Porque hoje sois injuria , se hontem

(mimo.

Affim seguia seu caminho , mas quando mais anciosa do fim deste , se prelumia muy distante do raro Vergel , que buscava ; porque ainda os ares não respiravaõ suavidades : as Aves , não cantavaõ melodias ; as luzes eraõ opacas ; as agoas turbas ; sem que houvesse final , que fosse precursor de tal achado. Nestes pensamentos, a quem a fê fazia confiados , e o dezejo impacientes ; sentio , que lhe davaõ hum golpe em os pès ; olhou , e

vio a hum Pastor de respectiva prezença; cor morena; olhos esportos; labios rubicundos, engraçado parecer, e em tudo amavel. Vestia de pardo; mas lá no interior do vestido se lhe divizavaõ humas luzes de ouro; que lhe davaõ mais estimaçaõ. A Peregrina, que notou o como elle fora o que lhe dera com ò cajado em os pès, lhe disse com senho, que ainda estava muy viva nos sentimentos. Vòs Pastor não deveis conhecerme; pois que assim me trataes. Muito bem vos conheço (respondeo elle) que sahistes do vosso Paiz flor innocente nascida do lodo da terra a seguir huma peregrinaçaõ; a que estaveis destinada, e entre dous caminhos escolhestes, o que vos não convinha, no do Bosque deixando o do Vergel: e agora, que o tornaes a seguir livre ja dos enganos do Caçador, quando hides a buscar no Pastor do Vergel, o vosso querido, andaes passos amantes com pès mimosos, e via sagrada com planta vestida, quando cada passo devia ser hum respeito, e toda a carreira huma adoraçaõ: por isto vos dey com o cajado nos pès, a ver se eraõ de alcorça para quebrallos. Não são de alcorça (respondeo

S. Francisco.

pondeo ella) pois se conservaõ inteiros por esta penedia, e a mim me parecia, honrado Pastor (a quem perdo-o o golpe pelo zelo) pareciam-me ser mayor estimação deste caminho pizallo com o calçado guarnecido de pedras preciosas. Como estaes humilde, e como estaes soberba? (Tornou o Pastor) soberba; porque quereis pizar diamantes: humilde; porque lhe daes mais valor, que aos vossos pès. Estes são flores com alma, aquellas pedras sem vida. Não ha duvida (respondeo ella) que fallaes em meu favor, porèm temo hindo descalça, que sejaõ meus passos mais vagarosos, e não chegar com as pressas, que me daõ meus desejos ao pertendido fim. Enganais-vos (disse o Pastor) que quando mais nua, mais ligeira; porque esta jornada não se mede pela vulgaridade das outras. E se nos espinhos (tornou ella) cravar os pès despídos de todo o reparo, como poderey adiantallos com as feridas? Entaõ melhor (tornou elle) porque quantas mais rozas deres aos espinhos, mais vencereis da jornada. Eu segui a via do amor, não só com pès descalços, mas chagados: porèm vòs que pertendeis huma

seta,

feta, temeis hum espinho? O poderes de amor, adonde estaõ as vossas valentias? Eu senhor (respondeo ella) ja despi as sedas, e as deixey em hum tronco por espantallo das aves; vestindome deste pano taõ aspero, e grosseiro, que ficou sendo bruta concha de perola fina. Grande façanha fizestes disse sorrindo-se o Pastor, e bem mereceis por ella o titulo, que vos daes! Deixastes a baba dos bichos, pela lãa das ouelhas, e agora recusaes despir a pèlle dos animaes? Decantãdas seraõ neste termo as vossas finezas, mas não seraõ pelo roxinol amante, sim pela ligarra louca. Ora porque saibais, o que he extremo, vos contarey de meus amores. Eu fuy hum homem, que amey, e amo com tantas veras, que me deraõ a anthonomazia de Serafim, pellejey batalhas pela fermosura, a quem servia, rompi difficuldades, a-travessey climas, surquey mares, venci perigos, e finalmente passey a fazer loucuras tantas, que nos principios me tive-raõ por doudo; mas qual he o amante, que seja sezudo? Muito bella (disse a Peregrina) deve ser a causa de taes excessos! Taõ bella he (respondeo elle) que se

se todas as flores do Campo , as perolas do mar , as estrellas do firmamento se juntassem a compor huma só perfeição, ficaria fea à vista de tal fermolura , ella me chamou hum dia, e disse : Filleno de Affiz , que este he o meu nome , e o da minha patria , muitos serviços me fazeis, mas são sem o respeito que se me deve : passadas , que se dão por mim , não haõ de ser com pès calçados , que a fineza ha de ir de todo o commodo nua : largay o reparo das plantas , e entaõ andareis mais ligeiro nas diligencias , que não busca, quem busca, se não quem deixa. Eu que tal ouvi , corri logo a descalçarme; e como todos os da minha jurisdicão a servem por meu mandado, obriguey a todos , a que fizessem o mesmo, sendo mais, que as estrellas do Ceo; e as boninas do campo ; taõ dilatada he a minha campina! taõ numerosos os meus subditos ! e nem hum passo mais se deo por esta divindade, que não fossem bem tratados da fineza , e bem feridos do rigor. Os vossos exemplos (lhe disse ella) tem vencido as minhas repugnancias; porèm quizera , que descalça me ensinasseis a via mais breve deste caminho

para

para que chegasse logo ao Vergel do Pastor. A via mais breve para o descobrir (respondeo elle) he a de seguires sempre as mayores alpezas, e obedeceres a tudo , que nella vos mandarem. Eu enfiney a muitos o caminho , e a este fio de ouro mandey pegar a todos. Agora ficay-vos atè que no Vergel nos encontremos. Disse : e emboscado por aquellas brenhas, se não deixou mais ver. A Peregrina na pena de perdello tomou o accordo de obedecerlhe ; descalçou se , não tem repugnancia da natureza , que a esta sempre faz tiros o amor proprio ; e por divertir este cuidado, que ja lhe parecia treidor , foy cantando à despedida daquelle repudiado abrigo estas letras.

*A via
mais bre
ve para
chegar
ao Ceo he
a penitẽ-
cia.*

A Deos folhas mimosas

de Jasmims breves,

que me mandaõ descalça

por esta neve.

A Deos conchas de nacar

porque ja querem

que as perolas despidas

nas pedras quebre

A Deos que vou por flores

a este agreste

que

que os espinhos dão rotas
logo que ferem

E me mandaõ descalça
por esta neve.

A Deos decente abrigo
porque me advertem
que só em pes de alcorça
ficas decente.

A Deos simples reparo
de planta debil
porque o christal sem manchas
aqui não serve.

E me mandaõ descalça
por esta neve.

A Deos que hum Mayo faço
deste sylvestre
porque a passos amantes
flores succedem.

A Deos que ja não quero
pizar alegre,
porque quem segue amores
deixa prazeres.

E me mandaõ descalça
por este neve.

Callou a Musica, fugio a luz, mor-
reo o dia, e acabou-se o Capitulo, &c.

C A P I T U L O II.

*Adonde seguindo a Peregrina seu caminho,
a mandaõ mortificar o gosto, e vencer
as difficuldades.*

A Qui neste bruto ermo
nocturno pàramo, adonde
naõ ha Apolo de dia,
nem ha Diana de noite:

Aqui adonde se vem
mais picantes que no monte
sõ os espinhos de Marte,
e naõ as rozas de Adonis:

Trago maçans,
e trago flores,
humas discordias,
outras amores.

Aqui neste sitio agreste
aspero torraõ indocil,
donde sõ ha pomo azedo
sem achar-se fruta doce:

Aqui adonde a bonina
sem a luz do Sol se esconde,
e indo ser flor que nasce
fica a ser botaõ que morre:

Trago maçans,

130 *Enganos do Bosque,*

e trago flores,
humas discordias
outras amores.

Aqui donde a Ave calla,
porque não tem para o toque
nem o favonio nas ramas,
nem a citara nas fontes:

Aqui de donde por tofco
Pomona com Flora correm,
huma a matizar os prados,
outra a enfeitar os bosques;

Trago maçans,
e trago flores,
humas discordias,
outras amores.

Aqui donde só se encontra
quando pelos ares move
não ja a Ninfa que dece,
mas o sospiro que sobe:

Aqui donde se não vê
nem ao perto, nem ao longe
ao racional que para,
mas ao satiro que foge:

Trago maçans,
e trago flores,
humas discordias,
outras amores.

Rompia esta voz pelos ares , ao tempo, que a Aurora cortava pelas sombras, toucando as flores de perolas , e vestindo os campos de prata ; chorava a grosseria do Sol , que ainda dormia , sem atender ao que ella velava ; morria a sombra , vivia a flor , cantava a Ave, rugia o bruto , e sahia a Peregrina do abrigo de huma cova , adonde passara a noute ; buscava com os olhos o objecto da doce melodia , e encontrou com estes huma Pastora , em quem segunda Aurora lhe amanheceo , e mais rozada, *S. Dorotea.* porque vestia de grãa , toucava de jasmims , e folhas de palma , de que fez engraçados laços , ao pescoso lançados huns coraes , que pareciaõ cravos sobre afucenas : trazia na mão hum cestico de bellas maçans , e rozas , humas representando o coral , outras o ouro , e assim com airoso passo se avistou com a Peregrina ; a qual lhe disse que linda musica , que lindas maçans ; que linda Pastora , e ainda lereis mais linda , se me deres dellas , que as tomarey como Amores , e não como discordias ! Não datey por certo , respondeo , que nesta via , não se gostaõ regalos ; sempre ou-

vi, tornou a Peregrina, que as frutas as creara Deos para que as comessemos: tambem ouvireis respondeo a Pastora, que tambem as creara, para que lhas sacrificassemos, pagando-lhe a grandeza, com a galantaria, e vòs ja sois grande para goloza. Eu tornou ella, ha muitos dias que ando por este ermo, sem mais sustento, que frutas sylvestres, humas amargas, outras azedas, alguns o passaraõ peyor, respondeo a Pastora, que levarãõ esta via só com raizes, assim foy, disse a Peregrina, mas tambem o mais he rigor, e no de muitos dias, se podia dispensar huma hora nessas maçans, não argumenteis comigo D. Eva, disse a Pastora, que eu não sou a cobra do Paraiso, não cuidey Pastora, tornou a Peregrina, que gostando estas maçans, tornava a perder o mundo. Não perdeis o mundo, lhe respondeo, mas perdeis a vossa mortificação, que para vòs importa mais que o mundo todo. Eu vo las puz á vista, para que merecesses largando-as, e não para que vos destraiesses comendo-as, que o Pastor do Vergel, que buscaes, guarda nelle as suas doçuras para os que
entraõ

entraõ famintos , e não regalados , e no seu Paraíso vos tem frutos suaviísimos ; e maçans de tal sabor , que eu lhe chamo feiticeiras , não por maleficio , se não por beneficio , e porque melhor me entendaes , vos contarey.

Na minha Ribeira havia hum Soldado , chamado , Teofilo , este não conhecia o amor , e fogia do bem querer , vestindo ao seu coração , do aço das suas armas. Puz eu os olhos nelle , e o amey , dezejando que o melhor Cupido lhe desse hum tiro , com que cahisse o forte da tua izenção. Eu queria , e elle zombava , como lá se diz , e hum dia que me encontrou vizinha a hum Bolque , tempo em que naquelle paiz as frutas não só eraõ difficultosas , mas impossiveis , Janeiro em fim , me disse , só por fazerme assinte ; Dorothea dame dalli humas Rozas , e humas maçans , que como tem esta fruta dois corações , quero hum para mastigallo , outro para defendello. Bem alcançey eu a sua malicia , sendo o meu , e o seu coração , os em que fallava , mas dissimulando respondi , eu te prometo , trazer logo as maçans que pedes , por darte gosto:
ficou

ficou elle rindo , e eu parti voando , e lembrada de que no Vergel do Pastor, avia hum Primavera constante para as flores , e hum Outono perpetuo para os frutos , recorri a elle , na confiança de ter-me feito muitos favores , rogando-lhe me quizesse dar humas rozas , e maçans do seu Vergel. Logo me despachou a petição , que quem ama , não nega, offerecendõ-me tres rozas , como tres Sóes , e tres maçans , como tres Paraísos. Mandey-as a Teofilo , a tempo, que estava com outros zombando da minha promessa ; assim que a vio comprida , me deu por resposta a admiração, que esta embarga as palavras , cheirou nas flores fragancias Divinas , gostou nas frutas doçuras celestiaes , as quaes o deixaraõ taõ trocado , que aqui se rio hum Cupido Divino de hum Marte humano , e tendo as maçans feitiços de amor , logo morreo por mim : logo me buscou ; logo me seguiu ; e finalmente, veyo a viver comigò , em o Vergel , a donde estamos , e daqui inferireis qual seja o cheiro destas rozas , e o sabor destas maçans , que vos esperaõ , pelas que cá deixares.

Muito gostey Pastora, disse a Peregrina, de ouvir taõ galante successo, e farey por naõ desmerecer taes regalos, que os de cá ja vejo, que sendo-me aqui taõ faceis, vòs os fazeis impossiveis. Só a hum Pastor, tornou ella, que houve em certa ribeira, chamado Enrique Suzo, vi tal ansia de maçãas, mas elle quiz sacrificialas, e vòs quereis comelas. Tambem elle as comeo, disse a Peregrina, que lhe mandaraõ humas, em premio de que deixou outras. Elle, respondeo a Pastora, comeo as dispensado, que era hum varaõ de finezas; e vòs sois huma mulher de miserias; mas por contemporar com estas vos largo huma maçãa, e naõ me peçaes outra, que eu vim aqui a favorecer o vosso merecimento, e naõ a vossa golodille. Disse, e deo costas deixando a maçãa, sem que a deligencia da Peregrina pudesse detela, porque se fez desapparecida, e querendo aliviar a saudade da sua presença com a sua fruta, ao levala à boca, baixou huma Aguia rompêdo os ares, e lha arrebatou no bico. Naõ tomou a Peregrina o mystério como acaso, antes cahio em si, cortida de seu appetite, e conforme com sua

morti-

mortificação parecendo-lhe , que vontade superior lha segurava , quando hia a destruíla. Continuou seu caminho pensativa , entendendo , que os gostos fóra do vergel , dão mais tempo ao desejo , que á posse. Tornando desta consideração achou a via toda cercada de lodo , grande obstaculo para o seu aceyo , segundo motivo para sua fineza , mas como esta não vence sempre os primeiros impulsos , parando a deterse , ouviu lhe diziaõ , anday perguiçoza , que nesta via quem não adianta os passos , logo os desfanda. Olhou , e vio huma Pastora , tão branca , como a Alva ; tão loura , como o Sol ; linda como as flores ; seu vestido , eraõ purissimos arminhos ; seu toucado , finissimo volante ; e sobre estes huma coroa de flores ; ao pescoço fio de christaes puros , que com elle se equivocavaõ ; e toda ella hum composto de perfeçoens. Que fazeis Peregrina , lhe disse , que fazeis parada aqui , em via adonde se não descansa ? Eu parey , respondeo ella , bella Pastora , embaraçada neste lodo , que principia aqui a não deixarme continuar os passos , porque vou descalça , e ainda que com pès lastimados , quero

*Santa
Izabel.*

os limpos , pois mais sentirey as manchas , que as feridas. Muito affeada estaes Peregrina , lhe disse a Pastora , e reparos de melindres , não são para passos de fineza ; eu quando em busca do Pastor segui estes melmos , me sahio ao encontro huma velha , furia , e não Ninfa , que vinha do bosque do Caçador , e esta por querer passar primeiro , junto a este lodaçal , me deo tal empurraõ , que me lançou nelle , e vòs , respondeo a outra , que fizestes , com tal injuria ? Que fiz ? tornou a Pastora , disse rindo.

Tanto a fineza accommodo
neste successo fatal ,
que nem por muito christal
eu trocaria este lodo.

No Vergel ha hum pastor , que sempre dizia , que os viventes dos pobres , eraõ as perolas dos Bispos , e eu digo , que as injurias dos mãos , são os diamantes dos bons. Assim me portey nesta , sem melindres de mulher , e com valor de amante , não embaraçando meu caminho , meu despique , que carreira de amor não para ; e em chegando ao Ver-
gel,

gel, o Pastor me vestio destes purissimos arminhos, em satisfação daquelles inmundos lodos. Vòs hides buscando hum Pastor, que vos ha de parecer hum Deos, e esta vista compra-se com a moeda dos trabalhos: eu padeci tantos, para chegar a vello, que me chamaraõ o Job das mulheres, antonomazia que naõ devì ao rigor, mas ao sofrimento, e mais o meu berço foy muito mimoso, e na minha campina eraõ os frutos as Romans coroadas, e naõ os pomos vulgares. Linda Pastora, respondeo a Peregrina, mais clara que nos arminhos, que vestis, nos desenganos que me daes, dizeyme, como he o vosso nome, que quero ter de vòs todo o conhecimento, que os vossos olhos cativaõ, e as vossas palavras atrahem; que esse Rubi dà luz partido, e admiração inteiro? O meu nome tornou ella, he Izabel de Ungria, e o vosso serà Dama de Melindre, sem lembratvos, que sois mulher de barro, e com os desenganos vos pago as lizonjas, e pois imitastes a espola em naõ querer manchar os pès, bom terà a imiteis na emmenda, como na grosseria. Disse, e embrenhada na confusão daquellas intrincadas

trincadas asperezas, senão deixou mais ver, thesouro que sem tocar-se dezappareceo, e como as palavras, quando persuadem com o exemplo . . . tem mais força, com as de Izabel, venceu a Peregrina a sua repugnancia; seguindo sua via, calçada no lodo do caminho, e vestida no outo da fineza; receava porrem o cahir mal seguros os pès no lodagal, a cujo temor lhe respondeo do alto do monte hum Pastor, cantando assim.

Fermosa Peregrina
deste opaço paiz,
ermo com quem não parte
o Sol nem hum Rubi.

Deste monte te espreito
que te alcancey aqui
adonde o chrystal puro
calças no barro vil.

Os faunos te lamentem
quando notem assim
nos charcos do Janeiro
as flores do Abril.

Mas inda assim
se cahires no lodo calies em tí,
Todos se admiraraõ

140 *Enganos do Bosque,*

em tanto desmintir
vendo que póde a alma
substituir o grís.

Busco a ver teu aceyo,

E por mais que inquirí
òlho que ja he mancha
o que antes foy jasmim.

Mas inda assim
te cahires no lodo cahes em tí.

He para reparar

ver que resolve em lí
deitar liga na prata
quem não sabe mentir.

A pura Ninfa chore
que se magoa em fim
vendo à neve dos Alpes
fer a lama matiz.

Mas inda assim
se cahires no lodo cahes em tí.

Alva, e Aurora ambas
que te espreitaõ aqui
huma sentindo chora,
outra zombando rí.

Tuas plantas diraõ
aprendey flor de mim,
Que hontem fuy Aslucena
e hoje sombra me ví.

Mas inda assim

se cahires no lodo cahes em ti.

Callou o Pastor, melhorou o caminho, continuou a Peregrina, e meditando nas presas da cantiga, se reclinou ao pé de hum tronco agreste, filho daquelle páramo, e alli a cobrio a noute com o seu manto, sem que Latona o bordasse de Estrellas, nem Diana o guarnecesse de prata.

C A P I T U L O III.

Em que a alma figurada na Peregrina sofre as injurias, e entra no lago das tribulaçoens.

DEixou a Peregrina o duro tronco, não a branda pena, em que tinha feito arrimo para seu breve sono, se he que quem ama, dorme, e à escassa luz com que o paramo se despedia da sombra, continuou seu caminho acompanhada da esperanza, que he temores, da saudade, que he magoas, do amor, que he disvelos. Mas neste labyrintho de cuidados lhe dava sua fé o fio de ouro, a que se prendia segura: a poucos passos
ouvio

Enganos do Bosque,
 ouviu humas delcompassadas vozes, que
 diziaõ.

*assim tra-
 ta o mun-
 do a vir-
 tude.*

Ahi vay a louca
 todos a ella :
 digamos-lhe injurias,
 tiremos-lhe pedras.

Olhou affustada , e vio que do ca-
 minho contrario sahiaõ muitos dos que
 conhecera no bosque , que com apupa-
 das, rizadas, e gritos a vinhaõ leguindo.
 Diziaõ huns , olhay , como vay ayrosa
 com o novo vestido ; outros , como vay
 afeada , cheya de lama ; outros, diz que
 vay em busca de hum Deos , porque he
 hipocrita ; outros , foge de nõs , porque
 he liviana , e todos.

Ahi vay a louca ,
 todos a ella :
 digamos-lhe injurias,
 tiremos-lhe pedras.

E pegando destas ameaçadas com o
 tiro , que não chegou à execuçaõ , ou
 detido de soberano impulso , ou con-
 fundido no seu sofrimento que he a me-
 lhor arma , com que se vencem os tra-
 balhios

balhos , retiraraõ-se em fim deixando-a tímida , assustada , mas vencedora pois não tornou por si ; que he a mayor victoria , continuou seu caminho cantando o que chorava nesta lamentação.

Pédra levantada ,
vida ameaçada ,
injurias ouvidas ,
penas repetidas ,
o amor auzente ,
a magoa prezente ,
quem tal sofre ? Quem ?
quem quer bem.

Resposta.

Respondeo-lhe huma voz branda ,
que sahio de entre hum espinheiro esquivo ,
e ella no extasi de suas magoas continuou sem fazer reparo.

Luzes apagadas ,
caindo as giadas ,
os ares armados ,
cabelos voados ,
lagrimas nos olhos ,
os pès em abrolhos ,
quem tal sofre ? Quem ?
quem quer bem.

Resposta.

O ca-

O caminho estreito,
 suffocado o peito,
 triste o coração,
 os espinhos à mão,
 a flor a morrer,
 o Sol a não ver,
 quem tal sofre? Quem?
 quem quer bem.

Resposta.

Suspiros cançados,
 eccos desprezados,
 lagrimas vertidas,
 glorias escondidas,
 auzencia a ferir,
 amante a não vir,
 quem tal sofre? Quem?
 quem quer bem.

Resposta.

Estrella embuçada,
 sorte não achada,
 caminho penoso,
 passo rigoroso,
 vergel escondido.
 fonte sem ruido,
 quem tal sofre? Quem?
 quem quer bem.

Resposta.

Aqui chegava a Peregrina com a sua lamentação, quando lhe sahio das costas do espinheiro o oraculo das suas repostas,

postas, em hum moço de especioso semblante, ayrosissima pessoa, cuberto com huma capa encarnada, e na mão huma bengala de soldado, e chegando a ella lhe disse: illustre Peregrina, que illustre he toda a que segue esta via pois nella perpetua a nobreza da alma, que não tem fim. Não esperdices tesouros, que mais que nas perolas que derramas, perdes no sofrimento, que arriskas. Não ha amar, sem padecer: o primeiro toque que dá o amor, he huma seta que atira, e huma ferida que deixa, e á causa haõ de corresponder os effeitos. O amor foy favor, o sofrer he obrigação; amor sem pena; he amor de meninos, que amaõ o seu mimmo: amor de tribulaçoens he amor de grandes, que amaõ os seus trabalhos, e não os seus interesses, e este he o que te chama amor. Eu senhor disse a Peregrina, ja pelo que amo, deixey a patria, as galas, o calçado, os regalos, e todos os commodos que mais lograva. Isso Peregrina, respondeo elle, foy deixar o que tinheis de vosso, mas não foy deixar o que tendes de vòs, que são esses desafogos nas lagrimas, esse alivio nos suspiros, essa satisfacão nos queixumes. Na patria

*S. Estes
vão.*

largastes hum pedaço de terra, nas sedas huma tarefa de bichos, no calçado hum embaraço dos pês, nas joyas huma mão cheya de pedras, nos regalos hum engano de innocentes, e isto foy largar nada que he o que tinheis de vosso; agora haveis de deixar o que tendes de vòs, que he o que arrancaes do coração, e não o que largaes da pessoa. Vòs senhor, disse ella, não me deixaes nem os sentimentos, e o Deos a quem busco quer aos que o seguem amantes, mas não insensiveis: na dor sim, tornou elle, mas insensiveis no desafogò, que assim se ganha o merecimento sem se arriscar a fineza; as leys do amor são mui apertadas, e os seus nós mais fortes, que o gordio: as da natureza, tornou ella, são mui largas, e porisso eu lamentey quando ví contra mim opprobrios gritados, e pedras levantadas: vòs; respondeo elle, estaes ainda nesta via tão tenra como flor, e eu ja vos queria tão forte, como pedra; e porque não presumais, vos arguo só com as palavras, vos quero convencer com o exemplo proprio que faz mais força. Eu sou Soldado de hum grande Rey, e pelo servir melhor deixey quan-

quanto possuhia , que quem ama não reserva. Tinha este senhor inimigos , os quaes se conjuraraõ contra elle , sem repararem em que era o seu Soberano; puzme em sua defenfa , e fuy o primeiro que nesta derramey o sangue : prenderaõ-me os traydores , e com rogos brandos , e ameaços duros me fizeraõ ser do seu partido , ao que resisti leal, e por ultimo me intimaraõ que , ou havia de negar ao Rey , ou me havia de tirar a vida : não duvidey na escolha, que a ley he taõ preciosa como a alma. Desenganados de que nem o que vivia daria pelo que amava , me atiraraõ pedras , não em anteaça como a vòs, mas em execuçaõ como a mim; bem apedrejado , e mal ferido levantey as pedras padraõ da minha constancia , e assim banhadas em sangue as fuy offerecer ao templo da lealdade ; e ao deixallas, vi se tinhaõ convertido em preciosos rubins, dos quaes guarneci o vestido , que vedes. Este foy o gosto de meu Rey , que destruindo a seus contrarios , me deo o galardão de minha fidelidade , que logro em crecido premio. E desembuçando a capa deixou ver o vestido , em cu-

ja guarnição luziaõ os rubins taõ brilhantes que substituirãõ duplicados fois àquelle paramo por hum que lhe fugia. A Peregrina se admirava, e elle lhe dizia, aquy vereis senhora como os trabalhos hoje são pedras duras, e a manhã pedras preciosas, e aos tiros que dà o odio, os converte em rubins o amor. Fazey paciencia se quereis fazer premio, meditando em estas palavras, q̃a huma Pastora que hoje vive em o Ver-
 gel se disserãõ, quem ama padece, quem padece sofre, quem sofre espera, quem espera alcança: e seguindo estas verdades vio na presença do Pastor que vòs não errareis se a imitares. Nobre Soldado, respondeo a Peregrina, as vossas razoens tem confortado meu desmayado alento, na exortação, e vossos rubins alegrado meus olhos, nos resplandores são pedras de virtude, cuja luz des-terrou sua tibieza. Confesso meu erro nos prantos de hoje, e prometo differença na constancia de amanhã. Perdoay o que vos desgostaraõ meus queixumes, que vòs tendes valor de soldado, e eu estylo de mulher; e porque quero saber o nome de quem me reno-

*Maria
de Rozas*

vou o espirito , pergunto como vos chamaes ? Estevaõ , respondeu elle , he o meu nome , e me aparto da vossa companhia levando-vos na minha saudade, e ainda que visto o peito de aço , não tenho o coração de ferro. Aquy vlm só a confortarvos , e me torno ao Vergel, adonde assisto , a pedir ao Pastor favores para vós , e a Deos atè que nelle nos vejamos. Assim se despedio tem que a Peregrina passasse a detello , que seu respeito , desviou sua persuasão , e a nenhum dos que encontrou nesta via pode seguir por mais que o dezejava , tendo o caminho o mesmo, porque logo se faziaõ dezapparecidos , meditando nestas razoens que ouvira a Estevaõ, pedras tão preciosas como os seus rubins continuou sua carreira , e por alivialla, foy cantando , ja não queixas grosseiras , mas finezas amorosas.

Querido Pastor mio ,
que en esta soledad
te doy un Sur de perlas ,
de lagrimas un mar :
adonde estàs ,
que te procuro, y no te pueda hallar?

Con

Con gemidos te bulco,
 y en tanta sequedad
 si te llama el supiro,
 solo responde el ay;
 adonde estàs,
 que te procuro, y no te puedo hallar?

Las peñas enternelco,
 y tu por mas afano
 quedas a resistir,
 y la peña a quebrar
 adonde estàs,
 que te procuro, y no te puedo hallar?

A mis ojos te escondes,
 si me quieres matar,
 matame con tu amor,
 y no con tu crueldad
 adonde estàs,
 que te procuro, y no te puedo hallar?

En esta amarga auzencia,
 que a mi pecho es puñal,
 ni puedo sentir menos,
 ni puedo sentir mas:
 adonde estàs,
 que te procuro, y no te puedo hallar?

Porque di te pregunto,
 respondeme ya:
 muero de tu delvio
 se vivo en tu beldad,

adonde estás,
que te procuro, y no te puedo hallar?
De un coraçon que llevas
te pido la mitad,
una quede a sentir,
otra se parta a amar.
adonde estás,
que te procuro, y no te puedo hallar?

Assim alegre seguia sua derrota, apressando o passo por chegar ao porto de sua felicidade, e quando mais anciosa de descubri-lo achou hum grande obstaculo fazendo-a parar hum lago que se atravessava em o caminho de agoas escuras, e inquietas. Muito afflicta se vio a Peregrina sem ter a quem recorrer em seu favor, nem para o concelho, nem para o remedio: quando se lhe offereceo á vista hum Pastor de veneraveis cãas, alegre rosto, respectiva prezença: este lhe disse, que he Peregrina o que aqui vos tem suspena, e parada? Admirome, respondeo ella, de preguntãres o que sabeis, tendo à vista este lago taõ inquieto, como profundo! A quem hides buscando? tornou elle: Busco, disse a Peregrina, ao Pastor do Vergel, que he
o meu

o meu amante, e quando me cuidava já mais vezinha à sua presença, acho este embaraço para correr a ella. Pois disse o Pastor para buscar hum amante ha embaraços? Se vòs tivereis fé, naõ hou- vereis medo, que o amor he taõ forte co- mo a morte: lançayvos neste lago, e pro- vay a passar à outra parte, que quem quer, naõ olha o que teme, se naõ o que ama. Sim, respondeo ella, mas as finezas naõ haõ de passar a loucuras. Sim, sim respondeo o Pastor, que o sizo do amor he naõ ter sizo, e hum amante feydo he hum Cupido pasmado: arrojayvos ao lago, e medi as forças com os peri- gos, atè que vosso fogo vença sua agoa. Bom velho lhe disse ella, vòs quereis a- fogarme? Eu tinha-vos para o remedio, e acho-vos para a fatalidade? Mayor se- rá a vossa, respondeo elle, senaõ passaes o lago, porque sem isso naõ podeis che- gar ao Vergel. Eu sou o Porteiro desse Paraizo, e trago ordem de seu Soberano para naõ vos abrir a porta, em quanto naõ venceres estas agoas, que a menos fineza naõ quer vendervos a sua vista. Senhor respondeo ella, eu a comprarey a todo o custo, porèm dayme vòs os meyos.

meuos, com que vença taõ formidavel encontro, que mizera de mim naõ sey achallos: sim darey respondeo o Pastor, porque me naõ torneis a dizer quero afogarvos, eu antes de ser Pastor de ovelhas fuy pescador, e ainda ahi tenho huma barquinha, que vos darey para passares o lago. E vòs comigo, respondeo ella; que as agoas estaõ inquietas, o vento bravo, e eu sem experiencia. Tudo se fará bem, disse o Pastor, e antes que entreis, vos quero animar com o exemplo, que persuade melhor que as palavras. Eu fuy pescador no mar de Galilea, e dahi passey a Pastor de Ovelhas, tendo taõ copiosos os meus rebanhos na terra como haviaõ sido os meus peixes no mar, quando pescador; eu, e outros companheiros do mesmo officio amamos todos huma rara fermolura, naõ lhe chamo flor, porque he mais bella, naõ lhe chamo perola, porque he mais preciosa; naõ lhe chamo estrella, porque he mais fixa; naõ lhe chamo Sol, porque he mais clara. Chamartheey divindade, que he só o nome que lhe compete; a esta pois buscavamos em paz que nem todo o amor ha de ser guerra, sem

Os Santos ajudaõ aos afflictos,

que o demonio do ciuime se atravessasse ao lagrado deste querer. Fez a dita belleza de nòs huma breve auzencia, se para quem ama ha auzencia breve, e huma tarde em que no mar andavamos pescando peixes, e chorando saudades, nos appareceo na ribeira: alvoraçados todos de nos amanhecer o Sol quando ja nos ameaçava a noite, apressaraõ meus companheiros as suas barquinhas a ir buscal-la, eu que não quiz fiar dos vagares do lenho as ancias do fogo, me arrojey ao mar por chegar mais depressa, o ir de outra sorte devi-o à minha obrigação, o ir desta à minha fineza; assim que entrey no mar, tocou a fogo, tal era o que abrazava meu peito. Cheguey pois primeiro que os mais aos pès da dita fermosura, e disse hum dos Deoses marinhos aos outros, ja com esta fineza os nossos coraes, e as nossas perolas não tem preço. Neptuno me celebrou a acção, as Ninfas me envejataõ a galantaria, as Sereas me cantaraõ a gala, e os pescadores esta cantiga, que encomen-dey á memoria.

Pedro por chegar primeiro
aos mares se arrojou, que

que vagares na fineza
saõ dezares no amor
pescador
sen do elle proprio a rede
huma fineza pescou.

Naõ quiz esperar o barco,
que a quem de veras amou,
hum instante de esperar
he hum segre de rigor
pescador
das perolas da fineza
naõ dos peixes de sabor.

Arrojouse ao mar galhardo,
nadou valente, e veloz,
que mais fizera hum Cupido
do que fez hum pescador?
pescador
que como tocou as agoas,
o mar a fogo tocou.

Aos olhos da fermosura
feito hum Leandro chegou
para merecer a luz
naõ para apahar a flor.
pescador
sahindo do mar molhado
se foy enxugar ao Sol.

Muito me divertistes, disse a Peregrina, com tão galante cantiga, e tambem me admirastes com tão galharda fineza, e creyo que a essa juntarieis outras de tanto nome: sim ajuntey, respondeo elle, que só por soldar huma desconfiança, que esta divindade teve minha em materia de fê, cheguey a chorar lagrimas de sangue por satisfazella, e em hum motim que certa noite se levantou contra ella, me meti só, e desfarmado por esquadras de Soldados, e assim como cortey a orelha a hum despedaçara a todos, se o preceito da mesma offendida mo não embaraçara. Por ella pois deixey barco, e redes, e sem ter busio, me fiz pescador de perolas, que ella muito estimava, e destas lhe offereci muitos milhares, com que acrescentou seus cabedaes. Perguntoume hum dia se a amava, não por ignorallo, mas por ouvillo; eu todo affervorado lhe fiz logo ali tres protestos do que lhe queria, e ao depois os assiney com meu sangue, offercendo-me por ella à morte que quem ama não reserva a vida. Taes foraõ os meus extremos, que me fizeram arrojar ao mar, e vòs temeis hum lago

lago? Ahi tendes barco, e remo, pas-
say a elle, e offerecey ao Pastor a meya
fineza, ja que a naõ quizestes fazer in-
teira, que eu sou em vossa companhia.
Olhou a Peregrina, e vio a barquinha,
na qual entrou, mas quando voltou o
rostro a esperar o velho, ja era desappa-
recido. Chamou, naõ lhe acordiõ, cha-
mou ao seu Pastor, naõ lhe respondeo, *cada hũ*
deu vozes ao Ceo, cerrou-se, e s'õ net- *se hade*
te dezamparo, que naõ ha mayõ dezam- *ajudar*
paro que o que se passa s'õ; vio que se *asi.*
alteravaõ as aguas, se desenfreaõ os
ventos, se desatavaõ as chuvas, e aquel-
le palmo de lenho, que buscou taboa
para a vida, o considerava, ja tumba
para a morte. Nas verdenegras agoas se
lhe representavaõ disformes peixes para
tragalla, no ar fogosos rayos para con-
sumilla, nas sombras lutos para suas exe-
quias, nos eccos vozes para seus respon-
sos, ja para o remo lhe faltavaõ as for-
ças, que quebradas na brabeza do lago
donde sahiaõ humas vozes que cantavaõ
repetidas

Plegue a Dios que te anegues

Nave inimiga.

A que là do alto ouvio outra suavissi-
ma,

ma , que respondia
 esto nõ , que me llevas
 dentro la vida.

Conheceo a Peregrina nesta voz a de
 seu amado Pastor , e fortalecida no fa-
 vor presente alentou seus remos , que
 ja hiaõ descahidos , rompeo as aguas,
 despresou os perigos , e a pouco tempo
 embainhou a tempestade a espada , to-
 caraõ os ventos a recolher , ataraõ-se as
 chuvas , desembuçou-se o sol , serenou-
 se o lago , aclararaõ-se as aguas , correo
 a barquinha ligeira , e parou naõ em
 praya de teixos brutos , mas em porto
 de flores especiofas.

C A P I T U L O IV.

*Em que a Peregrina entra no Vergel do Pas-
 tor , dando fim à sua peregrinaçaõ.*

Vencedora a Peregrina dos perigos
 de sua navegaçaõ com o remo da
 paciencia , que he o com que dos traba-
 lhos se triunfa , saindo das aguas se re-
 clinou em huma alcatifa de boninas ,
 com que a hospedou a terra , mais ren-
 dida à febre de seu amor , que aos que-
 brantos

brantos de sua peregrinação, e vendo a terra florida, o Ceo sereno, as luzes desembuçadas, os ares fragrantés, entendeo estaria muito vezinha ao Vergel, e neste pensamento levantou os voos a seu dezejo, que nos pertos do logro são mais altivas que nos longes da esperança, e com voz desmayada, e coração ardente glözava esta mais de todas as letras deliciosa composta pela alma mais amante.

Cobridme de flores

que muero de amores:

porque de mi aliento el ayre

no lleve el olor sublime

cobridme

sea porque todo es uno

alientos de amor, y olores

de flores

de afucenas, y jasmines

aqui la mortaja espero:

que muero.

si me preguntaes de que?

respondo, en dulces rigores

de amores.

Aqui deceu do alto hum bando de

fer-

fermosísimas Aves ; taõ vistosas nas cores , que parecião ramalhêtes do ar , mais que viventes na terra : todas traziaõ flores nos bicos , e as deixavaõ cahir sobre a Peregrina , a quem em seu desmayo deraõ esta Musica com suavísimas vozes humanas respondendo-se umas a outras :

desmayos de amor
son de flores ? nõ ,
que las flores son desmayos,
y este desmayo es valor.

desmayos de amor
son de perlas ? nõ ,
porque las perlas son agua ,
y este desmayo es ardor.

desmayos de amor
son de alvas ? nõ
porque las alvas son riza
y este desmayo es dolor.

desmayos de amor
son de ays ? nõ
que los suspiros son ayre,
y este desmayo es prision.

no son perlas , que es agua ,
no son alvas , que es riza ,
no son ays , que es ayre ,

nò sòn rolas , que es flor

son amor

que ni es agua , ni es ayre , ni es riza ,
ni es flor.

desmayo de amor divino

del mismo amor le forjò ,

sin mescla que amor es uno,

y con mescla fuera dos.

de amor la essencia es tan pura,

que ensi propio no admitio

entre el amor , y el effeto

lo que vã de affeto a amor :

no son de amor les desmayos ;

mas el amor mismo son ,

porque distincion no quiso

entre su essencia , y su ardor.

desmayos de amor disidme

como han de sofrirse oy

si en cada desmayo està

toda la fuerça de un Dios ?

no son perlas , que es agua ,

no son alvas , que es riza ,

no son ays , que es ayre ,

no son rolas , que es flor

son amor

que ni es Agua , ni es Ayre , ni es Riza ,
ni es flor.

Cessou a Musica, voaraõ as Aves, e tornando a Peregrina de seu desmayo para todos fatal, para nenhum escusavel, se achou em hum delicioso Vergel, reverdeceo o celeste Paraíso, nova esfera de luzes, raro labyrintho de flores, lugar de que só era digna a admiraçãõ: alli toda a vista era graça, toda a flor maravilha, toda a planta esmeralda, as fontes eraõ perolas liquidas, os ares flores sem cor pela fragancia, as respiraçoens alentos divinos, e nada parecia do ser humano, os cravos brotavaõ incendios, as rozas naõ padeciaõ delmayos, os jacintos padeciaõ ciumes, as murtas naõ significavaõ dor, a belleza das flores correspondia a fermosura das arvores de pomos, e de nenhuma parecia mãy a terra, de todas sim creador o Sol, e as maçaãs, que no primeiro jardim foraõ discordias, aqui eraõ amores: as aves vestiaõ de pena, e cantavaõ de gloria, estavaõ paradas porque naõ tinhaõ padonde levantar o voo, o christal que a pedaços se via, brilhava ouro, o ouro nos pomos transparente como o christal: as ruas deste paraíso çalçavaõ pedras preciosas, as

portas adornavaõ perolas finas , os muros alabastos superiores : no meyo se via huma fonte de vida ; a cujas aguas corriaõ as almas sendo seu ruido mais suave que de doce citara a branda voz ; e naõ continue minha ignorancia esta pintura , porque ja ouço que nella todo o homem mente. Dizia a Peregrina muitas vezs admirada , adonde estou eu , que ja sou outra ? Que endeozada roupa he a que visto ? que preciosissimas joyas as de que me adorno ? que novo ser o que me vivifica ? que esfera he esta adonde me vejo possuidora de glorias ? que Paraíso he este adonde estou flor ? que Ceo he este adonde vivo estrella ? que nova patria adonde ja naõ sou Peregrina ? Se he o Vergel do Pastor com sua vista premiarey meus trabalhos , e segurarey minha felicidade. Aqui lhe responderaõ Musicos instrumentos que em mãos de huma tropa de bellissimos Pastores , e Pastoras entravaõ a darlie as boas vindas ; todos com preciosos vestidos , huns carmesins , outros brancos , dando o ouro cores , e elles luz ao ouro , coroaõ de flores as cabeças , as mãos com palmas , e todos com vozes divinas ,

Sea bien venida
bien venida sea
a tomar la esclava
Corona de Reina.

Nora buena a este Vergel
lleges Peregrina bella
que en este Vergel no ay
hora que nõ sea buena.

Mira en sus flores hermosas
quales son las primaveras
adonde tiene una roza
todo el valor de una estrella.

Aqui seràs coronada
de tan Augusto diadema,
que si otra pudo igualarla
ninguna puede excederla.

Será el oro cristalino
clara Alfonbra de tus huellas
oro con quien el de ofir
es carbon, y nõ riqueza

En sus arboles tendras
frutos de tal excelencia,
que no ay planta en el Vergel
que arbol de vida no sea.

Sus riquezas, y tesoros
son de tan alta grandeza

que

que una Margarita sola
pudo formar una puerta.

Tan claras corren sus aguas
tan transparentes, tan terças,
que conceptos de cristal
fueran mancha a su pureza.

Son deste Vergel las Aves

✓ Angelicas filomenas,
fírenas que con su canto
golfos de luzes navegan.

Los amores de tu esposo
seran en castas finezas
la corona destas dichas,
la palma destas grandezas.

Y hallaràs al fin pastora
en toda tu corte excelsa,
dias sin noche,
gloria sin pena,
año sin nievès,
amor sin venda.

Callou a alegre melodia por dar lu-
gar a outra superior entrando hum bel-
lissimo Pastor o mais fermoso de todos
os filhos dos homens, quando menos,
fermotura de Deos, quando mais: sua
endeosada vestidura só no Sol tem com-
paraçãõ, despedindo luzes como Deos,

cantando finezas como homem, se encaminha com esta musica à Perégrina, que nelle conheceo ao seu amado cheya de admiração, e alegria, fazendo aqui a vista mudas operaçoens, depois da fé ter feito declaradas finezas, achou que em tudo o que esperara, não cabia a menor parte do que via, cantava assim o divino Orfeo.

Peregrina la dichota,

en claro punto nacida

debaxo de las estrellas

que influen mayores dichas:

Tan hermosa como amada

siendo tu la beldad misma,

pues solo un cabello tuyo

ha sido una herida mia:

Tu que entraste en el Vergel

donde su Rey te convida

con flores que son estrellas

frutos, que son Ambrosias.

Tu que del bruto dezierto

venciste tanta fatiga,

tierna flor, al encontrarlas

dura peña al rezistirlas.

Tu que al Jupiter divino

mesclando la Essencia diva

hizi-

hiziste un Jacob amante
y siendo su Raquel querida

bienvenida, seas
seas bienvenida.

Deificada a amante Peregrina nestas
glorias, absorta na vista do Pastor, disse
a seus pès prostrada.

Sobetano Pastor, amante fino,
de Ceo, e terra, e mares dominante,
que no Ceo onde assistes uno, e Trino
fixa puzeste a estrella errante:
tu que sem respeitar o ser Divino
do ser humano te fizeste amante,
ardente amor me tens na clara Esfera
que ja hoje sou luz, se hontem flor
(era.

Levantou-a o Pastor a seus braços
respondendo:

Querida minha, que do hermo agreste
te elevaste às boninas superiores,
e nesse bruto páramo Terreste
pizando espinhos semeaste amores:
havendo ja trocado no celeste
por luzes firmes as caducas flores,
chega a meu peito donde fique unida
alma

alma com alma fim, vida com vida.

Deste colloquio passaraõ a outros mais intimos, de quem só o amor pôde fer lingua, e alli deu o Pastor à sua amada a coroa de Rainha, cõm as honras de Esposa, e recebendo de todos aquelles assistentes soberanos festivos parabens, ficou a lograr glorias a quem os seculos não podem dar fim, nem a lingua humana explicação. Este foy o premio de seus trabalhos, o fim de seu caminho, o porto de sua navegação, o achado de seu amor, e quem seguir a mesma via para a virtude, descobriã o mesmo Vergel para a eternidade; e em quanto o não achamos, louvemos ao Senhor, que para elle nos convida a todos, sem exceptuar ao peccador por errado, ao infiel por cego; ao incognito por barbaro, ao tibio por vagaroso, a todos quer, a todos chama, a todos busca.

Loente Pastor divino

con los mas, que el Cielo encierra
el Querub que alcança tus luzes

Serafin que en tus rayos se quernia.

Loente, en el firmamento

Cielos , Sol , Luna , y estrellas ,
con los austros que influen las pazes,
Con el Iris que aparta la guerra.
con todas sus producciones
te loe la verde tierra
desde el cedro más alto del monte
hasta en campo la flor mas pequeña.
loente todas las aguas
mas que otras vezes parleras
los arroyos con lenguas de plata
y las fuentes con gracias de perlas
dente loores los mares
contados por sus arenas:
las sirenas con voces canoras
hasta el pez , sin voz , y con lengua:
loores tambien te de
el fuego en su ardiente esfera
con las llamas que acuerdan tu amor
siendo cada memoria una hoguera.
loete señor el ayre
que alienta las flores bellas
con fabonio que son sus alientos ,
con las Aves que son sus sirenas :
el arbol te loe todo
por los bosques , y las selvas
con las flores que son esperanças,
con los frutos que son providencias.
loete todo viviente ,

y por

y por su creador, te tenga
delde el hombre que adora tu ser,
hasta el bruto que ignora tu essencia.
Angeles, Serafines,
Cielo, Sol, Luna, estrellas,
austros, luzes, y signos,
ayres, mares, y tierra,
arboles, plantas, flores,
hombres, brutos, y fieras,
fuentes, aguas, y fuego,
prados, montes, y peñas
de aquel que los criò
loores sean.

REPREZENTACION
 DE
S. ALEXO,
 INTITULADA
 MAYOR FINEZA DE AMOR:

Personas que hablan en ella.

<i>Celia Princesa.</i>	<i>Estevan Principe.</i>
<i>Sabina Dama.</i>	<i>Antonio Principe.</i>
<i>Lizes Criada.</i>	<i>Alexo Cavallero.</i>
<i>El Amor,</i>	<i>Dragon Criado.</i>
<i>Pedro Principe.</i>	<i>Sabio Cavallero.</i>

Sale Celia , Sabio , y Damas.

Sab. **L** Os Principes gran señora ,
 solo para entrar, aguardan
 tu licencia.

Cel. Ya la tienen ,
 personas son soberanas ,
 llegad sillas.

Salen los Principes.

Ped. No llegueis :
 que todos de vuestras plantas ,
 venimos a ser alfombras.

Est.

Est. Porque pizeis sublimadas
tres Coronas.

Ant. Y aun es poco
si vuestros pies las estampan.

Cel. Levantad , tomad assiento,
que ann que suprema me llaman ;
a tales sujetos debo
este honor, con que se esmaltan.

Todos. Señora !

Cel. No porfíeis.

Sientanse.

Ped. Vuestro imperio todo manda.

Cel. Ilustres Principes , que
me veis oy en este alcazar,
flor celeste , en verde esfera :
adonde mi Deidad rara ,
propiedades de Divina ,
toma apariencias de humana :
faber intento el motivo,
que a mi Corte , y a mi casa
os trae ; porque no es justo
que tenga vuestra esperança ,
si bien fundada , suspensa :
y viva , si mal fundada.

Ped. Ya nuestra voz :

Est. Nuestro aliento :

Ant. Pues tu piedad nos dà alas :

Cel. Hable Pedro que os prezide.

Los 2. Confessamos su ventaja.

Sale Alexo, y Dragon à parte.

Al. Aqui retirado quieres
atender a lo que tratan
los Principes con la Reyna.

Drag. Y si a palos te lo estrañan?
aun tendras mas que contar
del suceso.

Al. Escucha, y calla.

Ped. Princeza illustre del orbe; y
pues tu Monarquia abarca,
desde la torrida zona,
hasta la region elada:
de tantas coronas Reyna:
y no digo bien de tantas,
que de tus Augustas Siens,
es una corona el mapa.
Monarca de todo el orbe;
porque el universo mandas;
desde el Indo adonde nace,
hasta el Tajo, adonde acaba;
y en todo este anfiteatro,
sin tu permission sagrada
la dura fiera no gime:
el Ave dulce no canta;
la fuente clara no corre:
el ayre veloz no para:
la flor hermosa, no vive:

el azul Aspid no mata :
 la planta al Cielo no sube :
 la piedra al centro no baxa :
 como en esse mar inmenso
 gigante , ò mostruo de plata
 no navega el duro leño :
 y el pez mudo no nada :
 el rudo Titon no anima :
 la Ninfa bella no encanta
 sin tu voluntad : porque estes
 en tu celestial alcaçar ;
 el movil , que en esta esfera
 todo con querer lo mandas :
 no solo de lo terrestre
 dueño ; de la esfera alta
 pues mandas en el safir ,
 assi como en la esmeralda ;
 siendo tu córté suprema :
 siendo tu insigne morada
 cabeça de siete Cielos ,
 donde tus flores se estampan ;
 Divina hermosura ; digo :
 y esto a lizonja no passa ;
 porque aqui ; tu proprio ser
 viene a ser tu antonomazia :
 en la alegoria Celia ,
 y es poco nombre a tu fama :
 que aunque Celia explica Cielo ,

tu dizes cosa más rara ;
y solo quando dixistes ,
en la egnima de una çarça ;
yo foy , quien foy ; solo entonces
quedaste bien explicada :
divina beldad , en cuya
luz , son para mayor ventaja ;
el Serafin , mariposa ;
el Querube , salamandra ;
en cuyos rayos hermosos ;
en cuyas ilustres llamas ;
vive , aun despues de la vida ,
el que dichoso se abraza :
donde quando te compite
belleza atrevida humana ;
queda , una sombra que huye :
una flor queda , que acaba :
una de milerias summa :
como en sus lamentos canta ,
aquel de paciencia exemplo ;
que para mayor hazaña ,
en el Oriente fue Rey ;
y en su dolor fue Mõnarca.
siendo pues esta que digo :
ya adviertes como a tu casa
el rendimiento nos trae ,
y la adoracion nos llania.
Yo Pedro que del Imperio

de la Monarquía Magna
 de Roma, ciño en mis sienas
 la Corona, ò la Tiara;
 y de alli rindo a tu culto,
 de alli confagro a tus plantas,
 desde donde el Tibre riega,
 hasta donde el Nilo baña.
 Estevan Principe illustre;
 a tu favor, de las armas
 fuerte caudillo; de aquellos
 que tiñen en tu campaña,
 las Vitorias de laureles,
 con la sangre de escarlata:
 Antonio, Rey soberano
 que en su Imperio la Tebaida,
 te hà dado tantos Vasallos:
 que duda esse verde mapa,
 si son mas sobre su esfera,
 (en contigencia tan rara)
 ò las flores que produze;
 ò los hombres que te aclaman;
 oyendo los tres que una
 mentida estrella, que vana
 a las sombras de su ser,
 occulta en su luz opaca,
 una efimera inconstante;
 que sobre la verde estancia;
 quando un Sol la mira roza,

otro Sol la mira nada:
una centella, que breve,
mal segura en su inconstancia;
después que en las llamas vive
en las cenizas acaba:
la hermosura humana al fin;
que es centella que se apaga;
que es roza que se marchita;
resplandor que se desmaya;
sabiendo que esta belleza,
que la alegoria llama
Sabina; aludiendo al dia:
atrevidamente ufana,
oza a llamar a su culto;
los que en tus dichozas aras,
son racional sacrificio;
llevando a sí gentes tantas,
que no perdona su brio,
(en aquesta empresa ingrata)
ni al Joven, que flor piza:
ni al Varon que peina canas:
devirtiendo así soberbia,
de tus ilustres campañas
los esforçados guerreiros:
y de tus insignes cathedras,
los mas scientes Varones;
porque su lizonja arrastra
al fabio; por mas que sepa:

al fuerte ; por mas que valga :
 nosotros pues , como somos
 de tu Imperio las tres bazas ;
 que ya Atlantes lo sustentan ;
 ya Colones lo dilatan ,
 tan amantes de tu honor ,
 que por el , y su importancia ;
 daremos todos la vida ;
 y es poco , aprecio del alma.
 como **de** nuevo venimos
 a tributar a tus plantas
 nuestro valor , y poder ;
 reynos , Vasallos , campañas ;
 porque sepas que en Sabina,
 ni su lizonja nos llama ;
 ni nos echizan sus ojos ;
 ni su beldad nos encanta :
 y solo de tus luzeros
 maripozas voluntarias
 buscamos la luz que dà
 rayos al sol , a amor llamas.

Cel. Principes ; vuestra atencion ,
 en mi mente soberana
 halla el aprecio que devo
 a su valor ; concervadla ,
 sin ver a Sabina el rostro :
 porque es sirena que encanta ,
 tanto al fuerte , que confia ;

como al floxo , que desmaya.

Al. Sobre fé le da advertencias.

Dr. Es que el gallo, quando canta;
de uno de los tres amantes ,
cierto delito le parla.

Ant. Si vuestra belleza adoro,
gran señora en tal ventaja;
teniendo empeños divinos ,
no temo gracias humanas.

Est. No os rezeleis Celia hermosa,
de Deidad caduca , y vana :
que ninguno de la estrella,
a buscar la flor se arrastra.

Ped. Si en vuestras luzes divinas
vivo , y otro fuego acaba ;
despues de renacer feniz ,
como he de ser salamandra?

Cel. Bien hareis , que desta fé
es mas vuestra la importancia
que mia , yo estoy de buelta
a mi Corte soberana.

buelbo a deziros , mireis
como os portais ; que se os halla
comprehendidos mi deidad ;
no digo yo , ni en palabras ,
ni en pensamientos , ni en obras :
mas ni en una simples cauza ,
de que el afecto no sabe :

una respiracion vana ,
 que se dez haze en si misma ;
 un suspiro , que se vaga
 por el ayre , sin objecto ;
 porque para mi esso basta :
 contra aquel que de mis nupcias
 aspira ala soberana
 felicidad ; porque soy
 tan zeloza , tan estraña
 en tal punto : que a pensar lo
 luego en el ayre bolaran
 (como la flor del almendro)
 vuestras altas esperanças.

Dr. Fuego de Dios con la bella!

Al. Quien avra que oze a enojarla?

Ped. Con que de mi fé señora
 aun temeis que sea vana?

Cel. Es fé de hombre , y algun dia
 me faltó.

Ped. Que dezis?

Cel. Nada ,

mirad por vuestro valor.

Ped. Pues dudais de tu constancia,
 hade salir mi fineza ,
 contra tu desconfiança ,
 hede convertirme en piedra.

Cel. Vos en piedra?

Ped. En piedra rara ,

me hede bolver ; porque siendo muda , sorda , dura , elada , la piedra ; sepais señora que estoy sordo a las palabras de Sabina ; a sus respuestas mudo ; duro a sus aljavyas ; sin calor a sus afectos ; y alfin de piedra , a su gala ; todo el tiempo que viviere (en esta inferior estancia) auzente de vuestros ojos :

Cel. Admito-os accion tan rara.

Drag. De piedra , y cal , la fineza està ; no ay que rezelarla.

Al. Ni que embidiarla.

Dr. Porque ?

Al. Porque ay finezas mas altas.

Cel. Sè que la transformacion en vuestra sciencia , no vana ferà , mas una gran duda ; os propongo.

Pe. Declaradla.

Cel. Como me amareis a mi si yo siendo piedra ? quando blanda y materia busca el Amor ?

Ped. Piedra ferè ;

Cel. Cosa estraña.

Ped. Para otras , en la dureza :

para vos , en la constancia.

Dr. Digo que el Pedro es un bobo ;
pues se convierte en estatua ,
podiendo en bota,

Al. Que vino
mas dulce , que el que amor gasta.

Sab. Pareceme que esta piedra
de tu edificio la baza
hade ser !

Cel. Assi lo entiendo.

Sab- Sus enigmas solo alcança
el amor ; y yo que soy
tu sciencia.

Cel. Bien decifrarlas
podras ; pues Sabio te nombras ;
aunque van tan remontadas.

Ped. Vereis señora esta vez
si hubo fuego , que en el agoa
se guardò ; que ay tambien fuego ;
que en una piedra se guarda ;
sin ser la del pedernal.

Cel. La seguridad me agrada
yo la fineza os aceto.

Ped. Yo me parto a executarla. (*Vase.*)

Cel. Vòs Estevan , que dezis ?
con que hareis rostro a la magna
accion de Pedro ?

Est. Viviendo ,

(el tiempo que no me llama
vuestro favor a la corte) obvia
entre las sangrientas armas
del inimigo : y allí
encontraré en cada lanza
un peligro ; en cada choque
un riesgo , y una amenaza ,
teniendo expuesta la vida ,
a la merced de la saña ;
siendo mi veste la sangre ,
mi meza la hambre , mi cama
el yerro ; porque al llamarme
de Sabina la voz falsa ,
quite de mi oydo el ecco ,
el estruendo de las balas.

De polvora el humo ciega
mis ojos : si a su luz clara
llegare , de hazero , si es
que quiera pretender blanda ,
mi voluntad : y al fin que
a sus dulces consonancias ,
responda el guerrero parche ;
si como sirena canta.
con que a mi fé sacrifico
mi vida.

Cel. Y en lid de Palas ,
conservareis las ternezas
del amor ?

Est. Con mas ventaja,
 teniendo de azero el cuerpo,
 al tener de cera el alma.

Cel. Está bien, quedo por todo.

Est. Pues a Dios ; que ya me llama
 esta sangrienta pelea ;
 esta inimiga campaña ;
 donde por huir de Venus,
 busque de Marte la saña. *vase*

Cel. Que dizes Sabio?

Sab. Que Estevan
 hade ser quien por las armas ;
 las primicias de rubies,
 a tu imperio dé por parias :
 y su generosa sangre,
 por tu imperio derramada
 ha de ser dichoza al riego
 con que crescan tus fiaras.

Cel. Que Soldado tan valiente.

Dr. Y tan loco ; que a pedradas
 hade andar por essas calles.

Al. Son exesos de quien ama

An. tambien de mi fé, señora,
 rezelos teneis ?

Cel. Se halla

la misma razon en vos,
 pues con ellos en los Mapas
 Quedaes, adonde Sabina.

con otras hermoxas Dâmas,
(vandoleras de las vidas)
son delas almas piratas.

An. Pues yo aun que a la vista estube
de finezas tan bizarras ;
tambien refuelvo la mia :
y asi me parto mañana
a un retiro tan ignoto ;
que alli no de humana planta
aya vestigiò ; si no
de dura fiera que brama :
de cruel leon que ruge :
de ozo tiranò que espanta :
porque entre brutos sylvestres,
y entre fieras dezhumanas ;
de humana beldad no pueda
vér , ni el favor , ni la cara ,
dando este firme seguro
a vuestra descónfiança ;
todo el tiempo que estuviere,
auzente de vos,

Cel. No es cara , la prueba ; siendo por
con que a un yermo la Jornada
mañana hazeis ?

An. Si señora
a las peñas solitarias.

Cel. Son muy hermosas las flores,
y me dan zelos sus gracias.

An. Pues yo señora os prometo,
 en aquella verde estancia;
 quando encontrare las rozas,
 bolber el rostro alas ramas.

Cel. Cantan las aves muy dulces,
 y su armonia arrebatada,

An. En todo quanto encontrare,
 (como la llevo en el alma)
 tu imagen contemplarè;
 mirarè tu semejança,
 que aunque nada te afigura;
 mis memorias te retratan.

Cel. Id con bien, y el Cielo os guarde.

An. Si os llevo en mi, ya me guarda. *Vase*

Dr. Raros estan los amantes:
 uno hermitaño; otro estatua;
 otro bronze; y tu, ¿ que eres?

Al. Egnima de amor mas rara.

Cel. Que te parece de Antonio?

Sab. Que en la dezierta montaña,
 adonde va solitario,
 levántara su eficacia,
 tantos cultos, tantos templos,
 a tu Deidad soberana,
 que sea el fruto muy dulce,
 de su soledad amarga.
 siendo estos hombres cabeça,
 de tres hierarquias altas,

que

que de la tierra conpiten ,
alas que en la region clara
en tu palacio de estrellas ,
el Santo a voces te cantan ,
y por hir a cortejarlos
me dispido de tus plantas ,

vase.

llega Alexo , y Dragon.

Cel. Quien sois vos? que aqui quedasteis?
o quien os ha dado entrada?

Al. Soy señora , un estrangeiro ,
que en la comitiva hidalga
de los principes entrè.

Cel. Y de que nacion?

Al. Mi patria es Roma.

Cel. El nombre?

Al. Es Alexo.

Cel. Vuestra persona gallarda ,
dize que sois Cavallero.

Al. Si no lo fuera , no ozara
a entrar aqui ; y aun con serlo
otro impulso me dio alas.

Cel. Atendistes las finezas ,
que en acciones tan estrañas
los Principes por mi intentan?

Al. Fue forçoso el escucharlas ,
estando aqui.

Cel. Pues dizid ,
que os han parecido?

Al.

Al. Nada.

Cel. Nada dizis ? quando son
sus finezas remontadas ?

Al. Cobardias de quien teme,
por excessos de quien ama

Dr. Diò la sentencia de baque,
matando de una pedrada
tres finezas gigantinas.

Cel. Y tu, tambien de ellas hablas ?

Al. Este señora, es un loco.

Cel. Mas locura en vòs se halla;
pues desdenais tres finezas,
que hazen al amor Monarca.

Al. Repetidlas : que haze Pedro ?

Cel. Convertido en piedra elada,
haye a Sabina al incendio,
guarda para mi. las llamas ?

Al. Que haze Estevan ?

Cel. Por no oir
de Venus las voces blandas
entre los azeros duros
busca los riesgos de Palas,

Al. Que haze Antonio ?

Cel. De un dezierto
pizando sombras opacas
si va a vivir con las fieras,
por no encontrar con las Damas.

Al. El que en piedra se convierte,

nos dà a pensar, cosa estraña,
que hazer no pudo, a ser hombre;
lo que puede, a ser estatua;
el que de Marte se vale;
nos dize en tan corta hazaña;
que para guardar su fé,
hà menester tantas armas,
el que a las demás bellezas
huye en un monte la cara;
mal seguro en su firmeza,
se teme de su inconstancia.
Y assi que las tres acciones
que aqui teneis sublimadas;
son excessos de amor niño:
no de fineza gigante.

Cel. El prevenir los peligros,
siempre es prudencia, en quien ama.

Al. La prudencia no es amor;
porque llega à ser templanza.

Cel. Quien huye por no dar zelos;
mas en su firmeza para.

Al. Quien no se fia de si,
vuelbe al riesgo las espaldas.

Cel. Que harieis vòs se me amaseis?
que teneis tan ultrajadas
estas acciones?

Al. Yo os amo,
que aunque Reyna soberana,

quando,

quando, yo, si.

Cel. No os turbeis :

que como a mi Deidad sacra
es deuda el amor ; quien cumple ;
antes obliga , que agravia :
pues todos nacen a fer
sacrificio de mis aras.

Al. Mas adonde tantos Cetros
estan ?

Cel. Que no es de importancia ;
porque amor no en las Coronas
vive ; que vive en el alma ,
que fineza pues hareis ?

Al. La que fineza se llama,
que las otras son desayres
a vuestra belleza rara,
destos Principes , señora.
Se cifran las tres hazañas ,
solo en huir de Sabina ?

Cel. Es assi, por no mirar ,
ni verla.

Al. Pues yo al rebes
tengo de verla , y hablarla ,
dentro de su casa misma
hede vivir ; y la llama
de vuestro amor , en mi pecho
a su luz hede alentarla :
sin que la imagen Divina ,

confunda la vista humana
para que sepais , y todos ;
(con distincion entre ambas)
que es una cosa el huirla ,
y otra cosa el despreciarla ,
y que el que a vòs os ha visto ,
no importa ver otra Dama.

Cel. Si resiste a los peligros , *à parte.*
que fineza tan bizarra :
y aveis de assistir con ella ?

Al. Dentro de su misma casa.

Cel. Sin perderos ?

Al. Sin perderme.

Dr. Como un perro, y una gata.

Cel. Pues yo la palabra os tomo.

Al. Yo no os la doy.

Cel. Porque causa ?

Al. Porque fio de mi fé,
aun mas que de mi palabra.

Cel. En todo es raro este hombre ,
distinto a los mas se halla ;
mas advertid :

Al. Ya os atiendo ,

Cel. Que sin duda.

Al. No hagais pauza.

Cel. Os hede quitar la vida ,
se dais a Sabina el alma.

Vase.

Dr. Señor, quitate los ojos ,

des-

despues de aquesta amenaza ,
que el Demonio es muy sutil.

Al. Tu cobardia es villana ,
y es hidalga mi fineza.

Dr. Con esa señora hidalga ,
puedes quebrar ; que eres hombre ,
y ella muy delicada.

Al. Voy a buscar a Sabina.

Dr. Para darla en horas malas.

mas mudando de opinion ,
aun que sea tal su saña :
señor si quieres valer ,
convierte-te en patarata ;
que finezas verdaderas ,
siempre fueron desdichadas.

Al. Estas son de amor terreno ;
mas la imagen soberana ,
de mi amor , no es de la tierra.

Dr. Luego convierte-te en rana ;
si tu amor no es de la tierra
porque son cosa del agoa.

Al. Yo intento quedar mayor ,
en fineza que no igualan.

Dr. Converte-te en San Christoval ,
y passaràs de las marcas ;
mas yo , se voy a medirlas ,
siendo todas soberanas ,
Estevan es quien mi admira?
o que excesso Dios me valga!

Al. Pues porque si le prefieres.

Dr. Porque yo seré fantasma;
 seré piedra; seré plomo;
 seré tronco; seré rama;
 seré lobo; seré cuervo;
 seré hormiga; seré araña;
 seré sierpe; seré Drago;
 seré bruja; seré háda;
 seré como soy gallina;
 seré lapo; seré rana;
 y todo lo que quizieren
 antes que verine entre espadas.

Al. El dilcurso es como tuyo,
 como mia accion rara;
 sepan todos; sepa el mundo;
 como Alexo en gloria tanta,
 por la Divina hermosura,
 comprende la heroica hazaña
 de entrarse dentro en la hogueira,
 sin que le toquen las llamas;

Dr. Sepan todos; sepa el mundo;
 el villano, el rey; el papa;
 como Alexo, la hermozura
 busca, para delpreciarla,
sale Sabina, y Lizés.

Liz. Señora; quien el farol
 de tu dichosa alegria;
 convierte en melencolia

quien ha visto triste al Sol?
 no eres tu, en gracias hermosas;
 (sin mudanca al poseerlas)
 toda una rifa de perlas;
 un abril todo de rozas;
 pues como aora ofendida;
 triste, quexosa, turbada;
 traes la color mudada,
 y la alegria perdida.

Sab. No es mucho, no, que mi vana
 beldad, tenga quexa dura:
 y porque aun que soy la hermozura,
 la hermozura soy humana;
 y porque de mi passion, sin omos
 no te oculte los desvelos;
 yo estoy enferma de zelos;
 doliente de ambicion.

Liz. Como Sabina podras
 imbidiar nada que vieres;
 si dueño de todo eres;

Sab. Escuchame, y lo sabras:
 aquel prodigio soy,
 y ya lo era;
 que hizo baxar los Dioses
 de su esfera,
 pues no desdēna Jove
 peregrino,
 de adorarme muger,

siendo

siendo Divino, y Apolo luminoso,
 en mis ojos se mira mas hermoso.
 Marte, y Cupido, por mi amor severo
 uno el arco rindiò, otro el azero.
 tan altiva naci, tan arrogante,
 que uno, y otro Dios, tube por amante,
 digalo en su beldad (pues no se escusa)
 Siquis, Climene, Dafne, y Arctúza,
 aquella roza soy, mas mal respiro,
 por que roza no más, solo es suspiro,
 aquella estrella si, pero mas bella,
 q̄ quien excede al Sol, no es solo estrella,
 aquella perla; me desdigo luego;
 porque la perla es agua, y soy fuego,
 aquel diamante soy; mas he mentido;
 q̄ yo nunca tolca fui, y el bruto ha sido,
 aquel brillante Sol; necio capricho,
 soy la hermosura humana; ya lo he di-
 cho: porque solo excediò mi luz hermosa,
 perla, Diamante, estrella; Sol, y rosa,
 y en esta alegoria peregrina;
 emblema me introduzen, de Sabina;
 yo soy aquella joya,
 que a España cantibò, y abrazò Tróya,
 ya Cleopatra, y Lucrecia, puze en echo
 el Aspid al brazo, y el puñal al pecho,

la vencedora soy de Hercules brava;
 por quien en faldelin mudò la clava.
 del nazareno fuerte, Sanson digo;
 or quien dio la fortaleza a su inimigo,
 soy en tanta porfia, *o foy en tanta*
 desvelo de Jacob; zelos de Lia: (tante;
 soy; quien solo aun mirar, vencio al inf-
 (al que sin lança derribò un gigante,
 de adonde ha rezultado, *O*
 aquel pequè: bien nunca decantado,
 o pues con ser esta, ò Lizes, que publico,
 y aun assi no me explico, ò mal me ex-
 plico; *o*
 un desayrè padesco, ò una guerra,
 que con todo mi ser và dando en tier-
 o como pensar podràs en tal desvelo; (ra:
 o q̄ haya quien por la tierra, prostre el
 o el Cielo, *o*
 y quando todos Diota me saludan; (dã:
 tres hombres que me faltan me cõfun-
 bien creerlo podias; se advertieres
 en el lance que oyeres, *o*
 que a quien todo lo quiere, poco valgo,
 todo le falta, si le falta algo.
 Pedro, dueño de Roma generoso,
 Antonio, de Tebaida Rey famoso:
 Estevan, de las Armas Dominante,
 de mi hermosura burlan el semblante:
 llevan-

llevandome estos tres, q̄ me han huido
mas que valen, quantos me han segui-
a Celia augusta uno y otro adora? (do,
del orbe todo la mayor señora,
en cuyas luzes, por tan altos fines,
no mariposas, arden Serafines:
a sus plantas llevando por despojos,
los que son matiposas de mis ojos:
y a su tequito influyen,
quantos a su obediencia de mi huyen:
dexando mi belleza en sus anelos,
con la mancha indecente de los zelos,
a Celia preferida,
yo dellos ultrajada: ella querida:
y si arguirlos (quando assi succede)
puede la imbidia, la rason no puede,
porque hede confessarte (aunque tan
vana),
que ella es deidad Divina, y yo humana,
mas con todo, no sufren mis enojos,
el aver, quien se livre de mis ojos:
ni templa mi sentido,
saber q̄ otros mejores se han rendido:
antes assi, crecieron mis desvelos:
que zelos con rason, son mas q̄ zelos,
no he de sufrir que al Sol, que en mi
retratan,
solo tres coraçoens no idolatran,
quan-

obquândo a sus luzes con adoraciones,
 -Indianas miro todas las naciones,
 -assi intenta mi brio, ~~...~~
 -arrastrar de los tres el aluidrio :
 -sin perdonar en este empeño loco,
 -possible alguno (pero digo poco)
 -pues por rendir sus seños invencibles,
 -hede pisar hasta a los impossibles,
 -y rezuelta a seguirlos,
 -hede buscarlos, he de perseguirlos :
 -ya en persona, ya en sombras, ya en
 -figura,
 -que en todo hede enseñarles ¡mi her-
 -mosura,
 -y al fin veran vencida su fiereza,
 -que es en vano el huir de la belleza.
 -Este es ò Lizes el cuida lo justo,
 -q̄ me altera el sosiego, y roba el gusto,
 -y en colores hermosas,
 -aviva brazas, y delmaya rozas.
 -esta la causa justa,
 -que viviendo Deidad; muger me asusta:
 -esta la dura quexa,
 -que siendo singular, comun me dexa;
 -esta mi rabia, mi dolor, mi furia;
 -mi pena; mi rencor; mi mal; mi injuria,
 -estos mis zelos, si (sin mas desvelos)
 -que adonde zelos ay; basta aver zelos.

Liz. De tu mal la calidad,

entendi por conjetura:

porque quien dixo hermozura,

tambien dixo vanidad,

que importa, siendo tan pocos;

tres hombres te ayan huido;

si tienes a tu partido,

un mundo todo de locos?

Sab. Y que à Alexandro importava,

(quando esse mundo rendio:)

el llorar; porque entendio:

que otro mundo le faltava,

pues assi yo, que mas alta

que esse Monarca a ser vengo?

no me alegra lo que tengo,

y lloro, lo que me falta.

Liz. El juizio a mi parecer:

(y no me causa estrañeza ;)

porque soberbia, y belleza;

paran en enloquecer,

mas que Joven es aquel,

que entra al jardin?

Sab. Le divizo,

para las fuentes, Narcizo,

para las rosas, clavel,

tan galan es: y otro viene

en su compañia.

Al. Aquí,
segun las señas que oye
mi vista a Sabina tiene.

Dr. Santiguare, antes que de hito,
la mires.

Al. Con que ocasion?

Dr. Porque es señor un Diabron,
en forma de un angelito.

Al. Aunque a sus ojos llegado,
miro a otros Divinos fines.

Sab. Quien sois vds? que a estos jardines
atrevido habeis entrado?

Al. Ha Celia; que no me asombra
este aparente farol:
pues la que piensa ser sol,
mirada contigo, es sombra,
soy señora un extranjero
(mejor digo peregrino)
que por los informes, vino
a buscaros: si grosero
os offendi, perdonad.

Sab. Piedad me deve el extraño.

Al. Tratado os he sin engaño.

Sab. Que notable ceguedad!

Liz. Retorica no ha estudiado
el hombre.

Dr. Si vas assi;

a palos te hechan de aqui.

Sab. Que informe de mi os han dado?

Al. Dixeron me (esta es la fama)
que vivia aqui una Dama,
de gran nobleza, y estado;
en cuyo valor podria
(fuera de mi patria) hallar
favor.

Sab. Que espera alcanzar
vuestra pretencion?

Al. Pedia,
un rincon en vuestra casa;
en quanto de mi destierro
dura el rigor; y no es yerro
pues vuestra sangre lo hara.

Sab. Me respondeis no doble,
antes que os desiera aqui,
y no os dixeron de mi,
mas que ser grande, y ser noble?

Al. Mas dirian; mas mi oido
lo que me importa escuchò.

Sab. Sin escucharlo, sé yo
que aun haria mas ruido.
que mi casa soberana,
mi belleza peregrina.

Al. Enseñado a la Divina;
no atiendo a belleza humana.

Sab. Que grossera necesidad!

aunque

aunque locura parece,
 quien mejor que yo merece
 el titulo de Deidad?

Al. La que mi fé no desdize.

Sab. Tu ignorancia es bien me assombre

Dr. Mi amo señora es hombre,
 que no sabe lo que dize.

Liz. Bien lo muestra en este rato,

Sab. Con mi respeto infiel.

Dr. Que no oy hazer caso del
 porque es !

Sab. Dilo,

Dr. Un insensato.

Sab. Con que aqui vos ; por aora
 quercis por cierta razon ;
 quedar? mas el coraçon
 dexais alla?

Al. Si señora.

Liz. Vè si lo quieres mas claro.

Sab. Pues yo (aunque tan dezatento)
 en mi casa un aposento
 os doy : que mi favor rato
 no se niega al peregrino
 mi nobleza he de enseñaros,
 mas el tiempo ha de mostraros
 no aver objecto tan digno,
 que se haga acordar , a quien
 queda a assistir a mis ojos.

Al. Perdonen vuestros enojos :
no haveis discursado bien.

Sab. Haveis llegado a izentaros :
mas no intentais despidiros.

Al. Tengo gusto de serviros ,
mas sin intencion de amaros ,
y por el favor que hazeis ,
rendido a vuestra piedad ;
las plantas os bezo.

Sab. Alçad :
que aun mui mal me conoceis ,
pero vuestra tema vana
cederà, que en esto estoy.

Al. Yo no soy diamante oy ,
para ser hombre mañana.

Sab. Pues el tiempo ha de mostrarte.

Al. El tiempo ha de responderme.

Sab. Que no ay verme sin quererme.

Al. Que puedo verte , y no amarle.

Sab. Tu porfia ha de ceder.

Al. Viva de quien amo el nombre.

Sab. Valgate el Cielo por hombre.

Al. Valgate Dios por muger. *Vanse.*

Liz. Tu tambien de malas hadas
andas como tu señor?

Dr. Y aun peor, porque al amor
doy cozes , y boferadas.

Liz. Dexasme en esta pelea ,

como el a Sabina iroza.

Dr. Si esso passò por la hermosa ,
que puede esperar la fea.

Liz. Ay del verguença tan rara,
fea, villano inimigo?

Dr. Como yo, que se lo digo.

Liz. Estas manos, esta cara :
que aun sin tener fé, menguado ;
sirve al gran Turco de Iman :

Dr. Si se llamò Soliman ,
yo lo creo de contado.

Liz. Sabes porque no es tu intento
rendirte a mi amor fiel ?

Dr. Porque !

Liz. Porque no es la miel
para boca del jumento.

Dr. Aunque el juizio me quitas ,
no harè por ti dezatinos ,
ni aun muy dotada.

Liz. Cochinos,
no son para margaritas.

Dr. Serè cochino ; mas ella
en mi pila no ha de entrar.

Liz. Dime villano sin pàr ;
aguardas mejor estrella ?

Dr. De mi fortuna fue gala ;
la dicha con que naci :
assi que no es para mi ,

tener estrella tan mala,
con que el tiempo ha de mostrarte.

Liz. El tiempo ha de responderte.

Dr. Que puedo verte, y molerte.

Liz. Que hede verte, y escalabrarte.

Dr. Arrebiente en su passion.

Liz. Me sorbo una, y otra basca.

Dr. Valgate Dios por tarasca.

Liz. Valgate Dios por Dragon.

Sale Celia, y Sabio.

Cel. Ya sabes como a honor

de sus empresas,

a executar partieron

sus finezas,

los quatro amantes

de mi luz hermosa:

yo me hallo dezeosa,

de mirar del amor estas batallas;

y pues sabio te hallas,

y en esta alegoria que apretentas,

a mi ciencia Diuina representas;

y nada se le esconde a su luz dina;

a los lexos me corre la cortina;

mueltrame luego aqui

los quatro amantes,

(aunque todos te miran tan distantes:)

veamos el exceso que los labra,

como dan cumplimiento

a su palabra.

Sabio. A tu voz no replico,
 y mi obediencia a tu importancia apli-
 tea Pedro el primero ;
 (quando por su valor nunca es postre
 ha del alto edificio, luzes bellas
 que calça flores, y se toca estrellas,
 de esse que tanto sube,
 que nace piedra, y se remata nube
 del que en tanto desvelo
 empieza en tierra, quando acaba en
 Cielo,

a mis ojos se muestre en tanta medra
 con Pedro aqui, que es su primera
 piedra.

*Descubre-se la forma de un edificio, como
 puerta de Iglesia, y Pedro a su pie in-
 mobile.*

Que a questo es tu edificio, lo confirme
 Pedro, que en su cimiento
 es piedra firme.

Cel. Marmol constante se halla
 en su fineza.
 Ya cumplio la palabra a mi belleza:
 y por mayor primor en su exercicio,
 de mi casa sustenta el edificio.

Dentro Sabina.
Sab. Pedro ; Pedro.

Sa. Esta voz es de Sabina,
que en su fineza quiere ser ruina.

Sab. Pedro; Pedro: responde en
a tu renombre; mira que no eres piedra, y eres hom-

Cel. Sordo; y mudo. se queda a su re-
clamo: verè se a mi responde; yo le llamo,
amame Pedro? piedra se a quedado?

Sa. El bolberà por si, mas han tocado.
Dentro Musica.

Mu. A la hermosura Divina
responde; aunque piedra elada,
que hasta una piedra responde,
quando la hermosura llama.
responde en tu calma,
que eres piedra; mas piedra con alma,

Cel. Amame Pedro?
Pe. Tu Deidad Divina,

bien sabes que te amo.
Cel. Peregrina:
transformacion!
a mi responde luego

Sa. Para Sabina es piedra,
y a ti fuego.

Sab. Hablame Pedro ami; serè tu escudo,
responde, que eres hombre!

Cel. Ya està mudo.

Sale Sabina.

Sab. Mira mi rostro bello ;
 ve mis ojos ,
 porque aunque piedra seas, tienes ojos,
 habla , piedra con lengua,
 en tal terneza ,
 tambien las piedras hablan :

Sa. Que entereza !

Cel. Amasme Pedro , dilo !

Ped. Tu señora ,
 bien sabes que te ama quien te adora.

Sab. Responde piedra dura :
 mira que quien te llama es la hermosa.

Cel. No responde !

Sa. Es piedra , y está constante :
 vuelva-se el edificio

al distante ,
 há del sangriento campo ;

há de sus balas ;
 trono de Marte ,

habitacion de Palás :
 há de la fuerte campaña ,

y sus horrores ;
 donde rebientan lanças

como flores :
 a mis ojos se muestre

en tanto anelo ,
 de lo lexos rompiendo

el basto velo,
 Estevan al instante ;
 blando Soldado si ;
 robusto amante.

Tocan caxas, y dizen dentro

Dent. Muera Estevan ,

Est. Tiranos :

aunque herido me veis ,
 a vuestras manos :
 la hermosura Divina ,
 confieso por Deidad ,
 unica , y trina.

Sale Est. Viva pues Celia hermosa ,

su honor defiende
 en esta lide furiosa ,
 aunque montes de azero
 me sigan a matar :

Cel. Fuerte guerrero!

Sa. Bien su fineza

en la ocasion severa ,
 le acredita fiel :

Dent. Estevan muera :

Sale Sab. Desvia-te a esta parte

valiente Adonis ; apazible Marte
 donde hallaràs mis armas a tu lado
 pues viene denodado ,
 un exercito todo en tu ruyna.

Est. Ya te conosco, y sé que eres Sabina

210 *Enganos do Bosque* ;
y ni tu favor quiero , ni tus armas
huirte si.

Sab. Tu mismo te defarmas ,
y en las manos daras de tu inimigo.

Est. Ya por huir de ti ,
mi riesgo figo.

Sab. Pues tu daras villano ,
en tal tibieza ,
con la muerte vengança ,
a mi belleza.

*Entra-se , y buel-ve-se a salir Estevan riñien-
do con otros , y tocan caxas.*

Dent. Muere , acaba infiel.

Est. Effeno no, quando muera por fiel,
pues por la fé
de la Deidad que figo ,
la sangre vierto, y el amor abrigo

Recogense riñiendo.

Cel. Caya herido en el suelo.

Sa. Su peligro no cueste tu desvelo ,
porque hade renacer en esta hazaña,
y buelba-se a su puesto la campaña ,
ha del paramo incierto ;
solitario lugar , yermo dezierto ,
incognitas esferas ,
donde vive el amor entre las fieras:
a mi imperio propicio ,
nos muestre aqui ,

de Antonio el exercicio.

*Descubrese un monte , y Antonio en el acos-
tado a un arbol.*

Ant. Hermosura Divina ;
Deidad suprema, Celia peregrina ;
en este yermo esquivo ,
muero de amor , y de memorias vivo:
contemplando tus gracias superiores,
en la hermosa prezencia de las flores
mirando tu pureza en las corrientes,
del cristalino objeto de las fuentes ,
tus graciosos desvios ,
en la fuga corriente de los rios :
tus musicas suaves ,
en la dulce armonia de las aves :
tu estable ser mi enseñas
en la dura firmeza de las peñas ,
a la esperança, con que me adelantas,
en lo verde de ojas, y de plantas:
con que en este retiro ,
te miro en todo , quando no te miro.
tan ufano te adoro ,
que altivo triunfo quando te adoro,
amote tan rendido,
que el ser tu esclavo es mi mayor par-
amo te tan constante , (tido,
que el diamante me embidia , mas
Diamante;

O. ii

y figo-

y figote tan fino ,
 que al girasol le dezo en el camino,
 aguila remontada ,
 tus luzes bebo , en ellas inflamado ;
 porque fue mi destino soberano ,
 Divino objeto para ser humano.

Dent. Music. Entre las fieras de un monte.

Antonio vive insensible ;
 si aquel que vive entre fieras ,
 se puede dizir que vive ,
 ay infelice ,
 de aquel que hombre nace ;
 y bruto vive.

Ant. Ay infelice :
 de aquel que hombre nace ,
 y bruto vive ,
 que voz es esta , que en distancia tãta ,
 me trata amarga quando dulce canta ?

Cel. De Sabina es la voz ,
 que solo intenta
 conduzirlos a si.

Sab. Accion violenta.

Mus. Es su palacio un dezierto ,
 donde como fiera gimc ;
 si habla ; el ecco le responde :
 si escucha , el viento le dize :
 ay infelice ,
 de aquel que nace hombre ,

y bruto vive.

Ant. Otra vez vuelves ò voz,
a turbar mi paz serena?

Sale Sabina.

Sab. Si otra vez, y otras muchas,
pues en tan porfiada tema;
bello garçon de las cortes,
te hazes fauno de las selvas,
buelbe Antonio a los poblados;
dexe, dexe tu inocencia;
lo irracional a los brutos;
lo incontrastable a las peñas;
no trüeque tu acción indigna,
(en esta inutil fineza)
el docil, por el peñasco;
el palacio, por las breñas:
mira generoso Joven,
(en esquivez tan grossera)
que ya se quexàn las Damas,
de lo que logran las fieras:

Ant. Quien eres muger? quien eres?
que en esta occulta aspereza,
con belleza peregrina
pareces flor estrangera?
quien eres tu, que prezente,
en esta ignota maleza;
el coraçon sobresaltas,
quando los ojos recreas;

quien

quien eres ? que en este yermo ;
 tan instantanea te muestras ;
 muy viviente para flor ,
 muy hermosa para fiera ;
 quien eres tu ? que tan sola
 discurriendo en esta esfera ,
 por lo solo , y por lo bello ,
 pareces unica perla ,
 quien eres ? digo , que ozas
 por estas opacas lendas ,
 sin remor a los peligros ,
 armada toda de flechas ,
 quien eres ? di , que al mirarte ,
 aun siendo a los ojos esta ,
 el coraçon se estremece ;
 el alma se desalienta ;
 la vista , quasi se ofusca ;
 las palabras titubean ;
 con que , si no eres peligro ,
 estàs de serlo muy cerca .

Sab. Sabina soy , que al informe
de tu accion .

Ant. Calla la lengua ,
que ni he de verte , ni oirte .

Sab. Has de oirme , aunque no quieras .

Ant. Para huir de tus encantos ;
alas me dé mi fineza .

Sab. Metiose por la espesura :

mas contra su ligereza ,
ay una inconstancia de hombre ,
que dará con el por tierra. *Vase*

Sabio Antonio ha vencido huyendo ,
como los demas.

Cel. En estas ocaziones , el que huye
es quien vence.

Sabio Assi lo prueban ,
ha del palacio soberbio ;
donde la mortal belleza ,
se finge Deidad mentida ;
naciendo flor verdadera ,
muestre a mi voz imperiosa ,
(y en la prezençia de Celia)
Alexo , y Sabina , uniendo
a los lexos con los cercas.

Sal Sabina , y Alexo.

Sab. Alexo cruel , inumano
villano ,

que en tanto desden ,
la hermosura maltratas , y tratas
de la aborrecer :

a mi casa llegaste , y inimigo
mendigo :

y as llegado a ser ,
tan señor , que del dueño , sin seño ;
ya señor te ves :

a mis ojos estas fementido ,

atrebido: y burlas mi fe!
 quien la beldad delprecia, que aprecia
 si el Cielo no es?
 a mi llanto de perlas precioso,
 alevoso,
 le dexas correr.
 quien las perlas no coje, ò recoje,
 insensible fue;
 a mis queexas resistes de azero,
 grossero,
 como puede ser?
 que teniendo de hombre el renõbre,
 qual piedra te estès?
 tan cruel que me quitas la vida,
 homicida;
 y tan cierto que;
 que no sé, si respiro, ò espiro,
 en tal padecer.

Al. Sabina: en vano procuras,
 con tus elegantes queexas;
 que sea culto a tus ojos;
 siendo de otro amor ofrenda:
 a la Divina hermosura
 (aqui bellissima Celia)
 adoro; y no es justo, que
 en mayoria tan cierta;
 de ver preferido el Cielo,

se pueda quejar la tierra.

Sab. Pues porque a mis ojos vives,
quando en los suyos te quemas?

Al. Por mostrar, que ni tus ojos
me olvidan de sus estrellas.

Sab. Y se mi llanto te busca?

Al. Echas a perder las perlas.

Sab. Ni mis suspiros te prenden?

Al. El ayre no dà cadenas.

Sab. Con que a Celia quieres?

Al. Si.

Cel. O que bien esto me suena.

Sab. No basta que en este alcazar,
há tantos dias me veas,
por las mañanas aurora,
por las tardes primavera:
no basta que a tu regalo,
te embie desde mi meza,
los banquetes de los Dioses,
en Ambrosias, y nectar?
no basta que a tu cortejo,
en atencion tan discreta,
tengas todo lo que valgo,
en todo lo que desprecias?
no basta:

Al. No basta no,
antes sobra a mi entereza,
tener el cuerpo asistido,

teniendo el alma violenta.

Sab. Dexame llorar mis males. *llora*

Al. Lagrimas ablandan peñas;
mas no a mi, que soy Alexo.

Cel. O que invencible firmeza!

Sab. Como villano atrevido
me assistes, y me desprecias?

Al. Como? desta accion
mi constancia se alimenta,
que te vea, y no te mire,
que te sirba, y no te crea,
que te oiga, y no te escuche,
que viva lexos, y cerca.

Sab. Yo vengaré mis injurias:

Al. Yo burlaré tus cautelas.

Sab. El Cielo me dè vengança.

Al. Deme el Cielo fortaleza. *vanse*

Sa. Qual de los quatro señora,
vence en la fineza oy?

Cel. No digo quien ha ganado:
mas Alexo no perdio,
y pues ya de sus finezas,
me han dado prueva el valor;
de ellas, cada qual defienda,
a cuya definicion,
los llame la voz suave,
y no el áspero atambor.

Musica. Al certamen, certamen de amor:
que

que a su primor,
la hermosura Divina,
luz peregrina,
te llama en rigor.

Al. Certamen, certamen de amor.

Van saliendo los Principes, Alexo, y Dragon.

Pe. Desta Musica atraydo,

Est. Llamado desta cancion.

An. Conduzido destes eccos.

Al. Obligado desta voz.

Todos Venga con alados passos.

Muz. y ellos. Al certamen, certamen de

Sa. A tus plantas, gran señora, (amor
adonde el Sol se humillò,
y para estar a tus pies,
aun es poco todo el Sol,
a tus ojos, donde el Cielo
sin tener de tu esplendor,
llenos de galas, y plumas,
adonde en mejor,
por clarantes, sus finezas,
por bri, su pundonor,
Ante, Pedro, y Estevan,
Principes que invictos son,
de todo el mundo objecto,
de todo el Orbe el honor,
triunfantes llegan, porque
en este certamen de oy,

hemos

hemos de ver que ha excedido
 su valor a su valor,
 con ellos Alexo viene;
 nada a su ser inferior,
 tan galan, que con Cupido,
 imbidia queda de un Dios.

Cel. Principes, Alexo illustre;
 porque ya sé que el blazon
 de tu sangre, en toda Europa
 a los ceptros no cedió:
 el certamen a que os llama,
 el problema es superior,
 de vuestras mismas finezas:
 y como mi estimacion,
 la dà el valor que merecen:
 quiero que en breve question
 sé jusgue aquí, qual ha sido
 entre finezas mayor:
 para que el laurel invicto
 del dichoso vencedor,
 sean mis nupcias, que assi
 en tan alto galardon;
 mi Deidad paga que solo
 es Deidad la que pagò.

Dr. Encomiendate a la classe
 de los Doctores.

Al. Dragon;
 quanto confio en mi fé,

desconfio

desconfio en mi valor.

Cel. No respondeis?

Tod. Gran Señora.

Ped. El que escucha.

Est. A quel que oyo.

Ant. Los posibles de tal dicha.

Al. La luz de tal possession.

Ped. Que mucho que absorto quede.

Est. Sin si.

Ant. Sin abla.

Al. Sin voz.

Cel. Esta bien : empiece Pedro.

Dr. Y sea breve el sermon.

Ped. Los tres, en tanto querer

con las finezas que hizieron;

a su ser no deshizieron;

y yo divize mi ser,

marmol fui, y es de creer

(cosa que jamas se oyo)

el mundo piedra me viò:

luego en tan constante medra;

hè hecho mas en ser piedra;

porque dexè de ser yo.

Est. El que fùe piedra en su intento,

huyendo fue del dolor,

y aquel que estima su amor

estima su lentimento,

pero yo que mi tormento

apreciè

apreciè mas que la vida ,
 en la ocasion offerecida ;
 he vencido a los tres fuerte :
 pues huy para la muerte ,
 por ser la mayor herida.

Ant. El que muere en su penar ;
 luego acaba de sentir :
 mas vivir , y no vivir :
 es mayor arte de amar ,
 yo que en dezierto lugar
 entre las fieras passé :
 no vivi , porque penè :
 y vivi , porque sentia :
 con que la corona es mia ,
 pues vida, y muerte traguè.

Al. Todos en tanto rigor,
 (los tres que me estais oyendo)
 al amor servis , huyendo
 a los peligros de amor ,
 mas yo con mayor valor ;
 mi fineza , y su firmeza ;
 assentè con entereza ,
 sobre el peligro que vi :
 y pues el riesgo venci ,
 esta es la mayor fineza.

Ped. El huir a los peligros
 no es desayre , es atencion :
 y en su amor , lleva muy poco

a aquel , que arriesga su amor.

Al. Siendo fé la confiança ;
y sospechoso el temor :
como tiene menos fé ,
el que en sí mas confió ?

Est. Buscar el riesgo , no es fé :
antes presumiendo estoy ,
que es bizzarria del genio ,
a hurto de la razon.

Al. El que con su razon mide
su affecto ; muy poco amò ,
que esto de arder con cordura
es prudencia , y no es ardor.

Ant. Amor , y razon unidos
están en el coraçon :
que el amor consigo lleva
la parte mas superior ,

Al. Amor es sola una essencia ,
que en sí no admite otra union :
y dexará amor de ser ,
si huviera en el mas que amor.

Ped. Mi fineza es la suprema.

Est. Mi exceso ha sido el mayor.

Ant. Mi hazaña ;

Al. Mi valor :

Cel. Basta ,

ya veo en vuestro calor

que ninguno ha de ceder :

y pues

y pues tan sublimes son
vuestras finezas ; las mismas
hablaran por su valor :
sin que vòs las diffinaes ,
de-se un juez , sin question
que recto las sentencee.

Todos. El juez solo sois vòs.

Cel. No lo aceto ; que no quiero
en tan fuerte lance oy ;
que lo que fuere justicia ,
se sospeche inclinacion.

Ped. Pues quien el juez será ?

Est. Quien ha de juzgarlo ?

Sale el Amor coronado de laurel.

Am. Yo ,

porque solo el Amor puede
dar sentencia en el amor ,

Ped. Vengais soberano Rey.

Est. Llegueis ò clemente Dios.

Ant. A nombrar nuestra fortuna.

Al. A partir nuestra question.

Dr. Basta que el amor es hombre
como los mas :

Al. Tu aprehension ,
que era ?

Dr. Un compuesto , no de uno , mas de
porque buela , y porque traga ; { dos :
medio ave , medio leon :

y por

y por divino, y humano,
medio hombre, y medio Dios.

Am. Princesa ilustre;

muy poca

queda vñestra obligacion

a estos amantes; pues veo

en sus finezas, que son

mucho, para ser por ellos;

poco para ser por vòs.

Cel. A lo menos ya de duda

me escuzais en esta accion:

pues vòs el juez supremo,

en ella estais.

Am. Justo soy.

Cel. Sabed que:

Am. No me informeis

en ello prezente estoy,

pues por mi mente Divina,

todo el lucesso passò.

Ped. Amante Dios.

Est. Numen bello:

piedad.

Ped. Justicia.

Ant. y Al. Favor.

Ped. Yo fui piedra.

Est. Yo fui victimá.

Ant. Yo fui fiera.

Al. Yo fui yo.

Dr. Yo fuy Dragon, y venci:
que a todo traga un Dragon.

Am. Levantad invictos hombres,
y locegad, que en tal don,
aunque uno lleve el laurel;
a todos queda el valor,
yo las finezas juzguè,
con justicia, y distincion;
no con [el juicio de hombre,
mas con el pezo de Dios;
ya la sentencia pronuncio,
recto, justo, en mi opinion,
la final: porque de mi
no ay apelar, ni a otro yo:

Mus. La fineza mayor,
es buscar los peligros amor:
porque no vence, el que vence,
sin tener oposicion.

Am. Esta voz de mi influyda
la sentencia pronuncio,
con que de Alexo es el lauro:
pues en tan costosa accion,
el que es dueño del peligro,
queda dueño del amor.

Dentro caxas, y voces.

Viva Alexo, Alexo viva,
de finezas triunfador.

Mus. Porque no vence, el que vence,
fin

sin tener oposicion.

Sab. Cierro , que aqui la fortuna
lince , que no ciega , andò ,
Pedro no lleve la palma ,
no lleve Antonio
El blazon ,
Estevan no lleve el vitor ,
en este dia de oy ,
porque no vence , el que vence ,
sin tener oposicion .

Cel. Que bien esta voz me suena ;
porque açà en mi coraçon ;
lo nuevo desta fineza
mi cariño arrebatò .

Dr. Vitor , vitor ; que mi amo
la polla le llevò .

Al. No sé amor , no sé Princeza ;
(en gloria tan superior)
por qual de los dos empiece ,
a rendir mi obligacion .

Am. A mi no : porque fue deuda .

Cel. No a mi ; que amor lo julgò .

Dr. A mi si que a Dios roguè :
aunque humilde peccador .

Ped. La dicha há sido de Alexo .

Est. Secretos son del amor .

Ant. Es Dios , y no ay que arguirlo .

Al. Prostrado , humilde , a los dos ;

a cada uno partido,
 rindo entero el coraçon.

Am. Levanta ilustre Romano,
 por quien Roma en tal blazon,
 (aun mas que por sus victorias)
 del mundo señora es oy:
 pues por tu hazaña hà olvidado,
 que fue de esfera mayor
 el triunfo; que a tantos hijos
 por sus calles passeio;
 aqui te doy de mi mano,
 la mas alta possession
 en la hermosura Divina,
 a Celia hermosa te doy,
 de mi esfera mejor luz:
 de mi jardin mejor flor:
 de mi arco mejor facta;
 mejor flecha de mi arpon;
 para que en Talamo puro,
 para que en dichosa union
 logrés; en ser de un hombre;
 toda la dicha de un Dios.

Al. Son los terminos humanos
 tan cortos; que no ay razon
 con que me pueda explicar,
 en tal lance.

Cel. A tu valor
 esta fortuna corona,

tan singular galardón
si ha sido para alcançado;
para merecido. no.

Am. Principes; vuestras finezas,
con que mi laurel creció,
muy en mi mente las tengo.

Cel. Y en mi Corte adonde voy
hallaran vuestros servicios,
digno premio a su primor;

Ped. Adonde vòs sois juez;
no ay queixa.

Los 2. Ni disabor.

Sab. De vuestra nobleza es deuda
esta paz.

Ped. Por todos yo
doy el parabien a Alexo.

Al. O Principes, vuestro soy:

Dr. Yo nõ, que quiero ser mio:

Am. Justamente en este honor,
la en ora buena le dais;
porque corriendo veloz,
el velo a la alegoria;
Alexo, ha vencido oy
al Apostol en la fé:
al Martyr en el valor:
al Confessor en el zelo;
assi se representò
en Pedro, Estevan, y Antonio :

y en sombras do mesmo son
como aqui Sabio os enséñan
ya en luzes, y ya en borron:
esta culta alegoria,

(qual es la mayor fineza)

os dize: y dando el perdon
a la autora de sus yerros;

buelva el belico atambor
(de las voces affistido)

diziendo en aclamacion,
Caxas, y voces.

Viva Alexo, Alexo viva:
de finezas triunfador.

Cel. Y la musica repita
en consonancia mejor:

Mus. La fineza mayor;
es buscar los peligros amor,
porque no vence, el que vence;
sin tener oposicion.

ALE-

ALEGORIA POETICA

A

S. ALEXO,

INTITULADA

LAS LAGRIMAS DE ROMA.

Personas que hablan en ella.

<i>Jerusalen Princesa.</i>		<i>Cezar Cavallero.</i>
<i>Roma Princesa.</i>		<i>Marco Gracioso.</i>
<i>Alexo Cavallero.</i>		<i>Un Soldado.</i>
<i>Constantino Cavall.</i>		<i>Musicos.</i>

Dentro Vozes , y Caxas , y a otro lado Musica , y Instrumentos : salen Constantino , y Cezar , y Roma de luto con baston , y corona de laurel.

Vozes. **V**iva Roma.

Music. Roma viva.

Vozes. Triunfe altiva.

Music. Reyne fiel.

Vozes. Vença brava.

Music. Cante dulce.

Funt. Que todo el Orbe ciñe
en su laurel.

Rom. Callad el marcial aplauso

la sonora salva que
 à vista de mis ultrajes
 no me suena mi poder
 porque este luto que arrastro,
 este semblante que veis,
 no son insignias de un triunfo,
 señales son de un desden:
 laurel baxad, que no es justo
 que mis sienes coroneis

Arroja la corona.

quando la suerte de oy
 olvida el triunfo de ayer
 baston cortado en pedaços,
 quedad, pues que no podeis, *arrojale.*
 con todas vuestras vitorias
 recuperar mi plazer.

Const. Roma hermosa.

Cez. Roma augusta.

Const. Quien ha trocado esta vez
 por las sombras de esta noche
 tu Aurora de rosicler?
 tu de luto?

Cez. Tu agraviada?

quando en vinculado ser
 desde el Tiber hasta el Indo
 besa tu sagrado pie.

Const. No eres tu la que triunfante
 sin socobra; sin baiben,

desde

desde el Europa hasta el Asia
dilataste tu poder?

Cez. No eres tu, la que señora
de quanto los ojos ven,
todo el mar será tu espejo,
todo el mundo tu vergel?

Const. No sabes que el ecco bravo
de tu trompeta fiel
hizo al politico huir,
y al barbaro estremecer?

Cez. No sabes que de tus caxas
al roido, si se cre,
los mismos exes temblaron,
y estuvo el Cielo a caer?

Const. A tus Aguilas soberbias
no ves ò Róma, no ves
sobre los illustres, sobir,
y hazia los septros decer?
pues si esto es allí señora.

Cez. Si esto ò Reina verdad es,
que te falta?

Const. Que te aflige?

Cez. Que en tan nuevo proceder.

Const. En tus insignias arrastras
de todo el mundo el laurel?

Rom. Primero que a responderos
me obligue; dizirme aveis,
que es lo que merece un hombre,

que

234 *Engaños do Bosque,*

que huye de una muger,
que le ama?

Const. Y quien ha sido
aquel barbaro sin ley,
que huye el amor de quien tantos
adoran hasta el desden?

Cez. Quien el billano grossero,
que pudo ultrajar sin fé
el lexo, que tantas vezes
tuvo el amor a sus pies?

Const. Quien en una dama huye
rustico, indocil, cruel
la belleza de la rosa
que tan celebrada es?

Cez. Quien al amor tan ingrato
tan desconocido fue
que paga con un puñal
adonde deve un qnerer?
que vive Dios!

Const. Vive el Cielo
si lo llego a conocer!

Cez. Que por mas duro que sea,

Const. Por mas de azero que esté,

Cez. He de embainar en su pecho
mi espada.

Const. He de verter la sangre
hasta que sus venas,
el ultimo licor den.

Los 2. Que esto, y mucho mas merece
el que huye de una muger.

Rom. El comprehendido es Alexo.

Conf. Pues muera.

Sez. Muera *empuñan*

Rom. Tened.

no le mateis, ay de mi
porque me matais en el.

su nombre os é manifesto,
en lance tal attended

no para que le offendaes
mas para que le busqueis.

Alexo aquel joven bello
que en aquesta Corte fue

cuidado de tanta Roza
zelos de tanto clável:

aquel que sabio, y galan
juntar supo de una vez

las dulçuras del oir
con las delicias del ver:

aquel de cuyas virtudes
si referirlas quereis,

toda Roma es poca pluma,
Italia corto papel:

a Alexo digo el Romano
a este amè como sabeis

que siendo el sogeto tal
y mi decoro fiel

ni para el Cielo es agravio,
 ni para el setro es deíden,
 antes como, a la razon
 la voluntad acosté
 cosa tan poco encontrada
 saber sin cegar querer
 entre todos mis trofeos
 el rendimiento conté
 amando al merecimiento
 vivo izenta de otra ley
 que lo mas es querer mal
 esto se lo es querer bien
 mi destino es su virtud,
 mi estrella su proceder,
 mi cadena su valor,
 su entendimiento mi red:
 Sabina, y Roma le amo,
 porque en esta idea es
 Sabina, y Roma lo mismo
 correspondiendo el cortez
 a mi afecto para esposo
 humana le destinè,
 y lohize anunciar ò Cielos
 se aqui alabàra el papel
 de mi relacion, ò si
 al repetirla fiel
 su istoria, y mi vida aun punto
 fenecieran de una vèz.

al tiempo pues que esperaba
que Alexo fino a merced
tan alta correspondiese
su esclavitud a mis pies,
desapareciò de Roma
sin que se sepa el porque:
quando el ignorar mi agravio
mi mayor agravio es:
los excessos en su busca
no me an valido, bolbed
los dos a salir de Roma
puesto que oy llegado aveis
de dilatar mis trofeos:
bolbed en su busca, y ved
en el llanto de sus padres
el claro Tiber crecer,
las flores mustias, y tristes
en uno, y otro Vergel;
la nobleza con la plebe
comò sin luz, y sin bien
la brava Roma llorando
ayer Palas, oy muger.

Conf. Señora vuestro dolor,
que a quexa passe no sé,
que Alexo es tan Caballero,
tan Principe, tan fiel,
que no es posible auzentarse
sin causa, le buscarè,

y quan-

y quando mi opinion mienta ;
 y vuestro agravio vengare
 con su muerte
Cez. Si mi azero os diere lugar.

Rom. Tened
 no le mateis, ay de mi!
 porque me mataes en el.

Los dos Es lo que merece un hombre,
 que huye de una muger
 como vosotros

Tocan dentro.

Rom. Mas que rumor!

Cez. Un atambor viene a ser,
 que echa bando

Rom. A no ser yo,
 quien tan atrevido es
 que oze echar bando en mi Corte.

Const. El te llega a responder.

Sale el Soldado, y tocando dize a voz de
pregon.

oyd, escuchad, attended

el mandato de amor,

que es Dios, y Rey

contra el hombre que huye

de una muger

al edon al edon

oyd, attended:

manda que desterrado

de su Patria, su casa, y vergel
por las tierras ajenas
se trage la hambre
se sufra la sed
no le conofcan sus padres, ni amigos
llegandole a ver,
porque es bien conocido no sea
el que ingrato es:
sus fiervos le baldonen
con afrentas, injurias, desdeñ
no dè piedad ninguna
al que hasta con su esposa fue cruel.
mirarà las quebrantos de Roma
por mas padecer,
y aunque facil pudiera valerle,
no podra valer,
oyd, attended
al decreto de amor
que es Dios, y Rey
contra el hombre que huye
de una muger :
oyd, attended. *vase*

Rom. Pues amor le castigò
culpado, ay del, ay de mil
de mi porque le perdi,
y del, porque me perdio
contodo: vuestro valor
le siga firme, y ozado

porque a pesar de su hado
ha de buscarle mi amor.

Const. Y al hallarle siendo cierto
su delito en lance esquivo.

Rom. Me le aveis de traer vivo,
que no quiero verle muerto.

Cez. Dê amor llega a castigarle
el decreto en tal rigor.

Conf. Ay de aquel que contra amor
delinque que à de pagarla
Sale Alexo , y Marco de peregrinos.

Alex. Que hermosa que recreo
mi vista esta selva bella,
cada flor es una estrella.

Marc. Las èstrellas miro yo,
mas son las de medio dia.

Alex. Las aves en cantilenas
divierten sentidas penas.

Marc. Antes que a su melodia,
yo las miràra cozer
en la olla.

Alex. Necio, alientas,

Marc. Mas necio eres tu que intentas
poder vivir sin comer.

Alex. Si por amor peregrino
que me alimentan veran.

Marc. Y tambien entenderan
que amor nõ dà pan , ni vino

Desenganos do Rio. | 241

Alex. Amor con su esclavo
mete en la adega el amante.

Marc. Siendo a si de oi en delante,
yo soy del amor el clavo

Alex. Entrañe la pena mia
en ti Marco essa dolencia
pues quando peno de ausencia,
penas tu de grosseria,
quien curará mi dolor?

Sale Jerusalem con un volante en el rostro,
quien curará mi dolor?

Cant. Jer. Amor.

Alex. Quien me dará tal belleza?

Cant. Jer. Fineza.

Alex. Quien me enseñará el camino?

Cant. Jer. Destino.

Alex. Ya dichoso me adivino,
pues contra tanto rigor
estoy viendo en mi favor
amor, fineza, destino,
quien eres dulce desbello?

Cant. Jer. Cielo.

Alex. Como es tu nombre en verdad?

Cant. Jer. Decidad.

Alex. Sepa tu esfera enprovilo.

Cant. Jer. Paraizo.

Alex. No en vano mi anelo quiso
averiguar la verdad,

pues se encierra en tu beldad
Cielo, deidad, paraizo.

Marc. Quien serà que tanto ayulta
esta luz en noche escura?

Alex. Aparte de tu hermosura
esta nube que la occulta.

*Và a quitarle el velo , y retirase
cantando.*

Fer. De tu intento liviano
te aparta ò peregrino,
que no es rostro divino
para vista de humano.

Alex. Que cruel llegais a estar
para mi vista esta vez?

Jer. Ereis atrebido pues
tanta luz ozais mirar.

Marc. La hambre siempre à dexado
intervalos al sentido,

Jer. Antes essa al entendido
le ha dexado mas delgado.

Marc. Malo ! entendido los quiere,
y no harto.

Alex. Con razon
me admiras muger !

Marc. Vizion
parece a lo que se infiere.

Alex. Deidad que admirando vas
por estos campos amenos

si como ninfa , ella es menos
si como flor , tu eres mas,
pues que profetiza rara
estas contra mi deldicha
quando me anuncias la dicha
porque me occultas la cara?
porque nube en caso tal
dime oraculo divino?

Jer. Porque estas muy peregrino

Marc. Y ella muy desnatural

Jer. Mi beldad , que assi lo veo,

no es tiempo que averigüeis

algun dia la vereis,

antes oyros de zeo

vuestra peregrinacion

adonde se ha destinado.

Al. A buscar quien sin cuidado

me ha robado el coraçon.

Jer. Aclarad vuestro conceto,

que me importa oirle bien.

Al. A mi me importa tambien

no revelar el secreto.

Jer. Bien podeis fiarme aqui

vuestro secreto escondido,

que no os ha de ser vertido

Al. Mi secreto para mi.

Jer. Ya me llegais a offender.

Marc. Con tanta curiosidad

pensava que ereis deidad,
mas ya se que ereis muger.

Jer. Mano, y palabra en verdad
os doy de callar no en vano.

Al. Yo os tomo palabra, y mano

Jer. Dizid pues.

Al. Pues escuchad.

En la cabeça del mundo
del orbe laurel, y espada
Corte adonde beza el pie
la purpura a la Tiara,
emporio a quien el Tibe,
que sus altos muros baña
ò cinta que los guarnece,
ò elpejo que los retrata:
Romano, y noble he nacido
de soberbio tronco rama
grande, y ya para ser grande,
el lex Romano me basta,
Aglaes, y Eufeminiano
me dieron su sangre clara,
cuyo lustre a las estrellas
compite, si no avanta:
Alexo es mi proprio nombre
cuya interpretacion car-
auzencia dize, y ha sido
vaticinio que a mi patria
hize al nacer, quando de ella

divino influxo me aparta:
crieme amado de Roma
la Princeza soberana
de las gentes , cuyos triunfos
cuyos lauros , cuyas palmas
en el teatro del mundo
fueron assunto, no farça:
en este de amor trofeo ,
me portè con tal templança ,
que la amè como Señora ,
y no la amè como dama,
porque acá en mi coraçon
vivía una occulta causa ,
que sin mirarla, ni oirla,
era entre confusion tanta,
estrangerá a los sentidos ,
siendo natural al alma:
dizíame el pensamiento,
ves esta Roma gallarda ,
ves esse compuesto hermoso
de belleza, brio, y gracias ,
de tantas coronas dueño ,
de tantos Reynos Monarca,
laurel de tantas vitorias,
destroço de tantas armas?
essa que hermosa , baliente
le mira en accion contraria
en el espejo del Tiber

Venus fuerte, Palas blanda:
pues con todo esso, ay
otra Corte, digo dama
mas hermosa, mas Señora
mas soberana, mas alta,
mas sublime, mas triunfante
pues la triunfante se llama,
que excede sin duda a Roma
lo que va de plomo a plata,
lo que va de flor a estrella,
lo que va de cuerpo a alma,
lo que va de tierra a Cielo,
que hasta aqui nõ he dicho nada.
Esta aprehension generosa
en mi pecho fomentava
un calor, que occulto ardia
unas escondidas asquos
entre compuestas cenizas,
bien como el Etna disfraça
que primero enseña nieve,
y despues vomita llamas:
assi para mayor gloria,
cierta deidad me enseñavan
unos divinos escuros
ni bien luzes, ni bien brazas:
quando en este tiempo un Juan
valido del gran Monarca
que sobre Roma domina

no digo mas , esto basta,
que en dizir que manda a Roma,
digo que todo abafalla,
me diò un retrato, y me dixo
esta es la divina Infanta
Jerusalen celestial
hija de mi Rey , ò quanta
admiracion a mi idea
cauzò beldad tan estraña!
vila perla , y no era perla,
esmeralda , no esmeralda,
vila oro , es mas preciosa,
vila diamante, mas rara,
vila safira , es mas Cielo,
vila chrital, es mas clara,
que serà yo me dizia
belleza tan soberana,
que siendo todo lo bueno,
sobre todo esso se exalta
quando David me responde
no procure tu ignorancia
alcançarlo antes de verla,
pues su hermosura es tan alta,
es su beldade tan divina ,
que llegando a retratarla,
todo hombre miente hasta Juan,
que Evangelista se llama,
por su verdad , hasta el digo

miente quando de ella habla, y
 por ser sobre todo quanto
 puede dizirse; ya el alma
 a este retrato, a este informe
 era un vezubio de llamas
 que rompiendo tibia nieve,
 su misma essencia abrazava.
 Enamorado del Cielo,
 que en Jerusalen estava
 a Roma aborreci, que es
 para quien muda de dama
 primer passo aborrecerla
 siendo el segundo dexarla:
 luego peregrino huy
 de mis padres, dama, y patria,
 porque quien no dexa todo,
 pienso que no dexa nada:
 corri veloz alexarme,
 y sin duda me anegara
 a no ser assi, porque
 me seguia en pena tanta
 un mar de llanto, que al viento
 de sospiros que arrojavan
 de ayre blando, y llanto tierno
 hazian tormenta braba
 encamineme ala Corte
 del gran Rey, a cuya amada

hija, dizia mi afecto
entre soledades, y ansias:
dime divino portento
en esta cara distancia
si de tan lexos te miro
como tan cerca me matas?
si una pintura, un bosquejo
tuyo qual flecha me passa
dime que haràs con las luzes,
si con las sombras me abrazas?
llegue el dia en que te mire
en esse Celeste alcaçar:
mas oy que aun que sea el de hoy
moriré de lo que tarda;
no es justo que mas te espere
porque temo que en tal causa
como a otros el dezengañio
me mate a mi la esperança;
míreme a tu vista yá,
y tenga tu esfera rara
si en ti un prodigio de luzes;
en mi un portento de llamas.
Assi la dizia, quando
mis passos endereçava
a la Cotte de su padre
passando en esta jornada
vartos climas, conculcando
por entre rosas, y çarças

ya lisonjas a los ojos,
 ya rigores a la planta,
 assi hirè astà que llegue
 a la soberana estancia
 de su deidad, que la juzgo
 tan alta, tan remontada,
 tan augusta, tan sublime
 que era imposible intentarla
 a nò esperar que el amor,
 propicio con los que ama,
 despues de darme sus flechàs
 nò me retire sus alas.
 Esta ha sido ilustre dea
 egnima desta montaña
 emblema destes deziertos
 la peregrinacion vaga
 en que me allais, y assi hirè
 hasta que el cielo a mis ancias
 rompa el velo, que interpone
 entre mi vida, y mi alma.

Mar. Mi amo, y los papagayos
 si menos comen, mas hablan.

Jer. Con atencion os oyo,
 y pensareis que admirada
 me tiene vuestra fineza,
 y es al revez, que por dama
 tan sublime, tan augusta
 aun mucho que hazer os falta

para que podaes quedar
digno objecto de sus plantas.

Al. Pues mi patria no dexè?

Jer. Nò dexastes vuestra patria;
que uno no es de donde nace,
solo es de donde ama.

Al. A mis padres no olvidè?

Jer. No ay padre donde ay amada.

Al. Tanto fausto , tanto honor
no he dexado de mi casa?

Jer. Honor , y fausto son ayre ,
y el ayre a prender no basta.

Al. De Roma a los desposorios ?
no he buuelto fiel las espaldas?

Jer. Y si vos no la querieis
que hizistes pues en dexarla?

Mar. De aquel que su galan fuere
que querrà aquesta fantafina :

Al. Y el dolor de imaginar
de mi esposa , padres , patria
tanta lagrima vertida
derramada por mi causa
no es sacrificio?

Jer. Nò Alexo
que lagrimas no quebrantan
de tan lexos, vos cobarde
hurtais al dolor la cara
quando mirar esse llanto ,

y rezistirlo, le falta
 a vuestra fineza, assi
 no queda plena su hazaña,
 que quien no sufre, no vence,
 y quien no vence, no alcança:
 bolbed a mirar el llanto
 que contra vos se derrama
 quiebre en vuestro pecho el golpe
 que embota en vuestras espaldas.

Al. Y si me conoce Roma?

Jer. No ha de conoceros hasta
 que lo diga porque amor
 esto en su decreto passa:
 assi presente estareis,
 y ignorado; luego vaya
 vuestro valor a traerme
 essas perlas derramadas,
 y pues que Roma las llora,
 bolbed a Roma a buscarlas,
 que las quiero para hazer
 una suprema grinalda,
 y las doze que me adornan,
 no me daran gloria tanta.

Al. Quien sois vos, que mandais tanto?

Jer. Yo soy quien todo lo manda

Jeruzalen celestial

hija del grande Monarcha

Al. Aguarda divino assombro. *va a irse*
 de

de mis altas esperanças,
espera

Jer. Nò , nò me figas,

Nò es tiempo de ver mi cara,
en Roma te bufcarè

que è baxado de mi alcaçar

folo a ablar-te al coraçon,

no passes de aqui

vase

Al. O' cara

obediencia, pues me obligas

a cortar de amor las alas!

Mar. En las del viento bolò,

y si una liebre encontraras,

no la vieras mas ligera.

Al. Bolbamos pues a mi patria

a dar alma a sus precetos,

pues es tuya toda el alma.

Mar. Al fin de los años mil

se dezandaràn las aguas:

valgate Dios por deidad

si no eres mari de manta.

Vanse , y sale Roma passeando , y cantando

Rom. El buelo despedido

que mi dolor repara

pàra pàra.

allevo a mi gemido

que al oir mi tormento

se yela el Sol , arde el ayre

pàra

para el viento
 mis ojos a buscarte
 despiden su corriente
 tente tente
 que puedes anegarte
 porque mi llanto fragoa
 viendo de ay, mar de fuego
 monte de agua
 muda tu pecho elado
 alo que amor lospira
 mira mira
 que todo se ha mudado
 fe a mi dolor le enseña
 firme flor, blanda roca,
 tierna peña
 buelbe Alexo tirano,
 ò mi muerte refuelbe
 buelbe buelbe
 a mi dolor humano
 pues dexas en tu huida
 ciega fe, viva parca,
 muerta vida
 porfia tu dureza
 en esta auzencia grave
 fabe fabe
 que tan fiera estrañeza
 oy, siente, murmura
 mudo amor, sordo escollo

pedra dura

a las luzes mas puras

quando de huyrme tratas

matas matas

todo dexas a escuras

dexando en este buelo

nube el Sol, noche el dia,

sombra el Cielo,

tu coraçon el quivo

el amor sin que estudie

mude mude

que puede hazer altivo

en su encanto no floxo

campo azul, Cielo verde

jasmin roxo

mas ay que a amor burlado

en han tus iras constantes

antes antes

que tu pecho mudado

verè en este oriente

fiera dulce, ave queda,

movil monte

aprifionese layoz

que metricas consonancias

son señales de quien vive,

no indicios de quien acaba,

dime adonde estas Alexo

si has de venir a que aguardas

a verme morir , yà muero
 fea que muera , estoy sin alma:
 buelbe buelbe , mas en vano
 te llamo aun sin la distancia
 que no es sordo el que está ausente
 solo es sordo el que no ama

Salé Alexo

Al. Ya llego a vista de Roma
 donde de amor la batalla
 me ha de dar el mayor triunfo
 que ya mas vieron sus plaças
 el cansancio , y sed me afligen,
 ay quien compassiva, y grata
 un bucaro de agoa de
 a un peregrino ,

Rom. Demandas,
 lo que allaràs en mis ojos
 porque dòn fuentes derraman

Al. Valgame el Cielo! esta es Roma!
 dissimule mi importancia
 que estas las perlas que busco
 son para sacrificarlas
 a la Deidad , cuyo imperio,
 hasta la piedad atrastra.
 Muy liberal dama hermosa
 os miro aqui quando grata
 me daiş dòn fuentes de perlas
 pidiendo un bucaro de agoa,

però

però si bien considero ,
 aun despues de gloria tanta,
 yo me quiziera sediento,
 por nõ veros contristada ,
 mas porque tanto dolor
 no olvidaes?

Rom. Amor le causa ,
 y segun dize el adagio ;
 mal olvida quien bien ama.

Al. Si lloraes ingratitudes.

Rom. Eſſo lloro.

Al. Pues dezaga ,
 la piedra de la crueldad ,
 la piedra de la inconstancia.

Rom. Ay que una auzencia padefco
 tambien , y es de mayor ancia,
 que una esquivez padecida ,
 una auzencia tolerada ,
 imposible es a mis ojos ,
 aquel por quien vieron , basta
 porque adonde sobra el llanto ;
 luego las razones faltan.

Cantan dentro.

llorava la braba Roma ,
 de Alexo la auzencia estraña,
 que ya se precia de tierna
 la que presumiò de braba,

258 *Enganos do Bosque;*

y su llanto sus armas ablanda.

Rom. Ya la musica ós ha dicho, no
lo que mi altivez recata,
que no ha de callar la voz,
adonde las piedras hablan.

Al. Si hablaran dixeran que.

Rom. Dixeran que? que se partan,
que como ay almas de piedra,
ay tambien piedras con alma,
y llegando a mi dolor
su naturaleza pasan.

Al. Gran Señora el olvidarlo
os es aqui de importancia.

Rom. Ay Alexó como me yerés. *llora.*

Al. Ha pechó como te ablandas? *llora,*
que compassioni!

Rom. Que pezar!

Al. Que terneza!

Rom. Que delgracia!

Mus. El fuerte Romano llora
viendo que Roma llorava.

porque es hombre en el dolor
aunque piedra en la constancia,

llorava.
y su llanto sus armas ablanda.

Al. Admirado estoy Señora,
viendo en vuestras perlas caras,
que tan tiernamente llora,

127

quien

quien tan duramente mata.

La triunfadora del orbe

haveis sido, solo os falta,

de vos misma el vencimiento,

intentad aquesta hazaña,

que es mas venceros a vos,

que vencer a todo el mapa.

Rom. A estar capaz de consejo,

de vòs solo lo tomara,

y mas quando en vuestros ojos,

veyo que mi pena amarga,

acompañais compassivo,

mas ay que en terneza tanta

no es mucho que llore un hombre

adonde una pena ablanda,

en mi palacio os quedad,

hasta que profuga vaga

vuestra peregrinacion,

que no sé que en vòs se halla,

que hazeis mas blanda herida,

quando no curais la llaga:

y pues agoa me pedisteis,

en esta texida olanda,

en bucaro de asucenas,

os ofresco un mar de agoa,

tomad en mi lienço el llanto,

que quiero ofreceros magna

pedaços del coraçon.

no se porque occulta caula,
 porque la razon la duda
 quando la conoce el alma.

Al. Mil vezes quedo deudor
 a vuestra accion soberana,
 pues la entrega que me hazeis,
 es de tan grande sustancia,
 que un sur de perlas en ella
 es lo que menos se halla :
 a descansar de mi afan
 en vuestra augusta morada,
 me quedare.

Rom. Soy contenta
 de que os abrigue mi casa,
 entrad pues.

Al. Ya llevo amor,
 por sacrificio a tus aras,
 estas perlas que a mis ojos,
 o se afinan, o se esmaltan,
 por ellas he buuelto a Roma
 era precizo llevarlas. *Vase.*

Rom. No se que este hombre se tiene,
 que mas me enternece el alma. *Vase.*

Salé Marco.

Marc. Aunque mi Señor lo siente,
 entro en Roma denodado,
 que no fuera yo Criado
 si fuera mas obediente,

mandò por mas se esconder ,
que en Roma no andasse vago ,
mas yo quando sirvo , hago
jura de no obedecer ,
no oygo que Roma le cobre ,
ferà que en tanto ruido ,
lo dexò por escondido ,
o le perdonò por pobre ,
es un loco , y lo parece
en dexar tal occasion ,
todo por una vizion
que habla , y desaparece ,
una fantasma , o encanto ,
que le manda si se tema ,
que vaya de Edessia a Roma
para que le traiga llanto ,
como quien perlas le pide ,
y el lo caso sin mas ver
echando luego a correr
de todo mas se despide.

Sale Cezar.

Cez. No es possible hallar de Alexo
nueva alguna que me importe ,
assi me buelbo a la Corte ,
mas el que en sus puertas dexo ;
no es Marco de Alexo si
Criado.

Marc. Hame reparado.

Cez.

Cez. No fois de Alexo Criado?

Marc. Yo jamas le conoci.

Cez. Essa repuesta, o su gala,
pagareis a vuestra cuesta.

Marc. Si San Pedro esta repuesta
diò, como puede ser mala?

Cez. Dexad locuras que aqui
de Alexo haveis de informar.

Marc. Desde que le di a criar,
Señor Cezar no le vi.

Cez. Pues muera, y sepa el palacio,
lo que a sua muerte me atiça.

Marc. Señor no me dè tal prissa,
que quiero morir de espacio.

Cez. O me hasde hablar, o si mientes,
la muerte en mi azero vè.

Marc. Dexe primero que dè,
luto a todos mis parientes.

Cez. O de Alexo hasde dizir,
o el pecho te hede clavar.

Marc. Ostèd no puede matar,
a quien nõ quiere morir,
mas ya digo lo que inquiere.

Cez. Donde està Alexo? responde.

Marc. Digo que Alexo està.

Cez. Donde?

Marc. Estarà donde el quisiere.

Alex. Pues ya tu muerte decreto

en la ocasion ofrecida. *Empuñá.*

Marc. No me mate por su vida,
que es contra el quinto preceto.

Sale Roma.

Rom. Qué es esto Cezar?

Cez. Es que en tal fortuna
no trahiendo de Alexo
nueva alguna,
este Criado suyo,
hallo Señora, e como tal arguyo,
que del sabrà,
quando fu tema, e impuesta;
se finge loco, por no dar respuesta.

Rom. Es Marco, mas tan poco
locó se finge,
que en verdad es loco,
y Alexo que es discreto;
nò fiara a tal hombre
tu secreto,
mas con todo prendedle
y dadle tratos

Marc. He llegado al pretorio
de pilatos,
à secretillo, como estas doliente.

Rom. El cordel nos dirà, se acasó miente.
Señora, ha tal porfia,
porque tales albrifias perderia.

Sale Constantino.

Rom.

Rom. Que trayes Constantino?

Const. Gran Señora,

vengo anunciar el Sol,

fin ser Aurora,

una muger, grossero aora estube,

una dama, aunque es flor,

muy corto andube,

una estrella, que poco lo encaresco,

un luzero, a dizirte mas me offresco,

una ninfa, estoy loco,

un portento, un prodigio, todo es poco

una deidad: aora si, prosiga,

que despues de deidad no ay mas que

diga,

de luzes tan sublimes adornada,

de tal farol cercada,

que si mas no la viera,

ya por hija del Sol la conociera,

por tal la tube luego que la vi;

mas quando llegò Febo a tal zeni

en su compuesto trae tal tesoro,

que dòn vezes con el es tierra el oro,

quando el de que se adorna es luz tan

pura;

que le sirbe de espejo a su hermosura,

y el cristal que se trae tan luzido

que le sirbe de gala a su vestido,

siendo, que assi lo dexo

guarnicion el cristal, el oro espejo,
dizir de su tocado en tal desbello,
es subir mas alla del mismo Cielo;
quando sus plantas bellas
me parece que asientan sobre estrellas
por entre perlas que su ropa muestra,
otra veste mas rara nos demuestra,
cuya luz no dire, porque al ir la a mirar luego cegè,
mas quando su esplendor aqui con-
quistó,
yo bolbiera a cegar de haverla visto,
su calçado a mis ojos lo perdone
de piedras preciosissimas compone,
y en esfera tan alta,
ay safira en que el Cielo se retrata
mirando mas de espacio,
al Sol vi convertido en un topazio,
y porque a sus pies siempre estè con-
stante,
el amor transformado en un diamãte,
estos pues en adorno prodigioso
son los cimientos de su cuerpo her-
moso,
su gracia, su donaire, su hermosura
terà hécharlo a perder con la pintura,
diganlo, quando al verla si lo aprue-
van,

los ayres paran , [y los montes mue-
van,

esta pues rara idea,

prodigiosa muger, hermosa dea,

dize que hablarte quiere, este es su a-
nelo,

dichosa tu pues que te busca el Cielo,

no es la primera vez como imagino ,

que el Cielo anuncia a Roma Con-
tantino.

Rom. O estàs encarecido en lo pintado,
o alguna diosa a verme se ha dignado
buelbe a dizirle que entre , y luego
sea.

Marc. Y quanto va , que con todo esto
es fea,

con galas, oro, si , piedras preciosas

hasta las fregonas son hermosas.

Llega Constantino a la puerta.

Const. Entrad Señora q̄ ya Roma espera.

Cez. Todo el sol ha baxado de su esfera.

Sale Jerusalem.

Rom. Que divina beldad, mirar merezco!

Const. Ya gran Señora veis que no en-
carezco.

Rom. Antes muy corto has sido ,

que solo assi tal diosa no ha excedido.

Jer. Salve o Roma del orbe militante.

Rom. Salve beldad celeste, la triunfante,
de humanos gloria.

Fer. De guerreros norte.

Rom. Vizion de paz.

Jer. Espada de mavorte.

Rom. Que ocasion a mi Corte os ha tra-
hido?

Fer. A buscar un amante aqui he venido
que en vuestra casa està.

Rom. Esto me assombre,
porque a tanta deidad, no miro hom-
bre,

aunque a los grandes mi palacio acoje.

Jer. En tu mismo palacio te recoje.

Const. Quien es Señora el dueño ventu-
roso,

que tiene al mesmo Jupiter zeloso?

Cez. Quien es dizid, porque el amor
lo cante,

el dueño amado, el venturoso a-
mante.

Fer. Es el dichoso que adornò sus sie-
nes,

un peregrino que en tu casa tienes,
es mi amante, y mi esposo sin reparo,
te vengo a pedirte.

Rom. Caso raro!

Cez. Cah! de mi esperanza en lo profun-
do,

Const.

268 *Enganos do Bosque,*
Const. Aqui de todo el Cielo, y todo el mundo.

Marc. Juegan al renegado,
mas Alexo la polla se ha llevado.

Rom. Esse que es tu demanda,
en mi palacio, entre mis siervos anda;
no tengo duda alguna en entregarle,
por piedad le ampara, puedes llevarle,
però de tal fortuna no diò seña.

Const. Sin duda es mucho mas de lo que enseña.

Rom. Olà llamad al peregrino luego.

Cez. En aquestos jardines con sosiego,
le vi al sueño rendido

Const. Entre estas ramas se quedò dormido.

Apartan las Ramas, y aparece Alexo dormido.

Rom. Quien serà Cielos este peregrino,
que de tanta hermosura se hizo digno?

Alex. Por sueños soy Alexo Romano,
el hijo de Aglaes, y Eufeminiano.

Rom. Que es lo que oygo, ya mi pena es mucha,
a mi amante te he dado.

Alex. Roma cícucha,
y veras tus passiones moderadas.

Rom. Ay prendas mias por mi mal hal-
ladas!

Cez.

Cez. Entre sueños hablò, mas quien dixera

si no es por sueños, que este Alexo fuera?

Rom. Por decreto de Amor desconocido, però ya por mi mal le he conocido,

Alex. Que es esto esto adonde estoy dulce desvelo,

en tierra me acostè, despierto en Cielo? Jerusalem no es?

Rom. Dime inimigo.

Cez. Calla Roma, que yo soy el que digo, que aquel que te offendiere, aunque por su favor el Cielo viere mi azero passará de parte a parte.

Jer. Tente Cezar q̄ aqui no vale Marte

Alex. Valdrè yo para mi.

Marc. Texido èntablo.

Jer. Todos me escuchen, que yo soy quien hablo:

Jerusalem Celestial,

augusta Princeza soy,

hija de un Rey quando menos,

quando mas hija de un Dios,

este de Reyes Monarca,

el hermoso ser me diò

encerrandò alma de gloria

en cuerpo de admiracion

criome pues tan altiba,
 con tanta pompa, y honor,
 que ojos no vieron, ni oídos
 oyeron lo que encerrò,
 de grandeza en mi, y es tanto,
 que puzo por galardón,
 mi asistencia al que en sus lides,
 valeroso campeón,
 a mi casa lleva el triunfo,
 que sin esso no triunfò,
 por esso la antonomasia
 assi lo acertò tu voz,
 la triunfadora me llama,
 y a tan sobido esplendor
 apellida como puede,
 però como debe. nõ,
 que mi deuido epiteto
 no cabe en la explicacion,
 supo pues mi inuito padre,
 como Alexo, esse garçon,
 cuyas prendas, cuyos lustres,
 cuya virtud, y valor,
 despues de nacer un hombre
 le hizieron un SemiDios,
 supo como enamorado,
 de copia mia dexò
 por buscarme, y por servirle,
 padres, patria, estado, honor,

y lo que mas fuè tu mano ,
en tan generosa accion ;
hecho un pobre peregrino
aquel sogeto mayor ,
que vio Roma , y obligado
el Monarca superior
de tan heroica fineza,
nò quizo tu estimacion ,
hazer del amor delito,
quando es merito el amor ,
antes al contrario viendo,
que en quanto rodea el sol
no ay igual a mi persona,
a Alexo feliz nombrò
para mi esposo, queriendo ,
en tan suprema ocasion
fuesse el merito el que diesse,
lo que el possible no dio
a su preceto rëndido
no digo a mi inclinacion ,
que adonde està su preceto,
solo el està , me ordenò ,
venga buscarle a esta Corte ,
quando mi astucia dexò ,
en sus burgos alojada
la comitiva que al sol
desprecia la luz , adonde
vienen por mayor blazon ,

millares millares digo,
 que hazen escolta a mi honor,
 y hande bolber çon Alexo
 a mi Corte, adonde amor
 oy celebra el mayor triunfo,
 a tu vista Roma estoy,
 ya me has dado lo que es mio,
 no ay violentar la passion
 del hombre, Alexo me adora,
 y nunca a ti te engañò;
 y no puedé haver agrabio
 adonde no huvò traicion;
 si le amas, vencerè,
 pues no conviene en tal voz,
 a una muger con corona,
 un hombre sin coraçon,
 quando tus hazañas cuenten
 no repitan por baldon,
 que quien ha vencido un mundo
 yaze prostrada aun dolor,
 y mas quando tus grandezas
 en este lance de oyem,
 han sobido hasta los Cielos,
 pues todos tus triunfos nõ
 te han dado nombre tan grande
 como te ha dado el honor,
 de tener vassallo tal,
 que mi mano mereçió.

Alex. Dexad Señora que humilde
indigno de tal favor,
vuestra planta adore.

Jer. Alçad
incompatible amador,
pues del amor el laurel,
vuestra fineza ganò,
y en mi Corte os corona.

Const. Que arras dime a tal blazon,
a desposorio tan alto,
Alexo dà.

Alex. Ya las doy
en este lienço de perlas,
que por mi Roma llorò,
venciendo al verlas correr
mi piedad, y obligacion,
aqui Señora os offresco
de la hermosura, y amor,
el llanto a que resisti,
quando las piedras partiò.

Jer. Essas arras te he pedido,
por el mas precioso don,
porque no vence el que huye
si no el que mira.

Alex. Perdon
me has de dar hermosa Roma,
quando reparares oy,
que la razon me desculpa,

y no ay culpa con razon.

Marc. Perdonarà se quiziere,
y si no quisiere nò,
porque es mucho perdonar.

Rom. Valgame aqui mi valor,
para que el ardor del alma,
no se me aslome a la voz,
y se vença assi quien supo
domar el belico son,
desde la cuna de febo
hasta la urna del sol,
de Alexo la ingratitude, *para todos*
de mi brio el pundonor,
el decreto de tu padre,
el pezo de la occasion,
de mi coraçon hizieron
otro nuevo coraçon,
mayor si acaso es possible
ser mi coraçon mayor,
pues es coraçon que solo
supo domar vencedor
en el mas remoto clima,
en la mas clara region
del barbaro la fiereza,
del indomito el ardor,
enmendote mi fortuna
advertiendo que no son
para el pecho de Belona

los rendimientos de amor
passe por ayre el suspiro,
passe por susto el dolor,
passe por cristal el llanto ,
y pues que todo passò ,
passe yo de ser quien fuy,
para que quede quien soy:
assi quedad persuadidos,
los que visteis mi passion ,
que lllore como Sabina ;
però como Roma nõ ,
a Venus le postre Marte;
a Dalida si , Sançon,
a Antonio rinda Ceopatra ,
tanto azero en una flor,
y aquella illustre matrona
que mis huestes invistio ,
cara a cara , brio a brio,
dexe vencer tu tezon
de mi triunfo en la cadena ,
mas yo vencedora yo ,
lo que rendi por mi affecto ,
cobre aqui por mi valor ,
porque la fama ligera
cante en sonoro pregon ,
que quien ha vencido a tantos
tambien assi se venciò ,
Jerusalen çon Alexo

logre el sceptor superior
de triunfante , porque a mi
me basta para blazon,
que diga uniforme el orbe
en una , y otra region.

Dentro Caxas , y Vozes.

Viva Roma, Roma viva,
que tal bassallo crio.

Jer. Dizid tambien, porque escuche
entre el belico rumor.

Caxas , y Vozes.

Viva Jerusalem viva ,
que tal esposo eligio.

Musica.

Jerusalem , y Roma,
vivan las dos ;
pues de Alexo los triunfos
de entrambas son.

F I M.

ACTO ALEGORICO

A

S. ALEXO,

INTITULADO

AMOR ES FÉ.

Personas que hablan en ella.

*Alexo Principe.**Remolo Principe.**D. Falanjes Principe.**Guion Gracioso.**Mirlina Sabia.**Gloria Princeza.**Roma Dama.**Sabina Dama,**Aglaes Dama.**Musicos**Sale D. Falanjes.*

D. Fal **G**Racias a Dios Chipre hermosa
 patria del Amor serena,
 que ya tu alegre marina
 pizan mis plantas soberbias.

Sale Alexo.

Alex. Ya vuelbo a ti Chipre ilustre,
 a ver si dichosa encierras,
 aquella gloria con que
 suba al Cielo tus Almenas.

D. Fal.

D.Fal. Como eres del amor patria,
 quien duda que a gloria tengas,
 porque donde el amor vive,
 alli la hermosura reina,
 mas nõ es Alexo el que miro?

Alex. No es el Principe de Creta,
 el que veo?

D.Fal. Como aqui,
 tu propria Corte passea
 si tan auzente dizian
 que estava.

Alex. La en ora buena,
 a mi amistad doy de veros
 en mi Corte.

D.Fal. Y yo de en ella hallaros,
 tambien la quiero,
 que me dizian que fuera
 de vuestro Reyno a gran tiempo,
 andaveis sin que mas nuevas,
 de vos supieffen.

Alex. Fue assi,
 mas ya preciza la buelta
 ha sido, y en este instante,
 dezembarco adonde encuentra,
 con un amigo fiel,
 una amistad verdadera,
 para que a mi illustre Corte
 den esmalte vuestras huellas.

D.Fal. De aquel tiempo que asisti,
por vuestro huesped en ella,
con las causas que sabeis,
tanto os ama mi fineza,
que con vos partiera el alma,
caso que la dividiera,
en esta verdad fiado,
espero que de la auzencia,
que de vuestro Reyno hizisteis,
la causa me digais.

Alex. Fuera
desdoro de mi amistad,
hazer del secreto tema,
y mas quando por la misma
oy todo el orbe se inquieta,
la fama, o la admiracion,
aunque en sí son tan diversas,
que una en los portentos pasma,
y otra en los prodigios buela,
a Chipre mi heroico reyno,
la feliz noticia lleva,
de la belleza de gloria,
ilustrissima Princeza
de Jerusalem, de quien
los que la han visto me cuentan,
que queda como en el Cielo,
aquel que la vè en la tierra,
entrò amor por el oydo
sin mirarla, porque fuera, ya

ya despues de haverla visto
obligacion la fineza,
el conceto hizo la Fé,
la Fé el Amor, porque sea
amada como deidad,
quien de muger se deldeña,
luego olvidè la atencion,
que dava a tres damas bellas,
agradecido, no amante,
sin que las constantes veras,
con que me amavan pudiesen,
romper mi heroica fineza,
dentro en mi Corte vivian,
porque mas cerca murieran,
tan ilustres, que a mis nupcias
aspirava su soberbia,
Sabina de clara estirpe,
Roma de regia ascendencia,
Aglæs mi misma sangre,
ha dado esmalte a sus venas,
todas tres se competian,
ilustres, sabias, honestas,
que aunque olvidè su hermosura,
no puedo negar sus prendas,
era mi gloria mi gloria,
y si possible me fuera,
partiera luego a buscarla,
a tanto el amor empeña,

mi pecho , quando a este tiempo ,
su ilustre padre que oy reyna ,
manda convocar el orbe
para que en su busca sea ,
porque un encanto la occulta,
muy pocos a la palestra,
salieron, porque quedaron
suspensos en su pereza,
en los lexos de un encanto,
la puzo mi estrella adversa ,
con que de mi triste amor
el primer passo es la auzencia:
quedè qual dia sin luz ,
quedè qual concha sin perla,
quedè qual campo sin flor,
como noche sin estrellas,
luego a buscarla sali
occulto , que esta çautela ,
a muchas causas devia,
corri la estendida Grecia ,
el undolo Archipelago ,
dexando para prostera ,
mi patria donde tali,
sin registrarla , porque era ,
si acaso en ella estubieffe ,
desdoro de mi fineza,
quando la busco, el andar
tan pocos passos por ella ,

toda la Grecia inquiriendo ,
gruta a gruta , peña a peña ,
a mi Reyno buelbo adonde ,
en su marina serena
me hallais, si acaso le corro,
sin hallarla con presteza
le dexarè discorriendo ,
por ayres , mares , y tierras ,
desde la zona que abraza
hasta el tropico que yela ,
por hallar mi gloria amada ,
y aunque el mar en sus horrendas
cabernas la oculte, adonde
escondida ninfa sea,
aunque la tierra en sus senos
la guarde, y alli se vea
a competencias del oro ,
aun sin tener competencia ,
y aunque los Cielos la suban
a su cristalina esfera,
para que añada gloriosa
el numero a sus planetas ,
aunque el horroroso abismo
la encierre en su llama misma,
y en ella , y en el compitan ,
las luzes con las hogeras
aunque en su guarda se mire,
aunque sea en su defensa ,

la que el tebaño rindiò
hidra de siete cabeças,
la sierpe que Libia cria,
en sus arenas deziertas,
el indomito Leon,
a quien el Africa engendra,
aquel pès del mar gigante,
que en sus senos se passèa,
y es promontorio de lexos
siendo ballena de cerca,
aquel escamoso monstro,
que en el Nilo se alimenta,
y llora como muger,
para tragar como fiera,
aquel disforme gigante,
que en los campos de Judea,
siendo su altura seis codos,
fueron su estrago tres piedras,
aquel espin que en su boca,
a Calcedonia amedrenta,
pues cada diente que esgrime,
es una parca que lleva:
aquel horroroso monstro,
que en labirintos de Creta,
acabò del valor triunfo,
siendo del amor afrenta,
de Roma todas las armas,
toda la astucia de Grecia,

del

del Tonante tanto rayo
 de Marte tanta brabeza
 tengo de verme a sus ojos,
 porque todo el orbe sepa,
 como Alexo por la gloria,
en y tantos riesgos le empeña.

D. Fal. Y que me direis amigo,
 si la misma causa es essa,
 que oy peregrino me trae?

Alex. No me admiro, si por ella,
 tantos Principes del orbe,
 han salido de sus tierras.

D. Fal. Pues quien por la libertad
 de una tan alta Princeza,
 no aventurara su vida,
 que lo demas fuera affrenta?
 yo tambien su fama adoro
 aunque con menos terneza,
 que vos mas con tanto enpeño,
 al fin como fuere sea
 hire como obligacion,
 quando no como fineza.

Alex. Pues discurremos los dos,
 aunque por diversas sendas,
 competidores, y amigos,
 en su busca, porque sepan,
 que ni siempre dissensiones;
 engendra la competencia

y si acaso.

D.Fal. Y si por dicha.

Alex. El honor de aquesta empresa
fuere vuestro?

D.Fal. Vuestro fuere?

Alex. Coronare mi cabeça
con vuestro laurel.

D.Fal. Por mia
tendré vuestra gloria mesma.

Alex. Aunque el amor lo lamente.

D.Fal. Aunque los zelos lo sientan,
mas como tan solo os hallo?

Alex. Es porque occulto en mis tierras,
quiero andar, y no ay ninguno
que de mi venida sepa.

D.Fal. Pues a dios hasta mas veros.

Alex. El os guarde,

D.Fal. El os defienda.

Vanse.

Sale Remolo, y Guion.

Rem. Sin duda en Chipre está que por
grandeza,

corona amor su patria en su belleza,
la que cuna de amor fue por ventura
el throno deve ser de la hermosura,
con que aqui espero hallarla
despues de tantos dias de buscarla.

Guio. Tu empreza es loca dando al or-
be bueltas,

si han-

si andan ahí tantas mugeres sueltas
 porque en acción errada,
 corres el mundo por una encantada,
 a los Cielos plugieran,
 que todas encantadas se estuvieran,
 y que mi dama quando pide tanto,
 el no poder hablar fuera su encanto,
 dexate ya Señor de esse desbello,
 y quedese la gloria para el Cielo.

Rem: - *D. Fal.* Rara está su simpleza
 como puedo dexar tan alta empresa,
 quando el que la ganare en tal re-
 putación nombre,
 inmortal con su fama hará su nombre?
 mi nobleza para ella me llamara
 aunque su raro objeto no obligara,
 pues me dizen que ha sido gloria her-
 mosa,
 del campo astro, si del Cielo Rosa.

Guio. Y si un Jayan descomunal la gu-
 arda.

Rem: - *D. Fal.* Este inimigo ya mi brazo agu-
 arda,
 porque menos contrario en la aven-
 tura,
 ni viene a mi valor, ni a su hermo-
 sura.

Guio. Pues Señor solo queda, y sin soc-
 orro, por-

porque yo con gigantes no me corro.

D.Fat. Porque cobarde vil son tus recelos.

Guio. Porq̃ quizieron escalar los Cielos,
y Dios no ha de querer aunque te asombres,

que yo mire la cara a tales hombres.

D.Fat. Su cobardia al fin es de billano.

Guio. Tu mas hidalgo aqui, yo mas christiano.

D.Fat. Aunque de un Rey hermano no me viera,

con en el mesmo ardimiento procediera,

porque este brio que mi fama escribe,
no es sangre, es alma que en mi pecho vive,

mas en un bosque opaco nos entramos,

labyrintho de flores, y de ramos.

Guio. Que bellas cidras aquel Arbol cria?

D.Fat. Tres son, y yo las cojo.

Guio. Bobaria,
será dexarlas, una me consiente.

D.Fat. Todas hande ser mias.

Recit. Va a cogelras, y sale Mirlina.

Mirl. Tente, tente,

Caballero arrogante, e destimido,
no toques essas Cidras atrevido.

Rem: - *D.Fal.* Quien eres dime tu, deste terref-
tre,

si ay sylvestre deidad, deidad sylves-
tre,

que mi accion quitas? pero no es bas-
tante.

Mirl. A las Cidras no toques loco an-
dante,

o contra ti veras dar en desmayos,
los Cielos Aspidis, y los campos rayos.

Rem: - *D.Fal.* Quanto mas me las veda tu de-
seño,

en apurar su enigma mas me empeño,
y he de dexarla clara

Mirl. No sabes que de un Dios soy hija
cara,

y en estos Orizontes,
puedo mudar las peñas, y los montes,
y te hare sepultar si me desdeñas,
debaxo de los montes, y las peñas.

Guio. Señora bruxa dexa essas porfias,
no comeremos Cidra en nuestros dias
lo jura mi delvelo,

por alma de Mirlin su quarto Aguelo.

Rem: - *D.Fal.* He de cogelras aunque mas me as-
fombres.

Mirl. Há de essas espeluras brutos hom-
bres

salvages fieros deste passo guardas,
en rielgo estan las Cidras.

Guio. Te cresguarda Señor, que yo me
cresguardo.

Salen los Salvages.

Rem. Calla villano, que en su muerte
tardo.

Guio. No quiere que te ayude nõ.

Rem. La empreza
no reparte a ninguno mi brabeza.

Guio. Obediente naci.

Rem. Solo de ver sus gestos vou temblan-
do.

Guio. *retirase.*
Rem. Morid satiros viles.

Mirl. A su braço,
ni el fuerte salvagino haze embaraço
há del Leon, que en Africa nacido,
en el bosque de Chipre tiene nido.

Guio. Leon Leon muger que has pro-
nunciado?

Mirl. Indomito feròs, sal a mi brado.

Guio. Señora echisera duelase de mi,
que soy niño, y solo nunca en tal
me vi.

Rem. Aunque llames las furias del Abít-
mo.

290 *Enganos do Bosque,*

Mirl. La fiera llamo que ha de ser lo mismo,

sal Leon , y defiende en tal discordia.

Sale el Leon.

Guio. Señor Señor pequè, misericordia.

Rem. Llegá fiera a mis braços,
que en ellos te he de hazer dos mil
pedaços.

tu cerbiz pize aqui mi planta altiba.

Guio. Estás vivo Señor?

Rem. Mi valor viva,
que ya la fiera he muerto.

Mirl. El hombre es Marte.

Guio. Aqui Señor estoy para ajudarte a
su entierro

lo mas fuera locura ,

Mirl. Pues ya que tu constancia siem-
pre dura ,

burlo las guardas desta fruta hermosa

a pezar mio deste campo Diosa

pagaràs tu locura destimida,

en la fortuna , quando no en la vida.

yo te hado

caballero atrebido , y denodado,

que en las Cidras que han sido tus
desbelos ,

pruebas lo que es amor , y que son
zelos,

y la

y la gloria que buscas tan subida,
no alcances ni en la muerte, ni en
la vida,

por mayor desbentura,
por tu culpa no logres su hermosura,
este su hado sea,
los Cielos lo confirmen, yo lo vea.

Rem. Escucha, aguarda, espera.

Guio. En la espesura te emboscò ligera.

Rem. Pues ya verla no ay,
corto las Cidras con la daga.

Va a cortar las Cidras, é dizen dentro las
tres.

Dent. las tres. Ay?

Rem. Parece que del Arbol respondierò.

Guio. Que son Cidras con alma nòs di-
xeron.

Rem. Quien habla en tu corteza,
Arbol que siendo tronco das terneza,
y a mi toque que ya suspender hazes
vida respondes, quando leño yazes.

Rom. por detraz del Arbol.

Rom. Somos de amor las Cidras desdi-
chadas,
que en esta fruta estamos encantadas.

Rem. Pues las Cidras de amor ya no pas-
faron?

Guio. Son sus nietas Señor que aqui que-
daron.

Sab. Somos las verdaderas,

que las ya decancadas son quimeras.

Guio. Assi se lo adivino,

pues murieron por agoa, y no por
vino.

Rem. Que el successo digais aqui pedi-
mos.

Aglaes. Hablar mas no podemos, ya dor-
mimos.

Rem. Deidad que en aqueste pomo
elcondes tantos mysterios
haziendo Altar de una Cidra,
quando hazes templo de un leño,
fal perla que ya mi daga
corta tu concha con tiento.

*Saldrá Aglaes por detraz del Arbol al cortar
la Cidra.*

que bella, que ayrosa Dama!

Agl. Dame a Alexo si no muero.

Rem. Alexo el Principe?

Agl. Si.

Rem. Anda auzente de su Reyno,
no es possible le veaes.

Agl. Dame a Alexo si no muero.

Guio. Pues buelba a vivir de Cidra,
para no morir de extremos.

Agl. Dame a Alexo, ay infelice!
aunque Cielo, y tierra atiendo,

que

que miro si no le miro ?
que veyo si no le veo ?
auzente està , que del mayo !
muerto estará , tambien muero ,
que como por el vivia ,
ya sin el viver no puedo ,
ya voy perdiendo el sentido ,
mas es tan fino mi empleo ,
que aqui el no haver de sentir
es solo lo que mas siento.

Canta con voz desmayada.

Los pulsos languidos ,
el pecho asperrimo ,
el cuerpo frigido ,
el palmo autentico ,
muero , acabo , feneço. *Cae.*

Guio. Fuesse como un pajarillo ,
y lo ha sido hasta en los quiebros ,
Cidra en vida , Cisne en muerte.

Rem. Muerta està , valedme Cielos ,
para ver tanta hermosura
malograda en tanto exceso.

Guio. Pudiera morir por mi ,
hallará aqui su consuelo.

Rem. No estoy para gracias loco ,
a la segunda passemos ,
que no es possible que a todas
predomine un mismo affecto.

con

con temor o ninfa hermosa
rompo el verde tosco feno,
donde saldras como luz,
si esta infeliz como fuego.

Guio. Salga de Cascara el pollo.

Saldrá Sabina de la misma suerte.

Sab. Dame a Alexo si no muero.

Guio. Yo soy Alexo Señora.

Rem. Quita loco, aparta necio,

la segunda no me engaño,
primera en beldad la veo,
mas del mismo dolor muere,
templar su passion pretendo,
Señora Alexo está cerca,
y de traerlo prometo

a tus ojos.

Guio. Tente niña.

Sab. Dame a Alexo si no muero.

Rem. A su tiempo le vereis.

Sab. Ay que no llega esse tiempo

para quien promete cerca,
para quien aguarda lexos,
Alexo, mas no responde,
mas distante segun pienso,
le tiene su ingratitud,
que le tiene su destierro,
faca mi cansado aliento,
no vengas ver como vivo,

mas llega a ver como muero ,

Cantado.

el rostro palido ,
el mal acerrimo,
la vista funebre ,
los passos tremulos ,
muero , acabo , feneço , *cae.*

Rem. Ay malogradas bellezas!

Señora , Señora , ha muerto.

Grio. Señora Cidra de Amor,

ya se ha hido para el Cielo,

si acaso fue Cidra dulce.

Rem. De las passadas dixeron,

que agoa pedian , y aquestas

diferentes piden fuego.

Grio. Si yo en limon me convirtiera,

no me engaño en lo que pienso

dixera en saliendo a voces,

dame vino si no muero.

Rem. dexar de ver la tercera

serà perder mi ardimiento,

el fin de aquesta aventura ,

ningano sabe de Alexo

para traherle si acaso

esta niñfa ama lo mesmo

y creerdo que estè en ella

otro mas alto mysterio,

con todo temo el cortarla.

Grio.

applicandote este cuento ,
que mi Aguela me contava ,
quando iba a hazerla pucheros
abfela junto al retrato
pues que su ted es de Alexo,
y tendras la dama viva.

Rem. El dichofo pomo hiefo
caxa de la mejor joya
pues toda un alma es su precio

Saldra Roma.

valgame Dios que prodigio!

Rom. Dame a Alexo si no muero.

Guio. Señor o dale el retrato,
o dale los sacramentos.

Rem. Como he de dar el retrato,
si esloy en tus ojos prezo,
y en un instante de amor
corri mil figlos de zelos,
Señora no sé que diga.

Rom. Dame Alexo si no muero.

Rem. No està aqui Alexo Señora.

Rom. Ay infeliz que feneço.

Rem. O le he de dar el puñal
o he de tomar el veneno.

Guio. Quieres hazer esta selvas
de las Cidras cimiterio,
dale el retrato.

Rem. Le doy,

mas

mas como si adora a Alexo ,
 le he de dar? quien se avra visto,
 en lance de mas aprieto
 desde que el mundo fue mundo,
 desde que el Cielo fue Cielo,
 que harè ? que resolverè,
 en tan arriesgado empeño ?
 o ella hade morir de amor ,
 o yo he de morir de zelos.

Rom. Ya va faltando la vista ,
 ya va cansando el aliento,
 el coraçon palpitante,
 el discurso como ageno,
 al fin ya la vida falta.

Rem. Parcas suspended un tiempo ,
 y la dé espacio Laquefis ,
 Atropos tu rigor fiero
 nõ corte , que desta vida ,
 pendientes van dos alientos.

Guio. Buena fineza de amante ?

Rem. Bien dizes, yo me refuelvo ,
 viva ella , y muera yo.

Rom. Dame a Alexo si no muero.

Rem. Aqui està Alexo Señora.

Rom. Que dizes que no lo creo,
 Alexo, hablame Señor, *dale el retrato.*
 mas ay que es sombra , y no cuerpo,
 y aun assi respira el alma ;

quando su retrato veo.

Rem. y no solo su retrato ,
mas a el vereis muy presto ,
que està vivo aunque estè auzente
yo mismo añado mis zelos.

Rom. En vñestras voces revivo
mas quien lo figura

Rem. Remolo,
ayer Infante de Tebas ,
y oy mas por esclavo vuestro.

Guio. No vi Cidra tan hermosa.

Rem. Ya que mi nombre os he dicho,
assi pudiera mi affecto ,
saber el vuestro quisiera ,
y deste encanto tan nuevo
la causa.

Rom. Si me atendeis ,
decifrarè sus mysterios.

Rom. Mi nombre es Roma, mi principio
nada,

aunque ya de laureles coronada,
se mira mi ascendencia prodigiosa,
con que naci tan noble como hermosa
mi cuna Italia , quando ya crecía ,
a Chipre me passé donde vivia ,
mas aqui me engañava ,
en Chipre no vivia porque amava ,
reynava en ella Alexo generoso ,

galan

galan Adonis , Marte belicoso ,
 que en su braço , y su gesto ,
 Marte, y Adonis hazen un compuesto
 a su brio , a su gala, a su cordura,
 se inclinò mi altibez , no mi locura,
 porque amar un sogeto quando es
 digno ,

mas parece razon que desatino,
 al fin tanto le amé.

Rem. Yd adelante.

Rom. Perdona el ser muger , que loy a-
 mante ,

estas dos hermosuras malogradas,
 que Aglaes , y Sabina son nombradas,
 en su Corte vivian ,

y en su Corte tambien, por el morian,
 haziendonos assi nuestra fortuna
 en destino , y nobleza todas una,

Sabina que en estrella tan dichosa
 nonbrada estava ya para su esposa,
 aunque el joven Señor de su alvedrio
 burlava su esperança en el desvio ,

Aglaes que tan dulce le queria ,
 que mas madre que dama parecia
 desta passion passavamos flechadas,
 todas tres bien heridas , mal curadas
 quando inpensadamente ,

Alexo de su Reyno en un repente ,

deca-

desaparece, y luego claro estava
el espejo en que Chipre se mirava
a buscarlo partieron,
y aunque mil diligencias pretendierõ
descubrirle, se dio por imposible
ni traherle quedava muy possible,
porque tanto lloraron nuestros ojos,
y tanta es su crueldad, por mas eno-
jos,
que entre nos otras, y el ya con es-
panto,
ay monte de crueldad, y mar de lláto.
passarãse de tiempo en tantos daños,
dirè si mido el tiempo, que dos años,
dos siglos fueron, mas que digo: mien-
to,
que ya mido el dolor, y no hallo cuen-
to,
y en una triste auzencia,
el relox corre traz de la impaciencia,
una mañana pues desengañadas,
ya de nuestro dolor exasperadas
hablando del, llegamos con desbelo
a este bosque, de flores verde Cielo,
tanto nos embebimos,
en el dolor de quien asunto hizimos,
que sin hazer reparo, en tal trespasso,
en un rio cahimos, que haze passo,
a este

a este lugar adonde caso extraño,
ya quasi somergidas en tal daño,
este arbol se inclinò que aqui es su
orilla,

y se abrieron, ò rara maravilla!

las tres Cidras que viste, y en sus se-
nos,

na tres recogieron no te informo menos
adonde nos quedamos recogidas,
o mal vivas infante, ò bien dormidas
que mas compassion tiene en tanta
calma,

leño sin vida si, que hombre con alma.

el tiempo que aqui estube, no el que
lloro,

Cipre siempre te lo dirà, que yo lo ignoro,

mas solamente sè que agradecida

la libertad te devo con la vida,

que esta si la de un triste assi se nom-
bra,

su luz restituyó con esta sombra,

piedad que Alexo en el retrato ha
hecho,

porque tiene su rostro, no su pecho,
pues caben en su esfera.

semblante de hombre coraçon de fie-
ra,

y aun de su sombra la piedad no a-
precio, pues

pues la vida me da que ya desprecio,
este el successo ha sido ;
que a tan extraño encanto me ha tra-
hido,
y en el tu brazo fuerte
a las guardas presumo diò la muerte,
y estas dos hermosuras macilentas,
rosas ya desmayadas no sangrientas,
estas infaustas damas, (mas,
que oy son cenizas si ayer fueron lla-
muertas a su passion quando salieron,
de amor vivian, y de amor murieron
porque claro se infiere,
que no vive de amor el que no muere:
quedaràn por exemplo a lo futuro .
de constancia segura de Amor puro,
y tu que en estes pomos por acierto
tal secreto de Amor has descubierto
bien puedes publicar joven osado.
que las Cidras de amor tienes hallado.

Rem. Por muchas causas señora
admiro el discurso vuestro,
de quien estubo pendiente
mi atencion, digo mis zelos,
dizidme aora hasta adonde
me mandaes os vá sirviendo.

Rom. Hasta una casa de campo,
que por este sitio tengo,

y des-

y despues , a dios Infante.

Rem. Esse a dios está mui lexos.

Rom. Porque?

Rem. Porque nõ se aparta
el que se ha dado por preso.

Guio. Como eres fruta de espino,
no hasde delazirte presto.

Rom. Y las damas? mas que miro
ya la espesura en sus senos
poco a poco las recoge.

Rem. Pues assi se las dexemos,
que entre su vida , y su muerte.
ay aqui grande mysterio.

Guio. Muy aspera es la mortaja.

Rom. Pira de çárças , y leños,
en un verde mauleolo,
ya nos esconde sus cuerpos.

Guio. Delpues de Cidras de amor,
en carrascos se bolbieron.

Rem. Yo os voy siguiendo Señora ,
y porque una empreza, *tengo,*
que me quitò de mi patria
por acabar no me queda
en esta Corte a serviros ;
però bolberè de presto ,
girafol de vuestras luzes ,
a viver de tus reflexos.

Rom. Para que , si no soy mia ?

Rem.

Rem. Para que porque soy vuestro.

Rom. No bolbais que es delatino,

Rem. Bolberè porque es acierto.

Rom. Y se quedais desdeñado?

Rem. Tan poco son vuestros seños:

Rom. Si los quereis os aguardo,
mas tan poco no es Alexo, *os Alexo*
ò bolbais o nò bolbais.

Guio. Ya la Cidra habla en concepto.

Rem. Bolberè a vivir de amor,
aunque me mateis de zelos,
o hados los de Merlina.

Rom. O' ingratitud la de Alexo,
como te convences tarde!

Rem. Como me alcançais de presto.

Vanse.

Sale Gloria con volante en el rostro, y entanto que suena la Música se passea.

Mus. La Señora de las gentes,
reyna de Jerusalem,
se occulta en estos jardines,
porque la busquen por fé,
ay de aquel,
que su rara beldad no llega a ver.

Glor. Ay de aquel,
que mi rara beldad no llega a ver,
ay de aquel que en tal desmayo,
llamado de mi belleza.

se queda como pereza,
 y nõ corre como rayo,
 a muchos miro , y ~~incluidos~~,
 pues me buscan tan pèzados ,
 que siendo tantos llamados,
 pocos seran escogidos ,
 dichoso aquel joven si,
 que en occasion que se ofrece,
 si dexa de quererse ,
 solo por quererme a mi.

*En tanto que la Música suena , irà saliendo
 Falanjes , y passeando Gloria.*

Mns. Sus bellos ojos esconde,
 hasta su tiempo porque
 pretende que ame Jacob,
 antes de ver a Raquel,
 ay de aquel,
 que su rara beldad no llega a ver.

Fal Pues no ay de mi porque ya
 vengo a quitar con desbello,
 esta nube que a tu Cielo,
 la luz ocultandò està.

Glor. Quien eres joven contrario
 a mi respeto constante,
 pues veo que de arrogante,
 te passas a temerario,
 quien la gruta , que haze puerta,
 a este jardin te enseño ?

Fal. Mi diligencia la hallò,
para mi fortuna abierta,
por mas que occulta se estava,
mi valor la hizo notoria,
mas si acaso sois la Gloria,
que peregrino buscava,
dexad vuestro Cielo ver,
aunque hombre humano me hallais.

Glor. Primero que me veais,
teneis mucho que saber,
mi pecho he de relataros
antes que eche el velo fuera.

Fal. Solo escuchandoos sofriera,
el tiempo de nõ miraros.

Glor. Però primero dizid
quien sois que assi se decreta.

Fal. Soy el Príncipe de Creta
Falanjes.

Glor. Está bien oyd,
mi padre ElRèy cuyo Imperio
no se limita en la tierra,
pues estiende su dominio
sobre las mismas estrellas,
criò para su palacio,
una habitacion tan nueva,
que por nõ tener color,
sus noticiás son emblemas,
esta Ciudad pues criò,

tan magnífica, que de ella
 siendo quatro los que escriven
 queda ninguno el que cuenta:
 a sus cimientos levantan
 Diamantes por la firmeza ,
 Safiras por la color ,
 Esmeraldas por la prueba ,
 por el esplendor topasios,
 Jardines por la pureza ,
 Amatistes por lo roxo ,
 Jacintos , nõ por la quexa ,
 que de su raro edificio
 estas han sido las piedras.
 este soberbio obelisco
 contiene en si doze puertas ,
 a que componen preciosas
 tanta Margarita bella,
 y las tiene como enigmas
 aun que viven como perlas :
 de Cristal sus pavimientos
 oro sus murallas regias
 del mismo metal las calles,
 del mismo espejo las tējas
 siendo el cristal tan brillante
 de esfera el oro tan tersa
 que el cristal , parece al oro,
 el oro al cristal remeda ,
 en fin para referirte

Sardines

sus esmaltes, sus riquezas ;
aun siendo su lengua yo
parece no tengo lengua :
mi padre , que a su desbelo
mira la ciudad perfecta
de sus grandezas en medio
me puzo a mi por lumbrera
que aun que su compuesto ha sido
de tanta estrella en las piedras
de tanto Sol en el Oro ,
de tanta luz en la esfera
sin mi divina hermosura
sin mi singular belleza
era tierra lo precioso
eran las luzes tinieblas
viendo que sus ciudadanos
quedan pagos solo en verla
de quantos fervicios deve
la corona a su nobleza ,
y alli en repetidos tonos
todas mis gracias festejan
si es que ay sirenas divinas
con muzicas de sirenas
no quiero que los estraños
los Estrangeros tubieran
de balde , lo que a los propios
les fue mucha recompensa ;
y assi despuzo que aquel

que

que desta inferior esfera
 deste desigual terreno
 quisiera ver mi belleza
 no lo alcancè, sin que antes
 a precio de sus finezas
 comprè la indiozada vista
 para cuya accion suprema
 me occulta en estos jardines
 donde de mi Corte mesma,
 soy assistida porque,
 se nombra en señas diversas,
 paraizo quando aqui,
 Jerusalem quando en ella
 dandome por encantada,
 todo su designio era,
 hiziesse el merito digno
 el que hizo incapaz la essencia.
 luego el pregon de la fama
 diò por el orbe la buelta,
 con la nueva de mi encanto,
 a cuyos eccos se alteran,
 para salir a buscarme,
 los jovenes de mas prendas,
 mas como el camino yerren,
 yendo por ignotas sendas,
 unos se pierden confusos,
 otros pezados se quedan,
 tu pues joven alentado,

que en estos jardines entras, que
de mi deidad verde Cielo,
de mis pies celeste tierra,
tu que aunque a mi vista nõ
has llegado a mi presencia,
sin meritos de encontrarla,
con presunciones de verla,
si acalo si de mis ojos,
en cuyas luzes se quema,
el Querube quando para,
el Serafin quando buela,
en cuyos luzeros raros,
sin tener noches opuestas,
para vestir tanta luz,
aciende el Sol siete hogeras,
quieres ver la beldad prima,
has de renunciar a Creta,
primero todo tu reyno,
todo tu fausto, y grandeza,
tu vanidad, tu tesoro,
que en tan feliz recompensa,
todo has de dexar por mi,
y en tener bien pago quedas,
una silla en mi palacio,
y en mi Corte una asistencia.

Fal. Sus propuestas son increíbles,
quien tal disparate oyò,
yo dexar mi reyno, yò!

312. *Enganos do Bosque* ;
la muger pide imposibles.

Glor. Parece que os suspendeis?

Fal. Vòs me haveis dado occasion,
pues và fuera de razon,
lo que aqui me proponeis ,
si sin ver vuestra beldad,
diere por ella mi ser,
que me queda ya que hazer,
despues de verla?

Glor. Es verdad,
mas para alcançar mi vista ,
con que meritos llegais,
si es que tanto no dexais ?

Fal. Extraña es vuestra conquista,
buscarla, que esta es mi queixa,
no basta, tu vòz me offusca ,

Glor. Nò , que no busca el que busca,
y solo busca el que dexa.

Fal. Pues ha de dar su valor
antes que à me , el que nò vé?

Glo. Si si porque aqui la fé
es que haze paso al Amor.

Fal. Con que me hallarè si ozado,
doy mi estado sin mas còrte?

Glor. Con un lugar en mi Corte
que es mas que todo tu estado.

Fal. Que diran si mi grandeza
dexo los que me veran?

Glor. Diran, mas nada diran
que no ay voz contra fineza.

Fal. Por un capricho que está
en un ver, y en un no ver
he de pizar mi poder
y olvidar mi magestad.

Glor. O como ya a mis sentidos
dizen vuestros tristes hados,
que aun que sois de los llamados,
no sois de los escogidos.

Fal. Yo mi Reyno: a tal crueldad
donde al sol los rayos peino.

Glor. Pues quedad con vuestro Reyno

Fal. Quedad con vuestra beldad. *vase.*

Glor. De todo aquel que infiel
desprecia en culpa notoria
por la banidad la gloria
será metafora el.

Mus. Ay de aquel
que mi rara beldad no llega aver.

Va saliendo Remolo, y Guion.

Guio. La cueva por puerta alli
jardin Muzica extremada,
Señor, Señor la encantada
pienso que anda por aqui.

Rem. Sospecho que aqui la halle,
y una muger que a ver oso
tiene la noche en su embofo,

habiendo *el*

y el dia trae en su talle
 que airosa que se pasea?
 ferà entre tantos abriles
 la flora destes penfiles
 quando la gloria no sea
 mas si a caso Gloria es.

Glor. Quién me nombra?

Rem. Ella es, señora
 un feliz que llega aora
 al trono de vuestros pies
 despues que en buscaros hecho,
 Y peregrino en cierto modo.

Glor. Aun no lo avels hecho todo.

Rem. Porque?

Glor. Porque os falta mucho.

Rem. No sois vos la Gloria bella,
 que en encanto aqui occultò,
 y el que primero la hallò.
 la dezencanto en su estrella
 dando al mundo esta vitoria,
 y viendo por cosa rara
 vuestra belleza preclara?

Glor. Es verdad que soy la Gloria,
 mas tambien es verdad si,
 que mi rostro no vereis
 ni el encanto acabareis
 sin hazer lo mas.

Rem. Dezid.

Glor. Antes de ver mi beldad

para tanto merecer
haveis de dexar por ella
todo quanto en vos teneis,
estado, pompas, riquezas
porque si lo hazeis despues,
todo es nada, que la vista
quita el merito a la fé,
de otra suerte, es imposible
que singular alcanseis
ni la gloria de mis ojos,
ni de mi encanto el laurel.

Guio. Hasta las entrañas pide
valga-te Dios, por muger!

Rem. Si assi la ventura dexo
sin la acabar perderé
el honor que en ella gano,
todo condesenderé
con ella, y mi braço queda
para conquistar despues
mil Reynos, que a los pies pongan
de Roma.

Glor. No respondeis?

Rem. La repuesta gran Señora
vuestro valor os la dé.

Glor. Como?

Rem. Porque siendo tanto,
todo con vos nada es,
solo siento el ser tan poco.

lo que por vos dexarè
 hijo segundo naci,
 de Agamon de Tebas Rey
 con que mi estado es muy corto,
 pero delexara fer
 para dar a vuestras plantas,
 y poner a vuestros pies
 Señor de quanto ilumina
 el delfico Rosicler
 quando en su cochẽ palea
 los quatro polos que ve.

Guio. El hombre perdio el sentido.

Glor. Aun mas por me conocer
 tenieis que dexar.

Rem. Dezildo.

Gluc. Recelo que desta vez
 hasta el vestido le quite.

Glor! La dama a quien pretendeis
 que con medio coraçon
 ninguno me llega a ver.

Guio. Eſſo ſerà lo que yo
 de mejor gana darè.

Rem. La hermosura, a quien adoro.

Glor. Poco en dexarla perdeis,
 pues conmigo queda Lia
 por mas que ſea Raquel.

Rem. Mirad que el hombre en ſus ojos
 llega Salamandra a arder

Glor. El serafin de los mios
es quien mariposa fue.

Rem. Señora Amor es destino;
yo adoro, yo quiero bien,
y ninguno a su destino
puede olvidar, ni vencer.

Glor. El que os criò, para mi os criò
mas vòs troceis,
en el passo de elegir,
el destino de nacer,

Rem. Ni todos a lo que nacen
viven Señora.

Glor. Ay de aquel,
que por seguir su alvidrio,
dexò burlado su ser,
y ay de vòs que enigma sois,
de los que en tanta esquivez,
por seguir un amor loco,
la gloria quieren perder.

Rem. Si, mas dexar lo que vi,
por lo que nõ vi?

Glor. Sabed,
que teneis de vuestro amor
irritada a vuestra fé.

Rem. Dame un instante si quiera,
a pensar.

Glor. Pensadlo bien.

Glor. Todo han de dexar Señora.

Glor.

Glor. A nada reservarè.

Guio. Y si un pobre pescador,
de buen gusto os pretender,
que averes ha de dexar?

Gloo. Dexará barcos, y red.

Gnio. Y si fuere un hortelano?

Glor. Las flores de su vergel.

Guio. Un pastor con una oveja?

Glor. Ha de dexar esta rez.

Guio. Si es Escriviano?

Glor. La pluma.

Guio. Siendo pintor?

Glor. El pincel.

Guio. Pues yo Señora refuelvo,
en dexar todo mi aver,
por mirar vuestra hermosura.

Glor. Y todo tu aver que es

Guio. La hambre quando nõ como,
y quando bebo el plazer.

Glor. Y tambien la dama dexas?

Guio. La dama no puede ser.

Glor. Porque?

Guio. Porque es la taberna,
y amola con tanta fé,
que si no miro tu ramo,
luego tendre mi cipres.

Rem. Señora aunque mi dilcurso
porque en vuestro favor es,

a vuest-

a vuestra oculta beldad,
singular llega a creer,
ya mi alvidrio no es mio,
y assi todo dexarè,
comó no sea la dama.

Guio. Con ella no me vereis.

Remi. Quedad con vuestra belleza.

Glor. Ydos con vuestro querer.

Mus. Ay de aquel,
que tu rara beldad no llega a ver.

Salé Alexo.

Alex. Por una escondida gruta,
a estos jardines me entrè,
y ando siguiendo una voz,
todo mysterios se ven,
y instrumento en lo escondido
puerta de Abril lobregues,
si estarà en este pensil,
que encanto parece, ò fuè,
la rosa que ando a buscar,
mas amante que el clabelio
mas que miro no està solo?

Glor. Passos siento, si es por bien,
que galán, que bello joven!

Alex. Que ayrosissima muger!

Glor. En los jardines entrò,

Alex. Passea en este vergel,
a su sol grosera nube,

un velo delgado es,
 quicà no querrà luzir,
 solo por no verme arder,
 si acaso gloria serà?

Glor. Yo soy Gloria, que quereis?

Alex. Ya no puedo querer mas,
 Señora pues os hallè, *de rodillas.*

Glor. Porque no quereis mi vista?

Alex. Fuera el dezirlo altivez,
 yo no lo puedo explicar,
 vòs si lo podeis saber.

Glor. Y si no quito el reboço.

Alex. Ya por mi gloria tendre,
 si no fuere a vuestros ojos,
 el quedar a vuestros pies,

Glor. Levantaoe,
 que respectivo!
 bien distinto està de aquel,
 que al primer passo de entrar,
 pidiò la gloria de ver,
 quien sois joven?

Alex. Soy Alexo
 de Chipre Principe que
 peregrino en vuestra busca
 ando ha mucho, ha poco entrè
 en mi patria de quien vos
 por mas dicha Cielo hafeis.

Glor. Principe heroico que entraste

flor deste jardin a ser
dando a la Roza desmayos
dando zelos al clabel,
donde tu atencion constante,
tu discreta sencillez
enseña al jasmín verdad,
a la Clisic acuerda fé,
aunque medroso, o valiente,
porque esto mas proprio es
nò te atreves a mirar,
y te atreves a creer,
yo que de mi vista gusto,
que logres el alto bien,
aunque para merecerla
no haya caudal en tu ser,
quiero proponerte aqui,
las condiciones con que,
si es que aspiras a mi vista,
te has de introducir.

Alex. Tened,
ya yo por todas estoy,
sin oyrlas.

Glor. Las dirè.

Alex. Porque, si ya las concedo,
sin escucharlas.

Glor. Porque,
al examen queda mal,
aunque a la fè quede bien,

primeramente tu Reyno
tu estado, fausto, y plazer
has de renunciar por mi,

Alex. Parece no os conosceis
adonde un mundo era nada
dezidme una Chipre que es?

Glor. Tambien haveis de dexar
le belleza a quien quereis.

Alex. Eſſo ſolo no es poſſible.

Glor. Como dezid?

Alex. Como fiel

ni por ver vueſtra hermoſura
dexarè vueſtro querer.

Glor. Que discreto que advertido?

vueſtro alvedrio tambien

haveis de dexar por mi,

y al fin todo vueſtro ſer

ſin eſcuſa, ſin reſerva

que de Amor en eſta ley

el que me tubiere a mi

ni aun a ſi ſe hade tener.

Alex. Tiempo ha belliffima Gloria

que por vos de mi no té,

ſi foy vueſtro que pedis?

Glor. Con que en todo concedeis?

Alex. Es afrentar mi fineza

el repetirlo.

Glor. Eſtà bien

ya hallê el hombre q̄ buscava,
aya Musica, y plazer
que oy Alexo generoso
es despojo de la fê:
corra mi belleza el velo
para que tenga esta vez
la fortuna de lograr,
el valor de merecer.

*Quita el volante, y suenan dentro
los instrumentos, y Musica.*

Mus. Parabien, parabien
Alexo te den
las flores hermosas,
clabeles, y Rozas,
las esferas bellas,
luzes, y estrellas,
las perlas corrientes,
luzeros, y fuentes,
los aytes suaves,
Zefiros, y Aves,
los hombres tambien
parabien, parabien.

Glor. No hablais, no os pareço hermosa
que dezis?

Alex. Me arrebatè
absorto en vuestra hermosura,
adonde dezir no se
si os veo en tierra deidad.

324 *Enganos do Bosque ,*

si os miro en Cielo muger.

Glor. Parabien me den las flores
joven en este vergel
del triunfo que a mi hermosura
ha consagrado tu fé.

Mus. Parabien parabien.

Alex. Parabien me den los Cielos
de altivo llegar a ver
sin embozo lo divino
lo bello sin esquivez.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Parabien me de la tierra
viendo que en ella encontrè
un mortal sin inconstancia
un hombre sin interez.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Parabien me den los hombres ,
puesto que el tesoro hallè
que qual descubiertò Cielo
en campo escondido fuè.

Mus. Parabien parabien.

Glor. Eya valeroso joven
veni adonde logreis
a vista del Rey mi Padre
la Magestad sin desden:

Jerusalèn os aguarda,
y en ella que justo es
el laurel de vencedor

con la corona de Rey.

Alex. Aunque todo el Cielo hallé
en vuestra Jerusalem,
despues del bien de miraros
ya no me queda otro bien.

Glor. Vamos porque logreis todos.

Alex. Todos en este se ven.

Glor. Y digan flores , y estrellas.

Alex. la tierra , y Cielo tambien
para celebrar mi dicha.

Glor. Para aplaudir vuestra fè,

Ellos, y mus. Parabien parabien. *vanse.*

Sale Remolo , y Roma.

Rem. Como os cuento Roma hermosa
por vuestra belleza rara
dexè la gloria porque es
mi fineza tan hidalga
que el Cielo en la possession
doy por vos en la esperança,
y assi buelbo a vuestro ojos
donde os acuerdan mis ancias
la pretension de admitido
o por influxo, o por paga.

Rom. Ni a mi , ni a vos està bien ,

Remolo en tan justa cauza
que compre vuestra fortuna
a cuenta de mi consancia:
mi primer empleo ha sido

Alc-

Alexo, ausente se halla,
 y no quiero que presuman
 que fue mi fé tan liviana
 que de ausente pude hazer
 lo que no hize de mal paga:
 a todo tiempo que buelva
 a su Corte, verè cauta
 lo que a mi esperançã devo,
 y si esta me desengaña
 entonces sin ser mudable
 dexarè de ser ingrata.

Rem. Que puedo aguardar señora
 si encuentro en vuestras palabras
 por satisfacion los zelos,
 los miedos por esperançãs.

Rom. Aguardad que buelva Alexo.

Sale Mirlina.

Mirl. Si vendrà, que aunque en distancia
 se mira tan superior,
 mi poder, o ciencia rara
 a vuestros ojos presente
 le harà, dando fin mi gracia,
 a tanta duda gemida,
 y a tanta fé suspirada.

Rom. En hora buena te vea,
 gran Mirlina.

Rem. Ilustre sabia.

Rom. Hazed que parezca Alexo.

Mirl.

Mirl. Primero a superior causa,
ordena mi providencia,
que a las dos hermosas damas,
que yazen a media vida,
porque sin mitad del alma,
buelban a su ser primero,
pues el sitio que las guarda,
aqui pizais, ò vos otras
hermosuras desdichadas,
que entre la vida, y la muerte,
ya tocais la sombra infauſta,
en mortaja de affucena,
en tumulo de esmeralda,
salid del profundo sueño,
romped la debil mortaja,
Sabina, Aglaes.

Las dos. Que dizen?

Leuantanse de las Ramas que las cubren.

Sab. Quien nos busca?

Agl. Quien nos llama?

Sale Falanjes, y Guion.

Fal. Azia aqui las voces fueran.

Guio. Valgate Dios por fantasmas!

Mirl. Principes, damas illustres,
que con poſſia tan rara,
a Alexo esperais haziendo,
en demonstracion tan alta,
exemplo de la firmeza,

el sexo de la inconstancia,
todos renacidas luzes,
que entre las sombras opacas,
del encanto conservasteis,
por admiracion preclara,
nò solo la misma vida,
mas tambien la misma llama,
oydme que rompo el velo,
pues ya mis voces desatan,
del metaforico assunto,
el emblema. Yo la sabia
providencia soy de Dios,
quando a Alegoria passa,
el auto, porque ninguna
el nombre mejor alcanza
de sabia que su divina
providencia, esta miraba
el llanto que por Alexo,
su esposa, su madre, y patria
hazen, que en esta poesia,
todas tres passan por damas,
yo pues providencia justa,
para poder conservarlas
su vida, que en tal extremo
de dolor, ya peligrayan,
al encanto las llevè,
de sus dulces esperanças,
donde duraron de agenas,

o vivieron de engañadas,
quando el raudal de su llanto,
rapido las anegava,
de quien es simile el rio,
donde cayeron incautas,
bolbiendo al supuesto cuento,
donde las Cidras retratan,
a las esperanças verdes,
en que su vida se alarga,
pasando a otra alegoria,
Remolo que desencanta
a Roma pues de una aldeya,
que fue en su primera infancia,
donde arrinconada estuvo
del mundo a Corte la passa,
quedando el empleo amado
de sus alras esperanças.
Remolo aqui desta historia
otra alegoria entabla,
y dexando sombra, y cuento,
bolbiendo solo a la farça,
a ti Remolo te riño,
la ofadia temeraria,
de escudriñar los secretos
de las sciencias soberanas,
aventurando las vidas,
que mi piedad sustentaba,
en el sueño deste encanto,

hasta

hasta tener mas templadas
 sus passiones, y pues ya,
 destas prodigiosas damas,
 a quien conservè dormidas,
 capaz el dolor se halla,
 de rezistir tanto golpe,
 con vos otras admiradas,
 queden al mirar de Alexo
 la fortuna soberana,
 donde la corona imbidia,
 quanto ya del trono passa,
 ò vos otros poderes soberanos,
 contra quien no ay distancia,
 ni eminencia,
 pues rindis lo imposible,
 a vuestras manos.

Hijos al fin de mi divina
 ciencia.

Presente mostrareis a estos
 humanos,

Aunque se este tan lexos,
 y a su essencia

A Alexo soberano, y su vitoria,
 a todo el mundo quede
 por memoria.

Descubrese un trono; y en el Gloria, y
Alexo.

Mirl. En este soberbio trono,

que

Desenganos do Rio. 331

que a penas la vista alcança,
veis Alexo , y veis a Gloria,
dos vidas si con un alma,
ya su corona le ciñe,
ya por su esposo le aclama,
porque por ella dexò,
Dama, Reyno , Padres , Patria.

Agl. Alexo con gloria Cielos!

iab. Que dolor!

Agl. Que pena!

Sab. que ancia!

Alex. Dichoso mil vezes yo
dulce esposa soberana
que a tan poco precio pude
comprar fortuna tan alta.

Glor. No menos dichosa yo,
pues tu Alexo me restauras
la fé que andava perdida
ò de inconstante , ò de varia.

Alex. Eres de mi dicha el centro.

Glor. Tu de mi beldad la palma.

Alex. La Corona de mi suerte.

Glor. El esmalte de mis gracias.

Rem. A Alexo veo, pero
el atreverme ala clara
luz de Gloria , quedo ciego.

Fal. A mi lo mismo me passa.

Rem. Tambien mirarla no puedo

Mirl. Pues tu Roma su faz rara
tienes de ver mas falanjes,
Remolo no han de lograrla,
Sabina, y Aglaes si
porque hande pizar las plaças
de Jerusalen celeste,
ya de Roma acompañados.

Fal. Quanto mas lo dissuades,
mas se empeña mi arrogancia,
en verla la vista aplico.

Rem. He de beber en sus gracias
la luz Aguila subida?

Mirl. Castigue vuestra ignorancia
esta nube, que a su Cielo
de vuestra sombra separa.

Cubre-se el Trono.

Fal. Se escondiò, Cielos valedme.

Enio. Buenas noches camaradas.

Rem. Ya señora que de Alexo
la fortuna os defengaña
sea de mi amor el premio
vuestra mano.

Mirl. No ay negarla,
porque es empeño gustoso
de mi disposicion alta
que Remolo siendo tuyo
en dicha tan elevada
empiece un Imperio heroico

cuyas

cuyas estendidas ramas
cerquen en cordon dichoso;
toquen
desde adonde el Tiber corre
hasta adonde el Indo baña.

Guio. Para que una dama case
menos prelude le basta.

Rem. Siendo disposicion tuya
logeto mi mano blanca
a su Imperio.

Guio. Y nõ haze mucho.

Rem. Tu esclavo soy Roma amada.

Sab. Y yo de un retiro escojo

solo las sombras opacas,

que sin Alexo nõ quiero

otra dicha, confagrada

alli al Cielo pasaré

a los empleos del Alma?

Agl. Y yo te haré compañía.

Guio Mirad lo que hacedis muchachas

que si si os gasta el dolor,

eis de bolber a la plaça.

Mirl. Calla loco, esse disinio

a vuestra firmeza elmalta

ilustres Damas, y aqui

pide perdon de sus faltas

ingenio, que torpe escribe

de aquel que afectivo ama.

NOVENA

D E

S. ALEXO.

El Cielo en su esencia siempre viva
 gloria, bien, esplendor, lustre, victoria,
 es Alexo en valor, y esfera activa,
 victoria, lustre, bien, esplendor, gloria,
 con que el Cielo Zafir de luz activa,
 nos retrata de Alexo la memoria,
 ò tu si al Cielo clama tu del bello,
 y nunca Alexo, porque Alexo es Cielo.

PRIMEIRO DIA:

Consideraçã de como o Santo amou a Deos desde logo.

UNica prenda a su padre
Alexo en Roma naciò,
uno, porque como Alexo,
no era possibile aver dos;
amor en su tierna edad
al coraçon le tirò
como ha de vencer un niño
toda la fuerça de un Dios?

SEGUNDO DIA.

*Consideraçã de como o Santo preferio
amor de Deos ao da esposa.*

Obligado, que no amante,
Alexo se despozò,
que para Alexo nõ es laço,
lo que para otro es prizion:
A la belleza caduca
dexa por dios su passion,
porque su firmeza es piedra,
o porque su esposa es flor.

TER.

TERCEIRO DIA.

*Consideração do valor com que o Santo pizou
o Mundo.*

E Namorado del Cielò,
al mundo Alexo dexò,
mucho valor para un hombre,
poco excesso para un Dios,
por el amor la grandeza,
su constancia desdeñò,
porque entre amor, y poder,
es el poder el amor.

QUARTO DIA.

*Consideração do fervor com que o Santo bus-
cou a occasiã para vencello.*

A Su casa buelbe Alexo,
y ansi su excesso creció,
que la fineza en el riesgo,
acredita su valor;
de sus padres oye el llanto,
duele-se pero sin voz,
que es piedra para el silencio,
y es hombre para el valor.

QUIN.

QUINTO DIA.

*Consideração da constancia com que o Santo
despresou as lagrimas da esposa.*

DE su esposa al tierno llanto
Alexo no se ablandò,
y adonde una peña quiebra,
se resiste un coraçon,
hermosura, amor, y llanto,
que firmeza no venciò?
y solo Alexo no vencen,
hermosura, llanto, amor.

SEXTO DIA.

*Consideração da paciencia com que o Santo
sufreo as injurias de seus criados.*

DE quien ayer le adoraba,
oy es Alexo baldon,
mas no altera su paciencia,
lo que va de ayer a oy;
tan amante del desprecio
està, que en tal occasion
lo que dexò de sufrir
fue solo lo que sufrió.

SETIMO DIA.

Consideração da morte do Santo.

M Uere Alexo , mas tan dulce
 la muerte se le atrevio ,
 que al executar la herida,
 pudo esconder el rigor,
 halla Alexo tan suave,
 tan blanda la division,
 porque tiene quando espira,
 todo aquello a que aspirò.

OITAVO DIA.

*Consideração das lagrimas dos Pays , e
 Esposa quando acharaõ o Santo.*

A Yer auzente , y oy muerto ,
 que duplicais llanto oy,
 si entre la auzencia , y la muerte,
 ay tan poca distincion?
 basta tierno sentimento,
 cesse ya vuestro dolor,
 que es llorarle la corona,
 sentirle la division.

NONO DIA.

Consideração da gloria do Santo.

A Mor en su altivo solio ,
oy Alexo recebiò,
que se coloca el amante ,
en la esfera del amor ;
en si mismo Dios le paga,
lo que por su amor passò,
porque solo Dios es premio ,
de lo que se haze por Dios.

Dezoito façanhas do Hercules Romano, repartidas em nove Questoens pelos dias da sua Novena.

QUESTAM I.

E L amor , y la hermosura ,
por dios Alexo dexais ,
puesto que en todo hazeis mucho ,
digan en qual hazeis mas ?

Sentença.

Una flor es la hermosura,
con que sin duda haze mas,
que aquel que dexa una flor,
quien dexa una voluntad.

QUESTAM II.

Pobre , y auzente por Dios,
 Alexo en qual haze mas ,
 en tolerar su pobreza ,
 ò en sufrir su soledad?

Sentença ,
 Pobre de gusto el auzente
 es , el otro de caudal,
 mas la pobreza del gusto,
 es mayor necesidad.

QUESTAM III.

A Donis , y soberano ,
 nasce Alexo , qual es mas?
 humillar-le poderoso,
 ò sepultar-se galan?

Sentença.
 El poder es la fortuna ,
 con que haze mas en pizar,
 lo que dà naturaleza ,
 que lo que fortuna dà.

QUESTA M IV.

Possesiones, y esperanças
dexais Alexo, qual mas,
el dexar lo que teneis,
ò pisar lo que esperais?

Sentença.

Todo en la esperança cabe
en la possesion todo ay:
ansi en dexar la esperança
dexo menos, hizo mas.

QUESTA M V.

HUye Alexo, y buelve Alexo,
digan en qual hiso mas
si en huir, para no ver,
si en bolver, para no hablar?

Sentença.

Huyr, es valor de muchos,
bolver, es valor sin par,
que es mas callar el amor,
que huir a la vanidad,

QUESTAM VI.

NOble , y generoso Alexo ,
 digan en qual haze mas
 si en obligarse a pedir ,
 si en obligarse a no dar?

Sentença.

Sin ayre , queda el que pide ,
 sin accion , el que no dá :
 quedar desairado es mucho ,
 quedar sin accion , es mas.

QUESTAM VII.

EN qual dolor resistiendo ,
 mas fuerte Alexo se está ,
 viendo de su esposa el llanto
 ò de sus padres el mar?

Sentença.

De su esposa al tierno llanto
 Alexo resiste mas ,
 que aquel es^o llanto de amor ,
 este de amor , y beldad.

QUESTAM VIII.

E Ntre suspiros , y oprobrios ,
Alexo en qual hizo mas,
di, se en dexar-se offender,
si en dexar-se suspirar.

Sentença.

Entre oprobrios , y suspiros ,
sin duda menos será
sufrir al rigor un golpe ,
que oyr al amor un ay.

QUESTAM IX.

C Alla Alexo en vida , y muerte,
respondan-me qual fue mas,
si el silencio en el vivir,
si el silencio al acabar?

Sentença.

Callar viviendo es hazaña ,
muriendo es hazaña , y más,
pues sepulta el desahogo,
lo possible en lo final.

ELOGIO

A

S. ALEIXO

*EM QUE SE PROVA COMO FOY
Santo Apostolo, Santo Patriarca, San-
to Principe, Santo Martyr, Santo E-
remita, Santo Virgem, Santo Monge.*

FOy Aleixo em sua vida hum com-
pendio de todos os Santos, e o
ser como todos, o deixou como
nenhum; diga o seu Elogio, como não
mente o meu pensamento.

Foy Santo Aleixo Principe no sangue,
porque nasceo de Principes, e foy
principe na generosidade, porque deu
em huma hora tudo o que deixou em
hum dia, foy Principe no valor, por-
que venceo em todos os dias as lidas de
todas as horas; trocou o Sceptro pelo
bordaõ, a Purpura pela escravina, a Pa-
tria pelo desterro, que peregrino Princi-
pe!

Foy professo nas apertadissimas leys
do amor, que obrigaõ a huma pobreza
estrei-

estreitissima : as outras profissoens prohibem a cada hum o que tem de seu , a do amor prohibe a cada qual o que tem de si : votou nesta profissaõ huma tal pobreza que não deixou para a posse a propriedade de hum pensamento, huma tal obediencia que não tomou para a liberdade o desafogo de hum suspiro , huma tal pureza que não topou para o escrupulo a sombra de hum atomo : perfeito Monge!

A pureza de Santo Aleixo foy hum cristal , a quem não puderaõ fazer mancha as lagrimas da fineza, em quem não puderaõ fazer quebra as settas de Cupido , a quem não pode fazer sombra o vulto da fermosura , estando em presença das lagrimas, das settas , e do vulto; para hum legurar a sua pudicicia , deixa a dama , não vê a belleza , não escuta o amor , porèm Santo Aleixo afinou a sua pureza escutando o amor, vendo a belleza , buscando a dama : os mais temerão como homens , e por isso venceraõ fugindo , Aleixo não temeo como homem , porque o amor he Deos , e elle era amor: os homens medem as suas firmezas pelo que pòdem , o amor como pòde

pòde o que quer, não tem medida, os mais Santos viaõ-le sò huns homens amantes, Aleixo olhava-se hum homem amor, e aquillo que he perigo para hum humano, não o he para hum endoesado, que singular Virgem!

Foy Aleixo Santo penitente, porque foy Santo arrependido, em sua humildade se julgou delinquente, e assim se arrependeo das culpas imaginadas, porque não pode das culpas comettidas: chorou com lagrimas de peccador, escrupulos de justo, e o pranto que de seus olhos corria divida, valia fineza, porque lhe não faltasse justificado o merecimento de arrependido: firme penitente!

Os Santos Eremitas fugiraõ da Corte para a soledade, Santo Aleixo foy Eremita mais singular, porque leuou a soledade para a Corte, adonde em seu retiro fez Ermo a sua solidaõ: alli cresciaõ as flores de suas virtudes, corriaõ as fontes de suas lagrimas, voavaõ os zefiros de seus suspiros, paravaõ os silencios de sua contemplaçãõ, ficando immovel não ao brado de huma fera, que era muito, mas á voz de huma fermosura que foy mais: heroico solitario!

Tolerou Aleixo os mayores trabalhos que são aquelles que não tem exemplo, inventou a sua fineza hum novo modo de padecer, porque sentindo isto, não tivesse com quem se consolar, e se São Paulo procurou com grãos da sua paciencia a seu Apóstolado, Santo Aleixo foy hum Varaõ Apostolico, pois teve a sua paciencia tantos grãos, o outro foy Apóstolo por antonomazia, este seja o Apóstolo por imitação, que valeroso Apóstolo!

Tambem foy Santo Patriarca, porque quantos fez Santos o seu exemplo, forão filhos de suas virtudes, sua imitação foy a ley mais justa, e a regra mais apertada, aqui professaraõ seus imitadores aquellas façanhas que escreveo o amor com dedo de fogo na taboã da immortalidade: que Illustre Patriarca!

Naõ posso dizer que foy Aleixo Pontifice, mas poderey dizer que foy santidade, naõ foy santissimo Padre, mas foy santissimo homem, naõ cobrio sua cabeça a Tiara, mas deve-se à sua humilhação o trono, e se a mayor honra he o merecer a mayor honra, teve Aleixo a mayor dignidade.

Foy Aleixo Martyr de singular martyrio, porque o atormentou quem o suspirava, os outros martyres padeceraõ as prizões do ferro, este a corrente das lagrimas, os outros ao estrondo dos opprobrios, este ao som dos suspiros, os outros à dureza do cutello, este à brandura da queixa, finalmente dos outros foy verdugo o odio, deste foy tyranno o amor, e como o amor atormentou nalma, o odio no corpo; foy de martyrio a martyrio, o que vay do corpo à alma: que forte martyr?

O I T A V A.

DE Principe te miro en la grandeza,
 de Monge, y solitario en el retiro,
 de Puro te contemplo en la enteresa,
 de Penitente te oyo en el suspiro,
 de Apostol te veyo en la fineza,
 de Martyr en la fé tambien te admiro,
 quien eres Santo? te pergunte alguno,
 pues en todos te hallo siendo uno?

Coplas ao Menino Jesu.

NO lloreis ojos bellos,
no, lloreis, no,
que de veros llorar,
rie el Amor.

El amor si ha reido,
porque en rigor,
vè por una mançana,
llorar un Dios.

Rie mirando al niño,
y es la occasion,
ver que llora de frio,
quien tiene amor.

Rie viendo el portal;
porque attendiò,
que quien derrama perlas,
pajas buscò.

Rie de sus amores;
porque escuchò,
que es amante de ayer,
nacido de oy.

Rie viendo en la noche;
tanto esplendor,
y que pudo una negra,
dar mate al Sol.

Segundas Coplas ao mesmo assumpto.

POr querer bem meu minino
 neste Portal padeceis,
 que fará o querer mal,
 se assim trata o querer bem?

Sobre flores; porque vòs,
 das palhas flores fazeis,
 hum Cupido estais de amor,
 entre a neve de hum desdem.

Em rrage de servo aqui
 vos està vendo Bellèm;
 porque o amor que he travesso,
 hum escravo faz de hum Rey.

Em vossa belleza, e graça,
 infetiçais quem vos vê,
 se podeis matar de amores
 porque de amores morreis?

Andais de amante perdido
 por huma vilãa tal vez,
 adonde a purpura sofre
 grossarias do burel.

Ora prezay-vos minino;
 porque naõ chegueis a ter,
 espinhos nos malmequeres,
 tendo a flor do bem querer.

Coplas a Santo Antonio.

HE hum perdido este frade,
e certo que he taõ perdido,
que até o seu Breviario
anda em poder de meninos.

Nem o seu coração guarda,
e em termos taõ conhecidos
quem do coração não sabe,
como ha de saber do livro?

De condição taõ teimosa,
que a porfia de juiso,
desenterrará os mortos,
por contradizer os vivos.

Elle será muy fiel,
que não me meto com isso,
porèm tudo o que se perde
lhe vão a pedir com gritos.

Ocioso não será,
mas por vezes tenho ouvido,
que sahe do seu Convento
a conversar cos pexinhos.

Naõ ha fiarlhe Sermaõ,
que se lhe dá no capricho
ao Coro desce a cantar,
tendo ao Pulpito subido.

Nem

Nem à justiça perdoa,
que por tão entremetido
tira a alva ao padecente,
deixando em branco o supliclo.

Este he Antonio senhores,
porém com tudo o que hey dito
he o mayor dos Antonios
sendo o menor dos Franciscos.

A morte da Senhora Infanta D. Izabel.

O U T A V A.

A Flor de Portugal a mais fermosa,
 a perola do Tejo, em doce fragoa
 foy flor, e desfolhou-se como rosa,
 foy perola, e desfez-se como agua:
 Izabel, que ao Sol venceo briosa,
 como luz se apagou, que grande magoa,
 mostrando-nos assim quam poco dura
 a vida, a Magestade, a fermosura!

A morte do Senhor D. Miguel.

O U T A V A

A V A T U O

Justo, galhardo, Principe, discreto
 em Miguel forveoh mar tua brabeza,
 que não se livra do fatal decreto
 a purpura, a virtude, a gentileza,
 nem de tuas entranhas no secreto
 urna capaz terá sua grandeza,
 porque a tal heroe se bem se apura,
 todo o mar he pequena sepultura.

A⁶ morte de D. Angela de Borbon.

O U T A V A.

A Quelle Abril de flores que vivia
 de retratar a estrella ao firmamento,
 aquella graça donde se prendia
 de veras o mais livre pensamento :
 aquella voz , a cuja melodia
 corria a penha, e se parava o vento,
 ja se foy , ja não he ao golpe agudo,
 porque tudo levou , quem leva tudo.

*A⁶ morte da Veneravel Madre Elena
 da Cruz.*

A V A T U O

O U T A V A.

EM concha de burel perola fina ,
 viveo Ellena sempre preciosa
 no rigor penitente , a que se inclina,
 foy roza entre os espinhos mais fermosa,
 nas luzes da virtude peregrina ,
 de Portugal estrella laminosa ,
 the que a morte a ferio , que nunca erra,
 porque o Ceo tinha invejas ja da terra.

A⁶ mor-

*A^c morte da Marqueza de Marialva Dona
Catharina.*

O U T A V A.

NOs termos de discreta foy fermosa,
nos graves de severa foy amavel,
nos auges de fezuda graciosa,
na igualdade, e semblante foy estavel,
nas lizonjas do mundo virtuosa,
esta foy Catharina incomparavel,
tu morte, que nos roubas tanta gloria,
a vida levaràs, não a memoria.

*A^c morte do Conde de Monsanto Dom
Fernando.*

O U T A V A

HOmem, e vidro a morte ameaçava,
a hũ brindando, a outro possuindo
este feito de aslopros contemplava,
quando o outro de barro hia advertindo:
iguaes na duraçãõ aos dous cuidava,
ja quando a setta estava despedindo,
mas enganou-se, assim o vemos quando,
ficou o vidro, e acabou Fernando.

*Sonhando a Autora com a Madre Elena**da Cruz.*

O U T A V A.

VI-te Elena querida em doce calma;
 e logo te abracey enternecida,
 unida alli ficou alma com alma,
 que ja não pode ser vida com vida,
 o amor neste lance leva a palma,
 que espirito te prende em tanta lida?
 porém voou à gloria com verdade,
 e se tonho passou, ficou faudade.

*Pedindo-se a Autora que contasse huma his-
 toria em huma recreação.*

D E C I M A.

PAra noite, que emparelha
 as estrellas com o Sol,
 em taõ luzido farol,
 pedem hum conço de velha,
 mas a razão aconselha,
 por preceitos superiores,
 sendo das cousas mayores,
 ver neste successo bronco
 para ouvir falar hum tronco
 congregadas tantas flores.

Vilhancico ao amor Divino.

C O P L A S.

O Amor, o Rey, o forte
preso a tuas leys se vé
por huma alma que algum dia
com amor não teve ley.

Tal prizaõ, tal caso, que desculpa tem?
querer bem, querer bem.

Para buscar a tal Dama,
se deixou ver em Belem,
descalço, e nú pela neve,
isto á vista de tres Reys.

Tal trage, tal modo, que desculpa tem?
querer bem, &c.

O mayor homem de todos
a tais fugeiões se fez,
que o tiveraõ por menino
em Egipto, e Nazareth.

tal paz, tal capricho, que desculpa tem?
querer bem, &c.

Por ella a buscar feridas
entrou em Jerusalem,
que só amor poz em uzo
a fogo, e sangue o querer.

Tal risco, tal bulha, que desculpa tem?
querer bem, &c. Num

Num banquete que lhe deo ,
 apurou só de huma vez
 de seu Pay todo o tesouro
 sendo tesouro de hum Rey.

Tal gasto , tal lida , que desculpa tem?
 querer bem , &c.

Ladeado de ladrões
 lá pelo monte se vé
 dizendo que he de amor timbre
 fazer do ladraõ fiel

Tal trato , tal moda , que desculpa tem?
 querer bem , &c.

Finalmente namorado
 por sustentar sua fé ,
 chega a morrer por amor ,
 que isto de amor he morrer ,

Tal morte , tal vida , que desculpa tem?
 querer bem , &c.

Estribilho.

Deixem-no amar,
 deixem-no arder,
 quem quer bem só repara,
 em querer bem.

Vilhancico ao Amor Divino.

C O P L A S.

DE huma alma nas liberdades,
fazia o amor carranca,
porque do amor o senho,
saõ as liberdades da alma.

Arrufos em quem ama,
amanhã saõ amores,
se hoje carrancas.

Mil graças tinha no senho,
posto que de cizo estava,
que he tanta a graça do amor,
que atè no cizo tem graça.

Arrufos em quem ama,
amanhã seraõ rozas,
se hoje esquivanças.

Suspeito que zelos saõ
estas paixoens taõ estranhas,
que quem ao amor faz rosto,
logo ao ciume faz cara.

Arrufos em quem ama,
amanhã seraõ lanças,
se hoje lançadas.

Basta de senho menino,

que

360 *Enganos do Bosque*,
que he deligencia escusada,
adonde basta huma seta,
para que he huma carranca?

Arrufos em quem ama,
amanhã seraõ flores,
se hoje saõ armas.

Que importa dizey menino,
que nesta amorosa causa,
tenhais os rayos no senho,
se tendes no peito a chamma.

Arrufos em quem ama,
amanhã seraõ perolas,
se hoje saõ ballas.

Esta alma a quem nos rigores,
cara fizestes com sanha,
estava amarga, travou-os,
ja esta doce, provay-a.

Arrufos em quem ama,
amanhã saõ amores,
se hoje carrancas.

Estribillo.

Pazes pazes amor,
com vozes brandas,
que zelos em quem quer,
arrufos em quem ama,
amanhã saõ amores,
se hoje caranças.

C O P L A S.

D Este niño de esmeraldas,
que en la esperanza es feliz
todo armado de diamante,
y abrazado de robi,
que dezis dezid,

pregunto por el, y no se de mi,
Deste numen soberano,
de flores divino Abril,
todo heridas de clavel,
todo alientos de jasmin.

que dezis dezid
pregunto por el, y no se de mi.

Deste adalid generoso
ardiente honor del Zafir,
con esfuerço de Sanson,
y beldad de Benjamin,

que dezis dezid,
pregunto por el, y no se mi.

Segundas Coplas.

Un niño armado
ternura, y dardo,
de cera el pecho,
de rayo el hecho
blando al mirar,
fuerte al tirar,

lo que

lo que es pastores,
yo sospecho que son amores.

Un Dios rogando

deidad buscando ,

herido heriendo

matar muriendo,

pecho llagado ,

dolor callado ,

lo que es pastores ?

yo sospecho que son amores.

Ojos de zelos,

voz de rezelos ,

seguros laços,

inquietaos passos,

siempre a bolar,

nunca a parar

lo que es pastores?

yo sospecho que son amores.

Estribillo.

Que dizen las flores ?

que son amores ,

que dizen los prados ?

que son cuidados.

que dizen los Cielos ?

que son disvelos ,

oyd pastores ,

son disvelos , cuidados , amores.

Vilhancico à Misericordia.

C O P L A S.

Que fazes Misericordia, que ja não ha quem te escape
fazes de hum divino hum homem,
quando hum menino de hum grande,
e na verdade,
es piedade.

Que fazes que me pareces,
inclemencia no que fazes,
fazes de hum Deos hum ferido,
fazes de hum Rey hum ultrage,
e na verdade
es piedade.

Que fazes? que no mundo admiras
em extremos semelhantes
das a hum ladraõ huma gloria,
hum portal a huma deidade,
e na verdade
es piedade.

Que fazés? que do que obras,
para ignorar tudo sabes,
das a hum amante huma lança,
por dar ao amor hum lance,
e na verdade
es piedade.

Que

364 *Enganos do Bosque;*

Que fazes ? estás em ti ?
que estás em ti he constante,
das a hum Deos huma morte,
por dar à fineza hum mate,
e na verdade
es piedade.

Que fazes ? que me enlouqueces ,
o piedade no que fazes ,
por tirar do amado hum S
passas no cravo ao amante,
e na verdade
es piedade.

Que fazes ? olha clemencia ,
que a todo o Ceo não espantes,
fazes ao escravo livre,
fazes ao senhor resgate,
e na verdade
es piedade.

Estribillo.

Es piedade,
que taõ bem fazes
das feras homens,
dos homens Deoses,
das lides pazes.

Que taõ bem fazes
das pedras almas,
dos rayos luzes,
perlas dos mares,
que taõ bem fazes
dos bronzes cera,
dos troncos rozas,
flores dos aspis.

F I M.

ADAGIOS.*ADAGIO I.*

Qual he aquelle regalo,
de tal circumstancia a fe,
que o tem, e não tem nenhum,
e se come sem o haver.

Declaração.

O papo de Anjo nenhum o tem, porque os Anjos não tem papo, e juntamente se tem no prato pelo nome, mas como verdadeiramente os não ha, comê-se sem os haver:

Avizo.

Os Anjos não tem papo, nem tem papo de Anjo o que inventa os regalos para a golodice; contente-se cada hum, com o que lhe basta para o sustento, sem buscar o que lhe sobra para a demasia, e assim legurarà melhor a saude, e não affrontarà a moderação.

ADAGIO 2.

EU sou hum odre de vinho,
pelo nome, e pelo ser,

se me quereis entender,
na mão tendes o adivinho.

Declaração.

Huma Luva he vinho pelo nome, que acaba em uva, odre pelo ser, porque he de couro, na mão está a adivinhação, porque se calça nella.

Avizo.

A Luva he a decencia da mão de huma dama, se esta for instrumento de boas obras, ficará a ser concha de perola fina.

ADAGIO 3.

Nestas casas que aqui vedes,
vive hum homem de segredo,
huma ave falladora,
huma mulher de mysterios,
hum soldado muy armado,
hum indiano muy tezo,
hum bacharel, duas pretas,
e todos tem apozento.

Declaração

Este enigma se decifra em huma escrivaniha, o homem de segredo he o sinete, a ave a penna, que sempre falla, a mulher de mysterios, a obreya pelo que tem de hostia, o soldado o canivete, o indiano o lacre, o bacharel o papel,

pel, as duas pretas tinta, e areya.

Avizo.

A penna em que aqui se significa a ave falladora, quando escreve, util he a guia illuminada, quando escreve profano he pega falladora, flores innuteis saõ boas para desfolhadas, pois ainda que mostrem fermosura, naõ daõ fructo, quando pegares na tua penna deixa discursos para a razaõ, e naõ para a ociosidade.

ADAGIO 4.

HE huma negra boçal,
fazendo assintes continas,
muy perigosa no trato,
mal segura, e mal sofrida,
sempre atremedando as branças,
porèm, naõ ficaes perdida,
se a comprais; que leal
deffende a quem la cativa.

Declaração.

Décifra-se em huma figa de azeviche
huma figa arremeda a quem as dà, a de
azeviche he perigosa, mas deffende do
quebranto, e figas saõ assintes.

Avizo.

Quando os escravos saõ leais a seus
Senhores devem estes tratalos como ir-
mãos,

mãos, e não como cativos, que a cor não faz o merecimento, se não as obras: negra se chama a Espoza, e logo se diz fermosa, porque a virtude a deixava resplandecente: huma noute clara tem mais estimação que hum dia nublado: a hum escravo leal se deve melhor lugar, que a hum branco infiel, pois está cheyo de virtude, e o outro de vicio.

ADAGIO 5.

Sou cambraya, porèm sem fio,
sou sospiro, mas sem magoa,
sou dama, mas sem desdem,
sou arminho, mas sem alma.

Declaração.

Decifra-se em hum jasmim em tudo isto retratado.

Avizo.

Dama mimosa, jasmim com vida,
arminho com alma, sospiro com vulto,
cambraya com pontos; adivinha-te, e
pois na terra tens a duração de huma
flor, faze por ter no ceo a de huma es-
trella, não as do firmamento, que ef-
sas haõ de cahir, sim as do impirio,
que sempre haõ de ficar.

NA fresca Aurora, sou dama presada,
na ardente sêsta rica apeteçada,
quando na mesma tarde sou roubada,
por mais q̃ de altos muros defendida,
logo na fria noute prolongada
fico feya, e nos ossos denegrada,
o mundo todo inteiro me acha graça,
mas ay q̃ a todo o mundo fuy desgraça!

Declaração.

Decifra-se em huma Arvore de fruta na Aurora, que representa; a primavera he florida, que simboliza a sêsta no veraõ apeteçada pelos frutos, na tarde, que he o outono despojada de etes, na noute cifra do inverno feya, e despida; a desgraça la se acharà no parai-zo.

Avizo.

A Arvore satisfaz ao para que foy criada dando as flores na primavera, os frutos no outono, e as esperanças no inverno adonde quem a vè despojada a espera restituída. Arvores com alma fomos todos, que estas são simbolos dos racionais, Deos os criou para si, tomemos lição do vegetarivo, dando-lhe as flores de nossa mocidade, e os frutos de
nostro

nosso outono, para que as esperanças do inverno, achem no Ceo a posse para que fomos criados.

ADAGIO 7.

Filho sou de hum monstro horrivel, entre damas me criei, e despois dahi passei a hum martirio terrivel torney com virtude incrivel: busquei outras damas bellas, mais engraçadas que aquellas que eram frias, e estas não, e chegando a occasião fui desposado com ellas.

Declaração.

O Ambar sahe da balea, que he o môstro horrivel, criou-se entre ninfas, e perolas, que são as damas, dahi passa a ser desfeito, e torna, mostrando a virtude de seu cheiro, e nas luvas ambreadas busca outras damas, que são as que as calção, e como lhe dão a mão se desposa com ellas.

AVIZO.

O Ambar he simbolo do homem espiritual, que moydo com as penitencias, e quebrantado com as mortificações exala a fragrancia de suas virtudes, sem

372 *Enganos do Bosque* ;
batalha não ha triunfo , sem mereci-
mento não ha premio , sem pena não
ha gloria , sem trabalho não ha Santo,
porque o Reyno do Ceo padece força.

A D A G I O 8.

Sou Alva , mas de má cor
nas galenas me buscay ,
tambem na polvora , e prata ,
cuido me podeis achar.

Declaração.

A Erva chamada Salva he alva pelo ec-
co do nome , de má cor pela natureza,
acha-te o seu nome na polvora pelas sal-
vas da Artelharia , e na prata pelas que
se fazem deste metal; he erva medicinal,
por isso se diz ser galena.

Avizo.

A Salva tem má cor , mas tem virtu-
de , e esta se estima nas ervas , como
melhor se deve estimar nas mulheres,
sem se lhe olhar para a cor do rosto,
que sempre he caveira , ou bem , ou
mal encarnada.

A D A G I O 9.

ERa hum moço cõprido, negro, efeyo,
que ao Leam se chega sem receyo
donde vem ser em lanças successivos
algoz

algoz dos mortos, por dar gosto aos vi-
e neste officio, donde Deos o ajuda (vos,
volta dà , mas a volta , não o muda.

Declaração.

Neste moço se retrata o espeto , o
Leam , a que chega , he o fogo , Leaõ
na brabeza, ali especta as aves mortas pa-
ra gosto de quem as manda assar , e com
ellas dà voltas.

Arvizo.

O espeto he ministro da gula , e quem
se comprehende neste vicio , he homici-
da da faude, à gula se tegue a demasia , à
demasia , a enfermidade, comer para vi-
ver he de racional, viver para comer , he
de bruto , não te obrigo a que sejas er-
mitaõ no povoado , mas advirto-te que
não sejas glotaõ em parte alguma , nem
faças com que o teu corpo rebente
em regalos , e a tua alma jejue em vir-
tudes.

ADAGIO 10.

E U sou huma Ilha escura ,
medonha , e mal assombrada ,
porèm tenho a luz guardada
passeay pela escriptura.

Declaração.

A Ilha escura he a balca , tem guar-
dada

dada a luz no azeite, que della te tira, na escriptura a achareis em Jonas.

Avizo.

Ainda que a alma do peccador se veja feya, e medonha, como a balea, lã lhe fica huma luz escondida, que Deos não tem a sua Imagem às escuras, esta pela conversão serà luz manifesta, e não a havendo, serà na morte luz apagada; se Tezeo se não pegara ao fio de ouro, ficàra no Labirynto de Creta, se não se guires a luz de tua inspiraçaõ, ficaràs no de tuas culpas.

ADAGIO II.

HUma mulher, que apanhou a outra de imperio seu tanta pancada lhe deu, que emmendada a deixou sobre hum espelho a espancou, de nenhum foy defendida, e a admiraçaõ nos convida ver que aquy por derradeiro ficou o espelho inteiro, ficando a mulher moida.

Declaraçaõ.

Huma lavandeira assim trata a roupa sobre o espelho do Rio.

Avizo.

A roupa por lavar seja aquy significativo da alma impura, a quem a penitencia, que allude à lavadeira, purifica de toda a mancha sobre o christal do desengano, que he o Rio: a este espelho se olha o arrependido, e ali vendo o q̄ he não tornarà o que foy lavando suas manchas em suas lagrimas.

ADAGIO 12.

L Evo a primazia às mais,
ainda que Ceo, e terra
convoque alguma a tirarla,
que tenho hum Deos por defença.

Declaração.

Nas quatro cores principais, leva a primazia a encarnada, Ceo, e terra são pela azul, e verde, á defença da encarnada allude a Encarnação.

Avizo.

Com a cor encarnada, que alude ao mayor excesso de Deos fique a azul a ser ciume, fique a verde a ser terra, fiquem as mais a ser nada, e nós todos a ser agradecimêto desta fineza adonde hũ Deos quiz caber na esfera de hum homem affrontando o impossivel, e acreditando o amor.

S Ou neste mundo a mulher ,
 de quem mais se tem fiado ,
 guardo silencio profundo ,
 e sabe Deos quanto calo ,
 se perguntares quem sou ,
 nasci là por esses matos ,
 e o estrondo das armas
 me levou ao povoado ,
 se quereis saber quem sou ,
 o dizello he elcuzado ,
 mas tomado pelo ecco ,
 vo lo diga algum cavallo.

Declaração.

Da tranca se fia a casa toda, nasce no mato, porque he lenho cortado ao ferro, se traz ao povoado do ecco do nome na anca do cavallo o acharàs.

Avizo.

Nem toda a tranca segura a casa, nem toda a chave cerra o cofre, não fies o teu segredo se não de quem o souber guardar, e em rigor ja quando o dizes a outrem, o não he, que segredo de do-us fica de nenhum, muitos são os que ouvem, poucos os que calão, não compres o teu desafogo com o teu perigo, olha aos que tem arruinado essa facilidade

de

de se Sanção não tivera lingua, tivera
olhos.

ADAGIO 14.

HOntem fuy flor;
hoje sou prato,
amanhãa estrella;
adivinhay sabia donzella.

Declaração.

O mel tira a abelha da flor, em favos
se leva ao prato, na cêra dà a luz, que he
a estrella.

Avizo.

Muito antigo he o ser desgraçada a
fermosura, todos sabem o como a abe-
lha he a tyranna das flores, pagando-
lhe com feridas o que lhe leva em doçu-
ras, destas faz o seu mel, mas o como
o fabrica nenhum o alcança, o que bus-
car nas flores das virtudes, na Angelica
da pureza, na Rosa da graça, na Asluce-
na da loucura, na Perpetua da constan-
cia, na Viola do recato, no Girasol a
contemplaçãõ, acharà o segredo do a-
mor mais importante que o da abelha, e
mais doce que o favo.

NAsci entre gente nobre,
 e por isso se relata,
 que entre moeda de prata,
 corro moeda de cobre,
 todas saõ a me perder,
 para isso me vaõ a olhar,
 ellas a me desterrar,
 e eu a apparecer,
 nem por ver aborrecerme,
 trato nunca de auzertarme,
 porque ellas a praguejarme,
 e eu a apparecerlhe,
 entre prata sou a liga,
 entre assucenas borraõ,
 entre perolas se naõ,
 e naõ tenho mais que diga.

Declaração.

A esvilhaca nasce entre a nobreza do trigo, que comparados, hum he prata, outro cobre, quem o escolhe, a desterra, e as mais adiçoens saõ de hum, e outro.

Avizo.

Purifica-se o trigo da esvilhaca; e joyo, e dos mais vicios que traz da terra, assim deve apartar de si o virtuoso toda a imperfeição que conhece na sua alma,

por-

porque a mà companhia dos defeitos
naõ perverta o nascimento das virtudes.

ADAGIO. 16.

T Erra dura os produzio ,
hum defunto os cultivou ,
huma louca os desfolhou ,
huma poeira os cobrio.

Declaração.

Dezata-se este enigma nos cabellos
cortados à moda , a cabeça os produz ,
que he terra dura, cultiva-os o pentem,
que ou seja de tartaruga, ou de osso, ou
ponta, sempre he de defunto , a louca a
moda , que os cortou , os pòs a poei-
ra , que os cobrio.

Avizo.

As modas nunca pòdem ser invenço-
ens da razaõ , sendo injurias da natu-
reza , pois com ellas se desfigura a per-
feiçaõ , com que nos criou, nos cabelos
corta o adorno , nos pòs anticipa a ve-
lhice, nos sinaes , mancha o rosto , na
cor , enmascara as faces ; estas são as
suas loucuras , com outras , que por
destruirem a fazenda , agravam a conf-
ciencia , tu oh dama que tanto destas
modas te presas , pois conheces o Au-
tor da natureza , naõ trates de emmen-
dala,

380 *Enganos do Bosque,*
dala, que a fermosura, que busca na
invenção, está nos seus primores.

ADAGIO 17.

POr medo de aquella torta
me armey, inda que está ja
presa a servir, de mim digo
sou huma, sou hum, são mais.

Declaração.

Adivinha-se em hum dedo com di-
dal diz ser huma, porque na mão entra
o dedo, ser hum, pelo em que está o
didal, são mais pelos outros.

Avizo.

O que se arma por prevenção he pru-
dente, o que se arma por temor he co-
barde, nem sejas tão temerario, que
te chamem louco, nem tão prudente,
que te chamem cobarde, nem desafies
os perigos, nem fujas das empresas,
que se forem honrosas, primeiro está o
credito, que a vida.

ADAGIO 18.

ANdo encuberta a fogir
de quem me busca ligeira,
e só huma feiticeira
me poderá descobrir,
hum cavallo desbocado
me anda ligeiro a seguir,

mas

mas em quanto não cahir ,
não logratà ter-me achado ,
aquy estou, não me resisto ,
posto que encuberta vou ,
que a quem pergunta quem sou,
dou a resposta de Chrilto.

Declaração.

Este enigma significa a mesma adivinhação , que está encuberta a quem a procura adivinhar , a feitiseira he a que adivinha, o Cavallo desbocado o pensamento , que em quanto não cahe no que he, não alcança, a resposta de Christo diz ser a mesma.

Avizo.

As adivinhações são hum passatempo licito do qual se pòde uzar sem que o escrupulo se atreva ao divirtimento, alli adivinha a descreta o presente não faz nenhum passatempo de querer adivinhar o futuro, se são bens, pòdem mentirlhe , se são males , para que he anticipalos? deixemos ao tempo fazer o seu officio , e elle he o que mostra tudo , e lò a Deos são antes patentes as seus segredos.

VA' fôra a negra , e mulato ,
 que sô a perseguir vem
 a este homem de bem ,
 que com Deos hade ter trato,
 eu feya , e grosseira sou ,
 mas creyo que Deos me ajude
 porque os vicios da virtude
 apartando sempre estou.

Declaraçãõ.

Huma peneira deita fôra o joyo , e
 esvelhaca significado no mulato , e ne-
 gra, o trigo no homem de bem, que com
 Deos ha de ter trato na hostia.

Avizo.

Do trigo se aparta toda a mà mistura
 primeiro que chegue ao Altar: assim deve
 o Sacerdote purificar-se de todo o defei-
 to , antes que entre á Missa , fique taõ
 mortificado como quem vay a represen-
 tar hum Christo , e taõ claro como
 quem se vay a misturar com hum Deos:
 a sua dignidade sae da sua esfera, se a naõ
 alcança a conhecer como deve , esti-
 me-a como pòde.

SIrvo ligeira , e forte
 estas , e aquellas,

com hum corpo que só tem guêlas,
olhos, imbigo, pernas,
os olhos das capeladas,
e destas sahem as guêlas,
as pernas saem do pescoço,
tendo o imbigo nas pernas.

Declaração.

Em huma thifoura se achará tudo isto.

Avizo.

A thifoura tem olhos, e não tem cabeça, e a mulher que só olha para as vaidades, não tem cabeça ainda que tenha olhos, trate pois a dama menos cauta de cortar com o aço da tua resistencia as raizes às folhas de suas liviandades, e logo terá cabeça tendo sizo.

ADAGIO 21.

O Uça Senhora Condessa
monstro sou em que me pez,
tenho a boca nos pes,
e os braços na cabeça,
sou amo, e desengano,
Alfayate, e Artilheiro,
Cavalhero, e Cofinheiro,
e nada disto he engano,
tambem se me daes a mão,
nisto que de vòs se fia

vos direy huma heresia,
ouvis? lou irmão de Adam.

Declaração.

Vereis a declaração em hum fugareiro, chama-se Alfayate, porque cose, Cofinheiro, porque serve na cosinha, Artilheiro, pelos estalos do lume, Cavalheiro, porque lhe offerecem muitas iguarias, Amor, pelo fogo, delengano, pelo barro, e por este mesmo se diz irmão de Adam.

Avizo.

A boca tem nos pès o que se feva no lodo de seus vicios, sem levantar a cabeça a olhar as verdadeiras delicias, e estas estão no Ceo, não as troquemos pelos gostos da terra, que são bens mintidos, e lodos verdadeiros, he mais nobres o nosso barro, que o do fugareiro, para buicallos.

ADAGIO 22.

SOu ouro, mas confesso,
que em sahindo da mina perco o pre-
alli vivo etcondido, (fo
e se deito a cabeça, sou perdido:
à luz sempre me nego,
tenho propriedades de morcego,
ainda ahi me espretaõ,

e huma

é huma mulher para matar-me pei-
em caso desestrado. (taõ
naõ fico eu, naõ sô prejudicado,
naõ sey se vos lembraes, eu naõ o digo
de aquelle forte, que acabou comigo
por dois buracos, que a buscar-me vaõ
he que se teme a minha perdição.

Declaração.

O segredo em sahindo do peito, fica
perdido, a mulher a quem peitaõ, he
a lingua, a muitos tem destruido o
que senaõ guarda, hum foy Santaõ,
por quem se diz o forte, os buracos, saõ
os ouvidos, que o percebem.

Avizo.

O segredo he virtude, assim como
a chocalhisse vicio, e por si corta quem
o naõ sabe guardar, pois fica com o ti-
tulo de treidor por infiel, de impruden-
te por liviano, de incapaz por ligeiro, de
mentiroso por falso: fação todos por fo-
gir estes sobrenomes advertindo, que
hum vaso ainda que seja precioso, se naõ
retem a agoa, ou oleo que se lhe fia, logo
perde a estimação, assim o que verte o
que se lhe chegou a comunicar, fica
inutil para se fazer apreço d'elle.

ADAGIO 23.

Estou na boca da dama,
 estou na mão do galhardo,
 estou na prizaõ do rico,
 estou na inveja do brabo.

Declaração.

O rubi retrata a boca da dama, está no dedò do bisarro, na prizaõ do rico, que he o ouro, de que se faz o anel, que prende a pedra, na inveja do brabo, porque o fogo a pòde ter desta preciosa brazza.

Avizo.

Quando a dama senaõ derrama em palavras vans, conversações inuteis, praticas ociosas, ditos satiricos, e pelo contrario faõ as suas palavras regradas pela prudencia, medidas pela modestia, dittadas pela virtude, he a sua boca rubi precioso; que despede luzes puras, concha de nacar donde saem perolas finas, cravo rubicundo, que exhala fragrancias suaves. Tu a que leres este avizo, falla bem, e pouco, para que não destrua o nimio ao acertado.

ADAGIO 24.

EU, e hum mancebo fim
 partimos em companhia,
 cumprimos a romaria,
 que este era o nosso fim,
 elle tres logo buscou,
 e eu só a hum busquey,
 com que hereje me fiquey,
 e elle martyr acabou,
 e se a vossa habilidade
 me não alcança, entre-tanto,
 buscayme no Espirito Santo,
 e a elle na Trindade.

Declaração.

Este enigma se decifra na esvilhaca,
 que parte na companhia do trigo, o
 qual busca a Trindade no Sacramento,
 e a esvilhaca o Espirito Santo na figura
 dos pombos, a quem se deita.

Avizo.

Naõ ha coula taõ desprezada, que
 não tenha alguma cousa util: a esvilhaca,
 e joyo, que não val para o trigo, des-
 te se aproveita a galinha, daquella o pom-
 bo, assim ficam tambem a servir ao ho-
 mem para quem tudo foy criado: a na-
 tureza com tudo reparte de sua pro-
 videncia, porque o seu autor lhe co-

municou virtude para não faltar com elle, nem ao grão mais desfavorecido, nem ao bichinho mais pequeno, nem à erva mais humilde.

ADAGIO 25.

Nasci na casa de Deos, meus cuidados são arminhos, trato só com os Anjinhos, porque sou cuidados seus, todo o dia estou calada, minha boca he por demais, inda assim não me creais, que sou huma desalmada.

Declaração.

Huma boneca nasce na casa de Deos porque a fazem as Freiras, trataõ-na as meninas, o mais não ha mister explicação.

Avizo.

A boneca não tem alma, e tem corpo, e a mulher que só tratar do corpo, e não da alma, parecerá boneca muda para callar os louvores de Deos, cega para não ver sua perdição, mouça para não ouvir suas advertencias, não haja pois quem imite esta boneca, e o

que

que he brinco para meninas, não seja re-
trato para grandes.

ADAGIO 26.

A Huma dama muy bella,
furtou hum ladraõ tyranno,
não por fraude, nem engano,
nem por namorar-se della,
e foy tal a sua estrella,
que nunca pode tornar
a ver a terra, ou lugar,
donde o ladraõ a tirou,
mas para sempre a levou,
para nunca mais voltar.

Declaração.

A dama he a mocidade, o ladraõ o
tempo.

Avizo.

Dous ladroens ha contra a mocidade,
hum a morte, outro o tempo, e se es-
capa do primeiro, não pôde do segun-
do: usa pois de tua primavera, como
quem espera seu inverno, porque quan-
do se desfolhem as flores de tua moci-
dade, te aches com os frutos de tuas vir-
tudes.

FM huma monção ditosa,
 duas fizeraõ jornada,
 huma feya, e engraçada,
 outra fria, mas fermosa,
 huma tem mãy poderosa,
 outra pay de esfera inteira,
 mas chegando sem canseira,
 adonde a ventara as chama,
 a huma ficou por dama,
 a outra por cozinheira.

Declaração.

A perola, e a pimenta ambas fazem jornada para Portugal, huma filha do mar, outra da terra, nesta huma vay para as cozinhas, outra para as estimaçoens.

Avizo.

Diraõ que a perola não teve a desgraça da fermosa, nem a pimenta a ventura da fea, mas em tudo não foy assim, porque esta ficou para a utilidade, e aquella para a estimação. Aprendamos da pureza de huma, e olhemos a virtude da outra, pois veyo da sua patria para bem das estranhas, e por isso tem

graça, porque faz beneficios, e tem fogo, porque tem caridade.

ADAGIO 28.

HEilla vem sem se sentir,
com as pernas a de fora,
aparenta com quem mora
bem a pudera vestir,
confesso que inutil'he,
negra, feya, preguiçosa,
atreçoada, aleivosa,
mas tem virtude em hum pè.

Declaração.

He huma centopeya que aquy se chama parenta da aranha, o seu nome diz cento pè.

Avizo.

Ter hum bom nome, he mão costume, por trazer a virtude debaixo dos pès, porque a piza, pouco importa que o baptismo lhe dê o nome de hum Santo, se o não imita, pouco vay em que a ascendencia lhe dê o ser de Principe, se elle o deslustra com as suas accoens, o verdadeiro nome he o que dà o procedimento, o merecimento he o que faz ao homem, e não o titulo.

TOdo o dia em hum canto estou metida , e alli de continuo trabalhando , nenhum me ouve a voz , nem sou sentida , em trabalho , e silencio vou passando , tambem em obras pias levo a vida , que hum , e outro ferido vou curando , e ainda assim dizem muitos sem vergonha , fujaõ dessa mulher , que tem peçonha .

Huma aranha explica tudo isto .

O hipocrita he como a aranha no exterior , mostra obras de virtude , e caridade , e no interior está cheyo de peçonha , e malicia , e se algu em o reprehende , logo se desboca com soberba ; porque não conhece a humildade : fugir deste vicio , que ainda peor , que ser mão , he o querer parecer bom , porque sobre a perversidade leva o fingimento .

ADAGIO 30.

POr hum caminho achado,
 porèm em verdes laços intrincado
 tres damas encontrey,
 huma amo, outra amey, outra
 amarey,
 quem são estas tres damas me dizey,
 e a qual preferida aquy deixey?

Declaração.

As tres damas retratão amendoeira,
 ameixieira, amoreira, no principio dos
 tres nomes, achareis; amo, ame, ama-
 rey, daquy se segue a questão, de qual
 està de melhor partido, se a dama que
 se amou, se a que se ama, se a que se
 hade despois amar?

Aviso.

Amor senão permanece, não he amor,
 ame he só conselho, amey, suppoem mu-
 dança; com que estes tres amores não
 valem por hum: assim são os humanos
 explicados nas experiencias.

ADAGIO 31.

Sou o Soldado mais forte,
 o Medico mais benigno,
 o encantador mais fino,
 o mais digno Sacerdote,
 Sou o Deos mais venerado,
 digaõ pois em tal valor,
 quem he Deos encantador,
 Medico, Frade, Soldado?

Declaraçaõ.

Tudo isto se acha no vinho.

Avizo.

O que provar de suas virtudes não
 passe da moderaçaõ á demasia, adver-
 tindo, que nas outras se perde a saude,
 e nesta o entendimento,

ADAGIO 32.

Dentro nesta casa estaõ
 incognitas duas damas,
 huma às escuras com luz,
 outra em gemidos sem magoa,
 ninguem as ha visto entrar,
 que não tem porta a morada,

e só

e só as veraõ fair,

quando lhe cair a casa.

Declaração.

O ovo he a casa da clara, e gema, a esta aludem os gemidos, á outra a luz, porque se diz, não estar às escuras olhando ao nome de clara, e do ovo não podem sair, senão quebrando-se a casca.

Avizo.

A dama recatada nenhum deve saber a porta, alli deve estar na sua morada impossivel ao atrevimento, e occulta à politica, e como là se diz, sem ver Sol, nem Lua, vendo só a Lua da sua pureza, e ao Sol da sua virtude, e desta sorte terá sempre Diana catholica, e nunca Venus incauta,

ADAGIO. 33.

COm hum homem mui forte me abraçey.

e alli delle vencido me deixey,

e logo me roubou

a melhor joya, que em meu cofre

achou,

como hum louco fiquey emperda tal,

fem

sem poderme curar o Hospital,
mas ainda que agravado aquy vos di-
go,

que do tal homem sempre sou amigo.

Declaração.

Este enigma se declara em hum be-
bado, a quem o vinho rouba a melhor
joya, que he o entendimento, e nem as-
sim deixa de ficar seu amigo.

Avizo.

Os outros vicios roubam a vontade,
o do vinho, o entendimento, e assim o
que o segue, passa da esfera de homem à
de bruto: grande desgraca he a de
quem vende pelo appetite a razao, tro-
cando pelo vinho o racional.

ADAGIO 34.

Fuy com estudo criado,
miudo de perfeçoens,
impero nos coraçoes,
meu suor he estremado,
louca estais por definirme,
eu por encobrirme morro,
naõ me toqueis no cac horro,
porque ladra a descobrirme.

Declaraçõ.

Diz de si o legaçõ, que impera nos coraçõens, porque cada folha da sua arvore he hum coraçõ, cada flor he huma perfeiçõ miuda, cachorro alude ao ecco do seu nome, que acaba em caõ, o seu suor no alambique he do mais odorifero.

Arvizo.

Mayor dominio he o dos corações que o dos Reynos, que o imperio do amor he mais nobre que todos, todo o mundo conquistou Alexandre, e nelle se grangeou muitos inimigos, e nenhum amigo, e quando necessitou de quatro palmos de terra para a sepultura, naõ houve quem lha desse: procura õ tu reynar nos coraçõens, obrigando a huns com os beneficios, a outros com o exemplo, e a todos com o agrado, que este val muito, e custa pouco.

ADAGIO 34.

C Ara feya, pequenino,
magrinho sem carne alguma,
me prendem na minha patria,

por-

porque me querem na sua,
 se me quereis encontrar,
 me achareis á pouca custa,
 que ando encostado em dous pãos
 passeando pelas ruas.

Declaração.

O carapão he peixe feyo, e pequeno,
 não tem carne, porque he peixe, passeia
 pela rua encostado em dous pãos, sendo
 hum a selha da regateira, que o leva a
 vender, o outro o em que acaba o seu
 nome, cujo principio está na primei-
 ra palavra da adivinhação, e o fim no
 segundo verso.

Avizo.

O carapão he peixe pequeno, e feyo,
 mas saboroso, e barato, com que não
 só serve aos ricos, mas tambem aos po-
 bres, não importa ter má cara quem
 tem boas obras, nem se medea genero-
 sidade do animo pela estatura do corpo,
 pequeno foy Alexandre, e conquistou
 o mundo, e o Catholico por mais pe-
 queno, e desprezivel que seja, pòde
 conquistar o Ceo, e neste será grande, e
 será fermoso.

ADAGIO 35.

SE com discurso não bronco
quereis decifrar-me assim,
vereis que se encerra em mim,
homem, ave, bruto, tronco.

Declaração.

Hum çapato calçado tem de homeni
o pè, de bruto o couro, de ave o ecco,
nas ultimas letras de tronco o salto.

Avizo.

Todo o que não calçar à medida do
seu pè, darà passos errados, perdendo
na estrada da vaidade o caminho que
devia seguir em sua esfera, caiba o ho-
mem em si, e não busque em sua so-
berba, o que não acha em seu nasci-
mento.

F I M.



